

LUIZ DE OLIVEIRA

***CENTENÁRIO DA PRESENÇA
SALESIANA NO
NORTE E NORDESTE DO BRASIL***

- VOLUME II -



De 1933 a 1964

CENTENÁRIO DA PRESENÇA

SALESIANA NO

NORTE E NORDESTE DO BRASIL

- VOLUME II -

De 1933 a 1964

Oliveira, Luiz de, 1928 -

O93/99c

Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil / Luiz de Oliveira. Apresentação do Pe. Raimundo Benevides Gurgel. - Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1994
198 p. il.

I S B N 85-7019-273-8

Conteúdo: v. 1 - Dos Primórdios até 1932
v. 2 - De 1933 a 1964
v. 3 - De 1965 a 1994

1. Salesianos - Brasil - Norte e Nordeste I. Título
II. Título: De 1933 a 1964

Índices para catálogo sistemático

- 1: Salesianos: História da Igreja.
2. Salesianos: História da Educação.

LUIZ DE OLIVEIRA

***CENTENÁRIO DA PRESENÇA SALESIANA
NO NORTE E NORDESTE DO BRASIL***

Volume II

De 1933 a 1964

Prefácio do
Pe. Raimundo Benevides Gurgel

Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios
Recife - PE
1994

I S B N 85-7019-273-8

© Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil

Reservados todos os direitos desta edição.

Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil
Rua Estado de Israel, 386 - Ilha do Leite
CEP: 50070-240 - Recife-PE - Brasil.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

1994

DEDICATÓRIA

A meus irmãos

- Sinésia, Adelino, Maria José e José Augusto,
meus **amigos** de todas as horas.

A meus amigos

- Salesianos, Alunos, Ex-alunos, Cooperadores,
(e seus respectivos femininos)
meus **irmãos** de todas as terras.

com o afeto de **amigo** e carinho de **irmão**
dedica o registro destes fastos,
para que cantemos juntos
as glórias de Dom Bosco.

Luiz de Oliveira

SUMÁRIO

PREFÁCIO	09
11 - ANOS SOTURNOS	21
Situação turva - A Inspetoria - Casas de formação - Notícias das Casas - Canonização de Dom Bosco - Pelo Brasil - Visita ilustre - Mês de Maria.	
12 - ANOS TERRÍVEIS	39
Um impasse - A favor ou contra Nassau? - Grande visita - Mais do que triste - Casa em Natal - Guerra na Espanha - No Liceu - Uma excursão missionária - Capítulo Inspetorial - Eis o grande sacerdote!	
13 - MARCHA PARA O SERTÃO	52
Progressos em Natal - Desfile em Manaus - Cajazeiras - Juazeiro do Norte - Presença em Fortaleza - Diploma especial.	
14 - ANOS DE PROGRESSO	68
Santuário da Bahia - No Grão Pará - Núncio Apostólico - Os clarins do Congresso - Desastre fatal - Certame Catequístico - A grande tribulação - Decisão penosa - Oratório de Jaboatão - O Bispo missionário - Oratório de Da. Bebê.	
15 - ENQUANTO RAIVA A GUERRA	82
Casas de formação - Vocações - Cooperadores - Ex-alunos - Oratórios - Recife - Cinquentenário.	
16 - ANOS DE EXPANSÃO	99
Editora Salesiana - Sede dos Ex-alunos - A exponencial Amélia Rodrigues - Bahia - Aracaju - Externato São Luiz - Oratório - Seminário de Manaus - Pelo sertão bravo - Outra vez São Joaquim - Natal - Visita do Pe. Reyneri - Fatos do noviciado - Manaus.	

17 - ANOS DE BONANÇA	117
Propósitos do novo Inspetor - Capítulo Inspetorial - Missões - O sítio Santo Antônio - Cinquentenário de São Joaquim - Semana Paroquial na Piedade - Sagração episcopal - Congresso Mariano - Escolas Profissionais - Campanha Missionária - Congresso de Pedagogia - As companhias - Nos Oratórios - A vez do Bongí - Cinquentenário do Liceu - Peregrinação mariana.	
18 - ANOS DE PAZ	140
Notícias do Recife - Hóspedes ilustres - Novo Bispo missionário - Pelas missões - Capítulo Inspetorial - Carpina - Em Belém - Visitador extraordinário - Casas que não emplacaram.	
19 - ANOS DE ESPERANÇA	153
Perspectivas risonhas - Chegam as Irmãs - Lajedo - Abre e fecha - Sagração de D. Ladislau - Foi milagre? - Notas das Casas - Visita do Reitor Mór - Notícias das Missões - Racismo - Capítulo Inspetorial - Desmembramento da Inspetoria.	
20 - ALBORES DE RENOVAÇÃO	176
Vida nova - Casas de formação - Encontro Inspetorial dos Cooperadores - Fecham algumas Casas - Campina Grande - Visita do Pe. Bellido - Mais uma Paróquia - Notícias da Bahia - Concílio Ecumênico - Aprendizado Agrícola Dom Lustosa - Cinquentenário em Aracaju - Pe. Geraldo Pompeu inspetor - Capítulo Inspetorial.	

P R E F Á C I O

Leitor amigo,

Está chegando às suas mãos o 2º volume da obra "CENTENÁRIO DA PRESENÇA SALESIANA NO NORTE E NORDESTE DO BRASIL" da autoria do Prof. Luiz de Oliveira. Esta obra, como já é sabido, está organizada em três volumes. No primeiro, fiz uma apresentação geral. Não vou aqui repetir informações já dadas ou conceitos emitidos.

Lembro, contudo, com alegria, o significado deste trabalho de cunho histórico. Quer ser:

- 1º) - Um preito de gratidão a todos os irmãos salesianos que, com suor e muito amor, irrigaram o solo destes 100 anos de fecundo sacerdócio educativo e evangelizador no meio dos jovens.
- 2º) - Um marco de relevante importância para a história salesiana no Nordeste do Brasil, dentro deste ano centenário: Uma rica "fonte" de consulta e inspiração.
- 3º) - Um gesto de confiança na história. A sociedade pós-moderna não acredita no passado. Mas, uma sociedade sem passado, também não terá futuro. É preciso, pois, preservar a história que passou para continuarmos construindo, com incansável ardor, a história que virá.

Neste 2º volume, o autor, com leveza de estilo e conhecimento da história:

- 1º) - Penetra, com desembaraço, os labirintos tortuosos dos "Anos Soturnos e Terríveis";
- 2º) - Faz o leitor caminhar, com esperança, com aqueles ardorosos salesianos que, na sua "Marcha para o Sertão", foram semeando, entre todos, sobretudo entre os jovens, a pedagogia do amor;
- 3º) - Atravessa, com segurança, o vale dos "Anos da Guerra" para chegar à planície dos "Anos de Expansão, de Paz, de Bonança, de Esperança";
- 4º) - Aponta, com maestria, os "Albores de Renovação" que vem chegando.

Lendo este 2º volume sobre a presença salesiana no Nordeste, você vai percorrer um caminho de 30 anos de história que se estendem de 1933 até 1964.

Os vocacionados e formandos têm aqui um precioso manancial de salesianidade que muito ajudará a conhecer e amar mais a Congregação Salesiana e sua missão no Nordeste.

Sirva esta leitura, amena e instrutiva, para reacender em todos o ardor apostólico e o amor aos jovens que nossos antepassados viveram com tanto zelo. Este legado da história está nas nossas mãos. É nosso dever perpetuá-lo vivo e eficaz no novo século que se abre marcado pelas características do pós-modernismo que tenta escantear valores que devem ser perenes.

Mais uma vez, em nome deste centenário Colégio Salesiano Sagrado Coração (Recife) e da Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil, parabenizamos e agradecemos ao Prof. Luiz de Oliveira esta pesquisa histórica feita com carinho, gosto e competência, augurando sucesso.

Recife, 16 de agosto de 1994.

Festa de Dom Bosco

Pe. Raimundo Benevides Gurgel, SDB.

Os Papas que conduziram e abençoaram a caminhada secular dos salesianos no Norte e Nordeste do Brasil.

LEÃO XIII



O Papa das preocupações sociais expressas na encíclica *Rerum novarum*. Sob seu pontificado os salesianos abriram o Colégio do Recife, semente da expansão nas terras nordestinas e do Norte do Brasil.

PIO X



Sua Santidade, assunto ao trono de São Pedro em 1903, confiou aos Salesianos a Missão do Rio Negro.



BENTO XV



Foi elevado ao Supremo Pontificado em 1914. Concedeu a púrpura cardinalícia ao primeiro Cardeal salesiano, D. João Cagliero.

PIO XI



Foi eleito papa em 1921. Tendo sido comensal de Dom Bosco, no Oratório, disto muito se ufanava. Beatificou e canonizou Dom Bosco. Chamado "o Papa de Dom Bosco" tinha este título em alta conta.

PIO XII



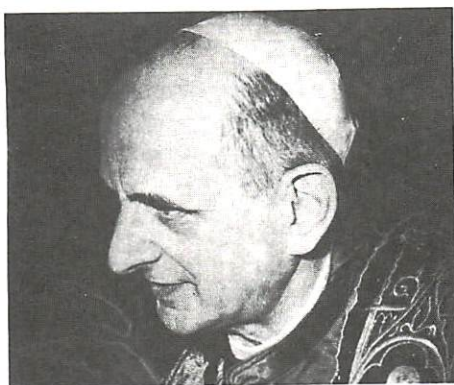
Ascendeu ao trono pontifício em 1939. Dirigiu a barca de São Pedro no meio da grande tribulação da segunda guerra mundial. Beatificou e canonizou Domingos Sávio.

JOÃO XXIII



Coroado Sumo Pontífice em 1958, por inspiração divina convocou o Concílio Ecumênico Vaticano II, que promoveu a atualização da Igreja.

PAULO VI



Subiu ao trono de São Pedro em 1963. Enfrentou o dilema de modernizar a Igreja sem abandonar os valores tradicionais. Foi o primeiro Papa a visitar a Terra Santa (1964) e atravessou o Oceano Atlântico para falar à Assembléia Geral da ONU em 1965.

JOÃO PAULO I



Teve o pontificado mais breve da história milenar da Igreja. Eleito em 26 de agosto de 1978, entregou o espírito ao Senhor em 28 de setembro do mesmo ano.

JOÃO PAULO II



O Peregrino da Paz, gloriosamente reinante.

Ao Sucessor de São Pedro e Vigário de Cristo na terra, o hino perene de acatamento à doutrina da Igreja que representam os cem anos de trabalhos, lutas, sofrimentos e glórias dos Salesianos no Norte e Nordeste do Brasil e a dedicatória reverente do humilde compilador destas gestas centenárias.

**Os salesianos existem para defender a autoridade do
Papa, onde quer que trabalhem, onde quer que se
encontrem.**

D. Bosco

(M.B. XVIII, 491)

CENTENÁRIO DA PRESENÇA SALESIANA NO NORTE E NORDESTE DO BRASIL

C A P Í T U L O X I

ANOS SOTURNOS

1933 a 1935

SITUAÇÃO TURVA

Começa 1933, um ano inquieto.

No horizonte se avolumam sinais de tempestade. Ribombos de doutrinas exóticas agitam a sociedade, infundindo uma intranquilidade latente, impalpável. Delineiam-se as ideologias totalitárias: nazismo, fascismo, comunismo, cada uma exigindo para si **todo** o homem, sem admitir raciocínios ou concessões. É dar **tudo** ao partido, submeter-se em **tudo**, até nos pensamentos, ou resignar-se a ficar sem **nada**, nem mesmo a vida.

Diante de tal radicalismo, toda a humanidade é sacudida por uns calafrios de perigo geral. Algo de tremendamente pavoroso se aproxima. Não se sabe bem o que, mas será algo assim como a destruição da humanidade. Essa incerteza aumenta mais ainda o pânico, a confusão.

Ancorados na fé, confiantes na proteção divina, os salesianos prosseguem impávidos, na difusão do Reino de Deus.

A INSPETORIA

Como o grão de mostarda do Evangelho, nos começos de 1933 a Inspetoria Salesiana de S. Luiz Gonzaga do Norte do Brasil já se desenvolvera em copada árvore que geograficamente se estende da Bahia aos limites com a Bolívia, Venezuela e Colômbia. É uma inspetoria de dimensões continentais.

O novo Inspetor, Pe. José Selva, a dirige com habilidade e prudência, secundado pelo Conselho Inspetorial constituído pelos Padres Nestor Alencar, Francisco Pinkowski e Carlos Leôncio Alves da Silva, e auxiliado pelo secretário Pe. José Bezerra.

A Inspetoria consistia então em 14 casas, incluindo os seis centros de Missão, e contava com 150 salesianos, dos quais 42 eram sacerdotes, 57 clérigos

e 45 coadjutores, além dos 6 estudantes de teologia que, na Lapa, S. Paulo, se preparavam para a ordenação sacerdotal. Em Jaboatão, 16 noviços, esperanças da Congregação, se formavam sob a guia paterna do Pe. Pedro Broda.

GIRO GEOGRÁFICO

Num sentido geográfico, do sul para o norte, eram essas as Casas Salesianas que constituíam a Inspetoria Salesiana de São Luiz Gonzaga.

Em Salvador, na Bahia, sob a direção do Pe. Pedro Ghislandi, se trabalhava com o Colégio (estudantes, se dizia então) com os cursos primário e ginásial em regime de internato e externato. As Escolas Profissionais, com as oficinas de sapataria, alfaiataria, marcenaria, ferraria, escultura, mecânica, tipografia e encadernação, educavam os aprendizes. Aos domingos florescia o Oratório Festivo e os salesianos atendiam ao serviço religioso do Santuário.

Em Aracaju, os salesianos cuidavam do Colégio, com aulas no curso primário e ginásial, em regime de internato e externato, e atendiam a duas capelanias: o Oratório de Dona Bebê e o Hospital de Cirurgia. Na pequena capela os moradores do bairro faziam suas devoções e todo o trabalho, dirigido pelo Pe. Epifânio Borges, era coroado pelo Oratório Festivo.

O Colégio Orfanológico São Joaquim, de propriedade da Santa Casa de Misericórdia, em Colônia, (atual Frei Caneca, Pernambuco) era um internato de órfãos com aulas primárias e profissionais: ferraria, marcenaria, sapataria, alfaiataria, tipografia e encadernação. Além da Igreja pública, os salesianos atendiam a duas capelanias e à assistência religiosa da população vizinha. Era diretor o Pe. Francisco Pinkowski.

Em Jaboatão, onde o Pe. Antonio Vellar acaba de se retirar das labutas administrativas, entregando a direção ao Pe. Carlos Leôncio, se concentravam as casas de formação: aspirantado, noviciado e o Instituto Filosófico, abençoadas pelo Santuário, onde eram atendidos religiosamente os moradores das vizinhanças. Havia também um Oratório Festivo.

O Colégio Sagrado Coração, no Recife, casa inspetorial, atuava com alunos estudantes internos e externos, dos cursos primário e ginásial, e aprendizes internos: alfaiates, sapateiros, tipógrafos, encadernadores, marceneiros. Havia ainda o Oratório Festivo, a Escola Noturna D. Giordano e três capelanias. Todo o complexo era dirigido pelo Pe. Nestor Alencar.

Em Baturité, no Ceará, o Pe. Paulo Moneta dirige o Colégio Domingos Sávio com alunos internos e externos, Escola Noturna e Oratório Festivo. A capela do Colégio serve como Igreja pública.

INSPETORIA SÃO LUIZ
GONZAGA em 1933



Subindo para Belém encontramos o Pe. Angelo Cerri com seus poucos salesianos cuidando do Santuário de N. S. do Carmo, do Oratório Festivo e do Colégio com alunos internos e externos do curso primário, assim como da Escola Noturna.

Em Manaus, o Colégio D. Bosco oferece assistência a mais de 1000 alunos distribuídos entre internato e externato para os cursos primário, ginásial e comercial, Oratório Festivo e Escola Noturna. A Igreja é pública e florescem a Pia União dos Cooperadores e o Centro dos Ex-alunos. É diretor o Pe. Lourenço Gatti.

Completa o panorama do trabalho salesiano nesta inspetoria, as Prefeituras Apostólicas do Rio Negro e de Porto Velho, de ambas sendo Administrador Apostólico o infatigável Mons. Pedro Massa. Os trabalhos missionários se desenvolviam em

Barcelos, sob a direção do Pe. José Domitrovitsch;

Jauareté, onde era diretor o Pe. João Marchesi;

São Gabriel, onde havia um pequeno colégio para índios e civilizados, hospital e paróquia, dirigidos pelo Pe. Luiz Pasquale;

Taracua, núcleo de missão, com um colégio para os filhos de índios, onde dispense suas energias o Pe. Antonio Giaccone, coadjuvado por sete irmãos;

Humaitá, no rio Madeira, assistidos pelo Pe. José Pena, como missionário itinerante;

e Porto Velho, com uma paróquia, capelanias, oratório quotidiano, além do serviço de visitas às tribos indígenas, animados pelo inesquecível Pe. João Nicoletti.

Trabalha-se nos campos e nas cidades, nas selvas e nas metrópoles, nos colégios, escolas profissionais, orfanatos e oratórios. Nesta multidão que peregrina em demanda da Casa do Pai, são todos os tons de vozes, que regidos pelos filhos de D. Bosco, rezam e cantam fervorosamente as glórias de Jesus Sacramentado, os carinhos maternos da Virgem Auxiliadora!

Quem se der ao trabalho de comparar com o estado inicial (Capítulo 3), sentir-se-á obrigado a exclamar: Aqui está o dedo de Deus!

CONDIÇÕES DE DIREÇÃO

Façamos uma pequena pausa para considerar o esforço sobrehumano exigido para fazer marchar em harmonia um empreendimento que se espalha por quilômetros quadrados sem fim, a maior parte no meio das selvas, sem possibilidade de comunicação por rádio ou telégrafo.

Deixando de lado as longínquas Missões, as mesmas Casas do Nordeste só podiam se comunicar por carta, ou um precário telégrafo. E os meios de

transporte se resumiam ao navio ou trem. Uma viagem de Aracaju a Salvador, que hoje se faz em 3 horas de automóvel, ou alguns minutos de avião, empregava nada menos que um dia inteiro de trem. Nas Missões, como meio de transporte se podia contar apenas com as canoas. A visita que o Pe. Inspetor deve fazer ao menos uma vez por ano a cada casa, se transformava numa aventura de vida e morte, em que o Pe. Inspetor passava dias, e às vezes semanas, dentro de uma canoa, varando rios e igarapés, sujeito a naufrágios, isolado no Inferno Verde, enfrentando grandes feras e cobras, e o que era muito pior, os minúsculos e diabólicos carapanãs.

CASAS DE FORMAÇÃO

As dificuldades eram um estímulo a pensar no futuro, na formação dos continuadores de tão rude pelejar.

O Instituto na Colônia de Jaboatão, onde se concentravam as Casas de Formação, era nessa época complexo e simples a um tempo. Porque era como uma grande família composta de três setores distintos: aspirantado, noviciado e curso de filosofia, guiados por salesianos de grande cultura e coração.



Escola Agrícola de Jaboatão - A Belém Salesiana do Nordeste

Todos juntos participavam das mesmas alegrias e emoções, todos juntos viviam as lindas celebrações litúrgicas, as esmeradas execuções musicais, as vibrantes sessões acadêmicas. E por falar em formação, registramos que em janeiro de 1932 seguiram para a Europa para estudar o curso de teologia os clérigos Antonio Campelo, Aécio Polla e Luiz Vasconcelos.

ESTUDANTADO TEOLÓGICO

E vai tão bem o andamento da Casa de Formação que, em 1934, os Superiores resolvem criar o Estudantado Teológico Salesiano do Norte do Brasil, em Jabotão. Assim, ao invés de irem para a Itália, ou para o Sul, como antes, os clérigos do Norte se reunirão em Jabotão para os seus últimos estudos eclesiásticos.

A par das grandes vantagens dessa decisão, o tempo se encarregou de revelar algumas desvantagens. A Casa de Jabotão ficou demasiado complexa. Englobando aspirantado, noviciado, estudantado de filosofia e de teologia, etapas que exigem cada uma um tratamento especializado, a direção tinha que se responsabilizar pela formação dos candidatos, desde meninos com 11 ou 12 anos de idade, até os teólogos, praticamente padres ordenados.

VOLTA À LAPA

Por isso em 1935, o Estudantado Teológico foi transferido para o Recife, anexo ao Colégio Sagrado Coração, o que, além de aliviar o problema de Jabotão, veio ajudar a resolver outro do Recife. Com a presença dos teólogos fica também enriquecido o corpo docente do Colégio.

Em 1935 era Conselheiro dos teólogos o Pe. Noé Gualberto de Lima e, em 1936, o Pe. Carlos Leôncio, que deixara a direção da Casa de Jabotão para o Pe. Antonio de Almeida Agra, o qual passou a acumular também as funções de Mestre de Noviços, desde 1934, substituindo o Pe. Broda.

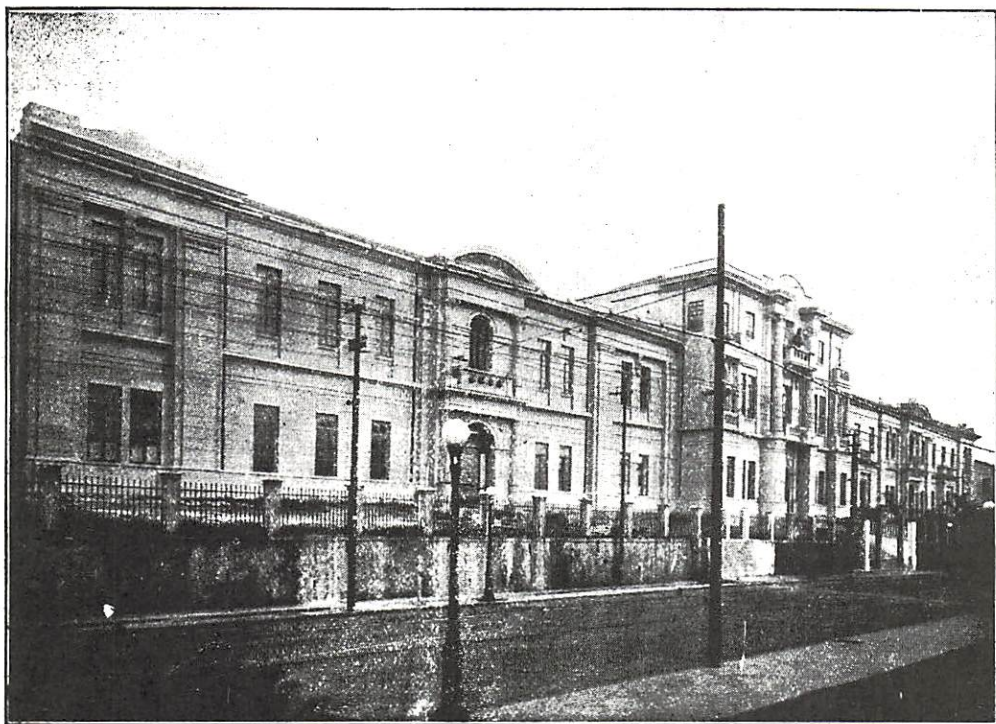
Mesmo assim, a experiência parece não ter dado os resultados esperados, pois, em 1937, os estudos teológicos voltam a ser feitos no Instituto Pio XI, na Lapa, em São Paulo.

Os teólogos, que se contavam pelo belo número de 27, viajaram a 2 de março de 1937, acompanhando-os o Pe. Carlos Leôncio, a bordo do navio Netúnia, numa viagem certamente mais confortável que a de 1903, para a Tebaida.

DIFICULDADES NA BAHIA

Em 1933 inicia-se a direção do Pe. Pedro Ghislandi que, alquebrado pelos trabalhos e pelos anos, chega aureolado dos triunfos obtidos em Manaus. Já não tem mais a pujança da juventude e o Liceu chega mesmo a definhar, até que, em 1936, é substituído pelo Pe. José Joaquim de Sant'Anna. Pouco tempo após deixar a direção do Liceu, o bom velhinho, Pe. Pedro Ghislandi, veio a falecer no dia 5 de março de 1936.

Sob a direção do Pe. José Joaquim de Sant'Anna o Liceu entra numa fase de prosperidade que se estende até os dias atuais. Depois de levantar o magnífico Santuário de N. S. Auxiliadora, em dois anos resolveu todos os problemas, principalmente os financeiros, que acabrunhavam a Casa. Passara a pequena crise que sempre se manifesta em todos os organismos e novo sangue borbulha no organismo do Liceu.



Liceu Salesiano do Salvador

Em 31 de março de 1936, o Governador do Estado, Capitão Juraci Magalhães, visita o Liceu, onde lhe foi prestada significativa homenagem,

procedendo-se à inauguração do retrato de S. Excia., que passou a figurar entre os grandes benfeitores da Casa. O Governador agradeceu e passou a visitar detidamente todas as dependências da Casa, de modo particular as Oficinas e o novo Santuário, levando de tudo as melhores impressões.

ARACAJU

Em princípios de 1934 o Pe. Antonio Viet é nomeado diretor do Colégio de Aracaju. Em seu directorado os pátios, antes areia pura, são recobertos de piçarra e são construídas quatro amplas salas de aula.

O andamento regular dos estudos e a disciplina se impõem à sociedade local, aumentando o número de matrículas.

A localização do Colégio, um pouco fora da cidade, não favorece o crescimento do externato, mas o internato se desenvolve bastante.

MANAUS

O progresso não é só de Aracaju; Manaus não lhe fica atrás. Um decreto do prefeito da cidade, Alexandre de Carvalho Leal, com os mais elogiosos considerandos, autoriza em 13 de maio de 1933, a ereção, num dos triângulos da Praça Heliodoro Balbi, de um monumento a D. Bosco, cuja inauguração é feita pouco depois, com a assistência do Interventor Federal, Dr. Alvaro Maia, muitas autoridades civis, militares, representantes do clero e uma grande massa popular calculada em 5.000 pessoas.

Se o centro da cidade vive uma festa, o mesmo não se pode dizer da periferia. Por esta época existe em Manaus um imenso bairro de 18.000 habitantes, chamado Cachoeirinha, abandonado, sem sacerdotes. Em seu centro levanta-se uma igreja conhecida pelo desconcertante nome de "Igreja do pobre diabo". Vá lá se saber por quê.

Em 1934, os salesianos abriram nesse bairro uma modesta capela e começaram a atender religiosamente os moradores, e depois, em 15 de março de 1937, deram início a um Instituto Profissional Feminino, confiado às Irmãs Salesianas, cujo apostolado em pouco tempo modificou totalmente a face do bairro.

NOTÍCIAS DE BELÉM

Em Belém, marcou o ano de 1933 uma série de festividades, que se iniciou a 23 de abril, prolongando-se até o dia 28 de maio.

Abriu as comemorações a Festa de D. Bosco.

Foi um dia cheio, desde a madrugada até às 10 horas da noite. Às seis e meia, o Sr. Arcebispo Metropolitano, D. Antonio de Almeida Lustosa, salesiano, celebrou a missa da Comunidade, inaugurando o altar de N. S. Auxiliadora. Sua Excelência era acolitado por dois índios já perfeitamente civilizados: um da tribo dos bororos, do rio Araguaia, no estado do Mato Grosso, outro da tribo dos tucanos, no extremo noroeste do Amazonas. Os índios, envergando a veste talar, respondiam com desembaraço aos versículos latinos que o celebrante ia proferindo.

À tarde houve Crisma, e durante todo o dia, animado programa esportivo. Encerrou-se a festa com um magnífico sarau lítero-musical, no qual tomaram parte ativa os alunos, oratorianos e diversos elementos do meio artístico de Belém.

Neste ano a festa de N. S. Auxiliadora teve solenidade especial com a chegada a Belém da nova imagem, vinda do Rio de Janeiro, para o altar há pouco inaugurado.

No próprio dia 24 de maio, às cinco horas da tarde, o Sr. D. Lustosa procedeu à bênção da imagem num dos armazéns do cais do porto, em presença das autoridades e de numerosas famílias, na qualidade de paraninfos, e de enorme multidão que se adensava para conduzir em triunfo Maria Auxiliadora a seu trono.

Representantes do clero, associações das paróquias com seus estandartes, agremiações, colégios públicos e particulares, toda Belém acompanhou a procissão, que cantava, acompanhada pela banda de música do Corpo de Bombeiros, salva de foguetes e repicar dos sinos das igrejas. As casas de família tinham as fachadas adornadas, iluminadas por círios, pois já era noite quando o cortejo ingressou no templo. Até muito tarde, e nos dias subsequentes, continuou movimentada a romaria dos fiéis.

O encerramento das festividades se fez no domingo, 28 de maio, com uma tertúlia musical no salão de atos do Colégio, ouvindo-se o ilustre orador e advogado, Dr. Amaral Brasil.

E o Pe. Angelo Cerri não pára, mesmo no Pará. Com um grupo de senhores, funda um grêmio Dom Bosco, cuja finalidade principal é a realização dos ideais do grande apóstolo, seu patrono. O grêmio promove reuniões recreativas entre os sócios, para jogos, sessões literárias e palestras, fornecendo em caso de necessidade, socorro médico e farmacêutico aos agremiados.

No dia 1º de outubro de 1933 realizou-se um festival ginástico-escolar, dedicado às autoridades e às famílias dos alunos. A manifestação contou com a presença do interventor, Dr. Magalhães Barata, do Arcebispo D. Antonio Lustosa, do prefeito, Dr. Abelardo Conduru, do diretor do ensino, Dr. Amazonas de Figueiredo, e de numerosa e seleta assistência. A banda do Corpo de Bombeiros fez o acompanhamento e tocou nos intervalos.

Inaugurou-se neste dia a exposição escolar do Colégio, atestado da dedicação dos mestres e aproveitamento dos alunos.

REFORMAS

Em 1935, o Pe. Cerri passou a direção do Colégio ao Pe. Guido Barra. Sob a dinâmica direção do Pe. Barra o Colégio do Carmo progride, sofrendo uma grande e radical reforma, modernizando as antigas salas de aula, os vastos dormitórios, a grande Igreja, verdadeira jóia de arte antiga, uma das mais belas talvez do Brasil, pintada e decorada com gosto apurado pelo bom Pe. Cerri.

NOVA FRENTE DE TRABALHO

Neste ano de 1933, os salesianos aceitam a direção do Seminário de Belém. O diretor, Pe. Antonio Dallavia, ex-inspetor dos colégios e missões de Mato Grosso, chega a Belém a 7 de junho, e assume o cargo, auxiliado pelo Pe. Adriano Tourinho e um clérigo.

E assim chega o ano da suprema glorificação de D. Bosco.

CANONIZAÇÃO DE DOM BOSCO

Longamente esperado, suplicado aos céus com as mais ardentes preces por diversas gerações, surge radioso o dia 1º de abril de 1934.

Ó dia feliz, que não verá outro igual, dia em que os montes exultaram como cordeirinhos e as colinas saltaram como crias de ovelhas! (Salmo 113,4)

Em Roma, no dia de Páscoa, 1º de abril de 1934, encerrando o Ano Santo de 1933, em que todo o Orbe cristão movimentou-se para comemorar o 19º século da Redenção, Sua Santidade o Papa Pio XI, canoniza Dom Bosco, isto é, DOM BOSCO É PROCLAMADO SANTO!

VIVA SÃO JOÃO BOSCO!

Toda a família dos Salesianos, alunos, ex-alunos, cooperadores, Filhas de Maria Auxiliadora, amigos e admiradores, explodia de júbilo em todos os recantos do mundo.

*Pois já podemos felizes
Ao céu elevar nossa voz,
Rezar de joelhos em prece
Dom Bosco, roga por nós!*

exultava um hino de ocasião, repetido com emocionado entusiasmo.

No entanto, no meio de todas as galas e exultações, os salesianos não se referem a São João Bosco, mas continuam a falar de Dom Bosco que, mesmo elevado às honras dos altares, nimbado de luzes e coroado de glória, permanecia entre os seus filhos, sem título algum, como um bom papai.

ESPÍRITO DE FAMÍLIA

E de tal forma se falava de Dom Bosco como de um dos padres do Colégio, de Domingos Sávio como um colega, de Mamãe Margarida e outros personagens como se vivos estivessem, que os alunos se interessavam pelas Missões como assunto que lhes tocasse de perto. Tantas eram as referências a Dom Bosco como o verdadeiro dirigente da Casa, de quem promanavam as ordens e decisões, que ocorreu no Colégio do Recife um episódio que pode ser qualificado de ingênuo, mas não deixa de ser revelador deste profundo espírito de família então reinante.

O Pe. Selva ficara ausente do Recife por vários meses em visita às Missões. Chegou de volta à noitinha, quando os alunos saíam do refeitório. Foi aquele corre-corre, todos a querer cumprimentá-lo, ouvir uma sua palavra, beijar-lhe a mão. Um aluno da divisão dos menores, que se internara durante a ausência do Pe. Selva, pergunta surpreso a um colega:

- É este que é Dom Bosco?

De tal modo era viva a presença de Dom Bosco entre os alunos.

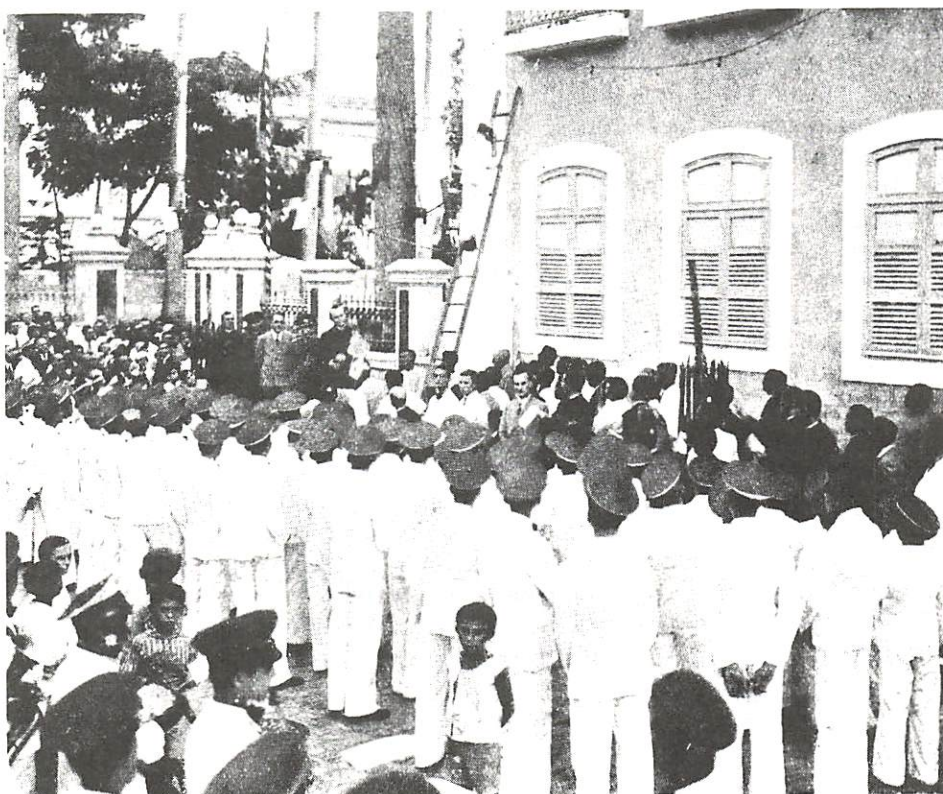
COMEMORAÇÕES NO RECIFE

No Recife as comemorações da canonização de Dom Bosco, se estenderam de 13 a 20 de maio de 1934, a Semana de Dom Bosco.

No dia 13, domingo, iniciou-se a Semana com missa festiva celebrada pelo Inspetor, Pe. Selva, sendo cantada às 8 horas Missa Solene, oficiada pelo Provincial dos Carmelitas, Frei José Casanova.

A 25 de abril, por votação unânime, o Instituto Histórico de Pernambuco, atendendo à vontade de centenas de ex-alunos e amigos de Dom Bosco, conferiu à rua Visconde de Goiana, o nome de Rua Dom Bosco. No dia 13 de maio foi solenemente aposta ao muro do Colégio a placa com o novo nome.

Compareceram ao ato o Dr. Antonio de Gois Cavalcanti, prefeito da Capital, os representantes do Interventor Federal e do General Comandante da Região e outras autoridades. À noite, o Pe. Felix Barreto, ex-aluno, do púlpito do Santuário falou entusiasticamente, mais com o coração que com as palavras, sobre Dom Bosco.



Recife - Inauguração da placa de bronze da Rua D. Bosco

Em cada dia da semana se fazia, na Rádio Clube de Pernambuco, uma conferência sobre Dom Bosco. No primeiro dia, o Dr. Andrade Bezerra, diretor da Faculdade de Direito, pronunciou belíssimo discurso. Nos dias seguintes, à mesma hora, fizeram-se ouvir as vozes autorizadas do Dr. Otávio de Freitas, diretor da Faculdade de Medicina, Dr. Felisberto dos Santos Pereira, presidente do Superior Tribunal de Justiça; Dr. Luiz Guimarães da Silva, presidente da Associação Comercial; Dr. Luiz Delgado, conhecido intelectual católico pernambucano; Dr. Nilo Pereira, professor do Colégio e Cooperador Salesiano; Dr. Costa Rego Júnior, o poeta do Recife; e o Dr. Bezerra Leite coroou a brilhante série de conferências no dia 20.

No dia 14, pela manhã, o Revmo. Frei Felix de Olívola, superior dos Capuchinhos, rezou Missa festiva para os colégios femininos, e à tarde, se fez a inauguração da campanha elétrica que controla o andamento das aulas. À noite, os alunos realizaram uma marcha luminosa "aux flambeaux", como revela o gosto francês dos registros da época.

A missa festiva do dia 15 de maio foi celebrada pelo Pe. Domingos Gomes, diretor do Colégio Nóbrega, para as Escolas Públicas da Capital. À tarde o Pe. Carlos Leôncio fez uma preleção para os alunos das Escolas Públicas reunidos no Cinema do Parque.

Às 7 horas do dia 16, o Santuário estava repleto de alunos dos Colégios masculinos da Capital para assistir à Missa festiva que o Pe. Francisco Sales, vigário da Soledade, para eles celebrou. O dia foi feriado para os Colégios participantes. Às 16 horas, Dom Miguel de Lima Valverde administrou o Santo Crisma.

O programa reservou para o dia 17 de maio a Missa festiva das Associações Religiosas Masculinas. Às 12 horas, o Colégio ofereceu um banquete para as Autoridades religiosas, civis e militares. À noite, no Pavilhão Itália tomou posse a nova diretoria da Cruzada das Educadoras Católicas de Pernambuco, cujo diretor, o Pe. Carlos Leôncio, pronunciou magistral conferência sobre o "Sistema Educativo de Dom Bosco".

No dia 18 o Padre Provincial dos franciscanos, Frei Umberto Triffterer, celebrou Missa festiva para as Associações Religiosas Femininas.

Celebrou às 7 horas do dia 19 o Sr. Dom Bonifácio Jansen, Abade do Mosteiro de São Bento. À sua missa assistiram as Filhas de Maria de todos os núcleos da Capital. À tarde, o Colégio promoveu um grandioso desfile dos alunos pelas ruas da cidade, ao som da banda musical e aplausos da multidão. À noite, no Colégio, houve a conferência do Pe. Carlos Leôncio, enquanto o Dr. Costa Rego proclamou as glórias de Dom Bosco na Rádio Clube.

O dia 20 de maio foi o dia da grande festa. O grandiosíssimo Pontifical do Sr. Arcebispo Metropolitano foi irradiado pela Rádio Clube. Às 15 horas, solene procissão percorreu as ruas da cidade. No recolher, o salesiano Pe. Noé Gualberto de Lima cantou arrebatadoramente as glórias de Dom Bosco. Seguiu-se o canto do Te Deum e Bênção do Santíssimo.

O parque de diversões do Colégio com barracas, fogos e balões, todas as noites apresentava-se coalhado de pessoas, era um mar de cabeças. Os cálculos mais modestos chegam a 5.000 participantes. E o registro conclui: "Geração hodierna de colegiais, guardai-o na memória: Não vereis mais festa como essa".

COMEMORAÇÕES EM JABOATÃO

Enquanto se cantam as glórias do Pai, não passam esquecidas as necessidades dos filhos. A 1º de abril de 1934 foi inaugurada a luz elétrica na Colônia de Jaboatão, com o motorzinho movido pela água da represa, com esta finalidade construída, sob a orientação do Pe. Pedro Broda. Como tudo no mundo, passara a época do lampião.

Em agosto se inaugura a nova piscina, aproveitando a água da represa. Convém advertir os que não a conheceram, que não se trata de uma piscina com todos os requisitos de um Parque Aquático moderno. Não são poucos os que a utilizaram e guardam uma recordação da deficiência de condições de higiene. Mas foi nela que muitos aspirantes aprenderam a nadar, e os alunos do Colégio do Recife suspiravam por um passeio a Jaboatão por causa do banho de piscina. A simplicidade dos tempos supria muito bem a falta de conforto e de outros requisitos mais essenciais.

FESTAS EM BATURITÉ

Em Baturité, onde era diretor o Pe. Pedro Broda desde 1934, realizou-se a festa da canonização de D. Bosco no dia 29 de julho, dia em que o Sr. D. Francisco de Assis Pires, representando oficialmente o Sr. Arcebispo de Fortaleza, celebrou a Missa da Comunhão Geral para os dois colégios da cidade e dirigiu-lhes afetuosas palavras de exortação para incentivar à devoção do Santo.

Houve uma sessão comemorativa no Colégio das Irmãs, onde fez o panegírico o Pe. Alfredo Costa, jesuíta. Às nove e meia oficiou a Missa Solene o Frei José Maria Sá Leitão, ex-aluno salesiano do Recife. À tarde, desdobrou-se uma procissão com o mesmo Sr. Bispo levando as relíquias do Santo. No final cantou o Te Deum e deu a Bênção do Santíssimo.

BELÉM FESTEJA DOM BOSCO

Revivendo a inolvidável apoteose da transladação da imagem de Maria Auxiliadora, deu início aos festejos da canonização de Dom Bosco a condução triunfal, do Cais do Porto à Igreja do Carmo, da primeira imagem de São João Bosco, chegada ao Norte do Brasil.

Às 5 horas da tarde de 12 de setembro de 1934, após a bênção da imagem pelo Sr. Arcebispo D. Antonio de Almeida Lustosa, formou-se o cortejo de autoridades, seminaristas e grande massa popular. Precediam-no

as associações piás, alunos e alunas do Ginásio Paraense, Escola Normal, Conservatório Carlos Gomes, além dos colégios católicos e representantes das Comunidades Religiosas femininas. Abria o préstito o Colégio Salesiano. Quando o cortejo chegou à Travessa que, por decreto do Prefeito Dr. Idelfonso Nogueira passou a se chamar "Dom Bosco", foi inaugurada a placa, discursando o Dr. Firmo Cardoso.

Seguiram-se três dias do tríduo preparatório consagrados ao SS. Sacramento, ao Papa e a Maria Auxiliadora. No dia 15, o Sr. Arcebispo promoveu a grandiosa e comovedora coroação da imagem da Santíssima Virgem e seu Divino Filho com cetro e coroa de ouro oferecidos pelos lares paraenses.

No dia 16, encerraram-se solenemente as festividades com Missa Solene pela manhã. À tarde teve lugar a administração do Santo Crisma, e à noite, no salão de atos do Colégio, uma tertúlia lítero-musical com a presença do Sr. Arcebispo, representantes do clero, autoridades e grande número de famílias, deu o toque final.

MANAUS PARTICIPA

O ciclo dos festejos pela canonização de Dom Bosco, em Manaus, estendeu-se de 14 a 26 de maio de 1935.

Iniciou-se com um novenário do qual constavam Missa festiva, pela manhã, e bênção à noite. No dia 22 começa o tríduo eucarístico e Semana de Dom Bosco, com Hora Santa e Sessão Magna, fazendo-se ouvir os melhores oradores locais e convidados.

No dia 24 de maio houve, às nove e meia, soleníssimo Pontifical na Igreja de N. S. Auxiliadora, no alto de Nazaré e à tarde, com enorme concurso de fiéis, a procissão da Virgem Auxiliadora. À noite se rezou a Hora Santa na Catedral, seguida de Sessão Magna.

O dia 25 de maio começou com missa campal, pela manhã, no pátio interno do Colégio com a presença de todas as escolas oficiais e particulares, primárias e secundárias, presentes as mais altas autoridades.

Eram 20 horas, quando o Sr. D. Antonio Lustosa, arcebispo de Belém, especialmente convidado, iniciava a bênção solene da primeira Igreja dedicada a S. João Bosco, no Brasil. O dia 26 foi o último da Semana de Dom Bosco. Os atos de maior vulto nesse dia foram a bênção da primeira pedra do Santuário de Santa Terezinha e a fundação do "Patronato Operário de Cachoeirinha", obra da Prelazia do Rio Negro. Com solene Pontifical encerrou-se a parte religiosa das comemorações. À noite, se realizou uma tertúlia em homenagem aos patrocinadores da festa, constando de belos números de

ginástica e escolhidos trechos de música. Proferiu belíssima alocução o Dr. Alvaro Maia, Governador do Estado.

E o cronista termina suas notas observando: As festas da Canonização de D. Bosco em Manaus, fecharam com chave de ouro o ciclo dos festejos realizados em honra do nosso Santo por todo o Brasil.

PELO BRASIL

Fruto da revolução de S. Paulo em 1932, a Assembléia Constituinte em 16 de julho de 1934 proclama a nova Constituição Brasileira que, entre outros pontos, dispõe que o Presidente da República, por aquela vez, seria eleito pelo Congresso Nacional. A eleição foi realizada no dia 18, resultando eleito o Chefe do Governo Provisório, Dr. Getúlio Dornelas Vargas, o qual tomou posse no dia 20 de julho.

Dissolvida a Constituinte, em 14 de outubro procedeu-se às eleições gerais. A polarização ideológica que agitava o país era tamanha que chegou mesmo a produzir um confronto armado, a Intentona Comunista, nos fins de 1935. A sequência das perturbações veio a desembocar na proclamação de 10 de novembro de 1937, em que Getúlio Vargas, enfeixando todos os poderes, outorgou nova Constituição ao país, estabelecendo o Estado Novo.

ARTIGO 100

Em um período de relativa calma, em 2 de janeiro de 1934 é conferida a inspeção permanente e as prerrogativas de estabelecimento livre de ensino secundário ao curso fundamental do Colégio do Recife e, no ano seguinte, é aberto um Curso Noturno para maiores de 18 anos que se preparavam para fazer os exames de artigo 100, correspondentes aos atuais exames supletivos. Este curso não durou muito, porque se fez um comércio tão escandaloso de diplomas pelo Brasil afora, que o governo suprimiu tais exames em 1938.

VISITA ILUSTRE

Em 28 de outubro de 1935, chega ao Recife, de passagem para o Uruguai, o Prefeito Geral da Congregação, o Sr. Pe. Pedro Berruti. Acompanha-o o célebre explorador da Patagônia e Terra do Fogo, Pe. De Agostini. Com o Pe. Berruti seguiu para a Bahia o Pe. Inspetor.

FIM DE ANO EM BATURITÉ

O encerramento do ano letivo é sempre uma festa, como já foi registrado. Neste ano de 1935, o de Baturité distinguiu-se porque o Governador do Estado, Dr. Francisco de Meneses Pimentel, subiu a serra para solenizar com sua presença o encerramento do ano letivo nos colégios salesianos. Alvo de várias homenagens, S. Ex. discursou louvando o dinamismo do Sr. Ananias Arruda a quem a cidade deve os três estabelecimentos educativos ali em franca atividade: a Escola Apostólica dos Padres Jesuítas e os dois colégios salesianos, "Domingos Sávio" para meninos e "Nossa Senhora Auxiliadora" para meninas.

E aproveitemos para participar dos festejos de 13 de setembro de 1936, data em que foi transportada processionalmente do bairro de Pitiú para a capela do Colégio Salesiano a nova estátua de São João Bosco.

MÊS DE MARIA

É conveniente registrar por esta altura como se comemorava o mês de maio nas Casas Salesianas.

O mês de Maria começava a 24 de abril, justamente para terminar com a Festa de Nossa Senhora Auxiliadora, a 24 de maio. Nisto diferia um pouco da prática das outras capelas em que o Mês de Maria coincidia com o mês de maio.

Todas as noites havia instrução religiosa, precedida de um canto e da Ave-Maria. Diversos pregadores, por turno, desenvolviam temas alusivos às glórias e privilégios da Virgem, aos grandes favores que Ela tem concedido à humanidade e às graças que ainda concede às almas em particular. Depois da instrução se cantava a ladainha e havia a Bênção do SSmo. Sacramento. Concluía-se com o canto do Regina Coeli e a bênção de Maria Auxiliadora.

O altar da Virgem era disputado por diversas famílias ou associações, que se organizavam sucessivamente para ornamentá-lo com flores e luzes e outros adornos, apresentando todas as noites um aspecto novo que traduzia o zelo, a devoção e o bom gosto das famílias encarregadas. Algumas vezes o entusiasmo levava até à ornamentação e iluminação também da fachada da Igreja e do pátio fronteiro, onde por vezes bandas de música prestavam nota festiva à solenidade.

Esta animação manifestava-se com mais intensidade na novena, em que, especialmente depois dos exercícios marianos, a multidão se apinhava ao redor do altar para oferecer à Virgem suas orações, seus votos particulares.

Os alunos externos eram convidados a participar das práticas de piedade junto com o povo, além dos sermões e do espírito mariano que envolvia as próprias aulas e deveres de casa.

Nos internatos, a devoção se desdobrava à porfia. Em cada dormitório se armava um altazinho e antes de dormir rezavam-se três Ave Marias, dirigidas cada noite por um dos alunos, que se sentia honrado com a indicação.

Durante o mês, cada divisão fazia uma sessão, assistida por toda a comunidade, em que os cantos, poesias e discursos, animados pela banda de música e pelo entusiasmo juvenil dos clérigos assistentes faziam crescer a devoção à Virgem Auxiliadora.

Na tradicional Boa-Noite, o diretor lia cada dia uma “florzinha”: um pensamento, uma jaculatória, uma boa ação a praticar-se no dia seguinte em homenagem a Nossa Senhora. A “flor” era depois exposta num quadro próprio, em local de fácil leitura, para ser observada durante o dia.

Insensivelmente, envolvidos os alunos por este ambiente de piedade, se processavam verdadeiros milagres. Adolescentes indóceis e revoltados, aos poucos, se transformavam em alunos aplicados e piedosos.

CAPÍTULO XII

ANOS TERRÍVEIS

1935 - 1938

UM IMPASSE

Por todo esse período o Colégio São Joaquim continua a causar preocupação. Como Estabelecimento para órfãos, goza da predileção dos Filhos de Dom Bosco. Mas, não sendo propriedade dos salesianos, depende financeira e administrativamente da Santa Casa de Misericórdia do Recife, que não é mais a Santa Casa de outros tempos. Responsável pela administração de um imenso patrimônio dos pobres, dedica toda atenção ao *patrimônio* pouco se importando com os *pobres*. Apesar das constantes solicitações dos salesianos, a Santa Casa não parece preocupada com seus protegidos, deixando faltar o mínimo necessário para uma eficiente ação educativa.

Já se falou em retirada dos salesianos, mas as Autoridades civis e religiosas interferiram, preocupadas com o futuro daqueles meninos, no que vieram a secundar as preocupações dos próprios salesianos.

Enquanto se aguarda uma decisão satisfatória, perseveraram no trabalho educativo o Pe. Francisco Pinkowski com seus dedicados auxiliares.

A FAVOR OU CONTRA NASSAU ?

Os tempos eram de tórrida polêmica. No Recife preparavam-se as comemorações do terceiro centenário da chegada do Conde Maurício de Nassau a Pernambuco, quando se acendeu uma acalorada campanha contra essas festividades, à qual aderiu com entusiasmo o Colégio Salesiano. A primeira conferência das entidades contrárias às homenagens se realizou no Salão do Colégio. "O Colegial" inflamava o espírito nacionalista dos alunos, ressaltando que não se devia homenagear "um estrangeiro invasor", em detrimento dos "heróis brasileiros" que contra ele tanto batalharam.

Envolvidos num condicionamento histórico, pode-se notar nos artigos também um traço de alinhamento religioso-político, pois, "um povo católico" não deve prestar tributo ao "hereje" que passou por aqui perseguindo "a verdadeira religião". Subliminarmente pode-se ler "católico", como Itália e seu regime, enquanto "protestante" são os Estados Unidos e o que esse povo representa.

Como não há pretensão de dar razão a nenhuma das partes, observemos apenas que, por esta época, as atividades culturais no Colégio estavam em plena efervescência, com o Centro Acadêmico José de Anchieta, promovendo semanas patrióticas, artigos n'O Colegial, campanhas nacionalistas e manifestações estudantis, com uma terminologia que deixa um rastro de pensamentos e atitudes muito bem afinados com o ideário da Ação Integralista Brasileira.

A cultura no Colégio é uma realidade. Desde 1936 o Prof. Miguel Barkokebas organiza no Salesiano do Recife um orfeão de 78 figuras, e se editam duas revistas: "O Colegial", revista dos jovens do colégio, em plena atividade, dando voz e sendo sustentada pelo Centro Acadêmico José de Anchieta e "A Associação", de responsabilidade dos Ex-Alunos. Esta sai todos os anos no dia 15 de agosto, festa dos Ex-alunos. Deixa-se como tema de pesquisa esse "todos" quantos anos foram.

Também por alguns retratos se vê que em 1937 no Colégio já se usava a farda branca de gala.

GRANDE VISITA

Entre os acontecimentos marcantes da época, sabemos que no dia 2 de março de 1937, chegou em visita ao Colégio o Sr. D. Ricardo Pittini, salesiano, arcebispo de Santo Domingo (América Central), conquistando em poucos minutos o coração da criançada.

MAIS DO QUE TRISTE

E o registro dos fatos ocorridos no Colégio do Recife nesta época termina com um acontecimento muito deprimente que teve lugar no dia 27 de julho de 1937.

Desentendimentos entre quem atende e quem é atendido é fato corriqueiro em qualquer repartição. Podem se tornar históricos se as partes envolvidas não têm o devido comedimento.

Naquela data, pela manhã, uma senhora ao fazer o pagamento no Colégio, julgou-se destrutada pelo funcionário, auxiliar da tesouraria, que a tinha atendido. Deve ter havido algo mais que um simples pagamento, porque receber dinheiro nunca foi motivo para ninguém se aborrecer nem agredir quem paga. Geralmente quem paga é que se dá ao luxo de se mostrar

descontente, e, se não tem critério, completa o pagamento com dichotes desagradáveis e até insultuosos a toda a instituição, o que não deixa de ferir o humilde funcionário, que não pode ser responsabilizado por supostos desacertos da Direção.

De qualquer forma, a senhora retirou-se montada em todas as fúrias, ameaçando “dar uma lição no insolente”. Se bem ameaçou, melhor cumpriu. Persuadiu o filho mais velho, aluno do Colégio Nóbrega, de dezoito anos, uma lapa de rapaz, muito conhecido esportista, a vir tomar satisfação no Colégio.

Confiando na força física, à uma e meia, horário de entrada dos alunos do turno da tarde, o rapaz entrou na tesouraria e foi logo esmurrando o funcionário. Mas, “a boa lição” apenas mostrou quanto o professor estava enganado. O funcionário se tinha prevenido com uma faca na gaveta e aplicou dois golpes no agressor, que deu um berro, ainda tentou correr, mas ali mesmo tombou, esvaindo-se em sangue.

O Coad. Antônio Bruno que vinha chegando, procurou segurar o funcionário, saindo ainda ferido com um talho na perna. O irmão menor, aluno do Salesiano, que tinha vindo indicar o merecedor da “lição”, ainda tentou intervir, mas fugiu diante da faca que o funcionário brandia. Pessoas que acorreram, procuraram levar o ferido para a enfermaria, então no andar superior da tesouraria, mas antes que o enfermeiro, Coad. Pedro Ivo, pudesse prestar qualquer socorro, o moço faleceu.

Foi grande o tumulto. A polícia foi chamada. O funcionário fugiu, sendo preso mais tarde na casa de um tio.

O velório se deu no Colégio Nóbrega e uma comoção intensa abalou a cidade, quer pelo local do crime, quer pelo nome da família enlutada. Os jornais e o rádio comentavam o caso, e o Colégio, que de muito bom grado dispensaria tão funérea publicidade, suspendeu as aulas. Tentando contornar a animosidade, promoveu os sufrágios de sétimo dia, mas tratou de providenciar advogado para o réu.

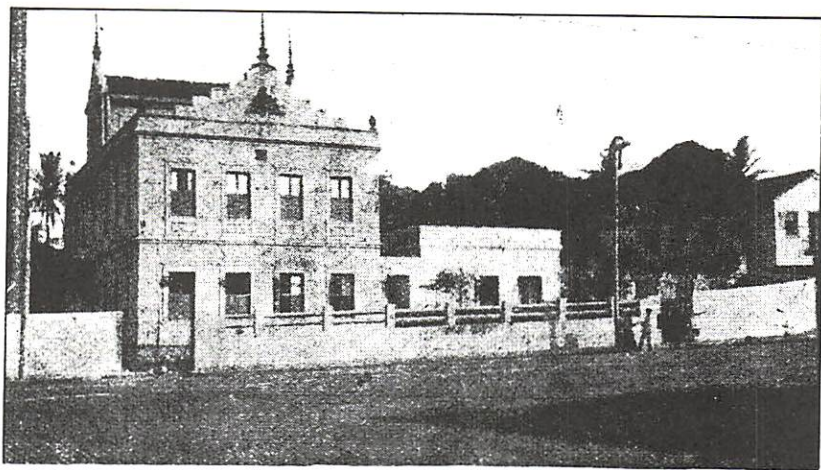
Neste ano não houve Festa do Ex-Aluno e a emoção veio deteriorar de vez a já abalada saúde do Pe. Nestor que no fim do ano deixou a direção do Colégio.

Há quem moralize diante do acontecido: “Por um argueiro, perdeu-se um cavaleiro”. Outros se perguntam quais os sentimentos desta mãe depois do acontecido. Pode-se filosofar extensamente sobre tão sangrento caso, porém, outros acontecimentos mais consentâneos com nossa história devem ser trazidos à consideração. Por exemplo, o estabelecimento de um novo campo de apostolado salesiano desta vez na branca cidade de Natal, no Rio Grande do Norte.

CASA EM NATAL

O casal Juvino - Inês Barreto, desde 1930, vinha acalentando o sonho de trazer os salesianos para as terras riograndenses. Muito eles se empenharam, quer através de cartas ao Inspetor Pe. Selva, quer difundindo a idéia no meio da sociedade potiguar. Às solicitações das autoridades locais o Pe. Selva termina por responder positivamente.

Os salesianos, Pe. José Bezerra, o primeiro padre salesiano do Norte do Brasil, e o Coad. Paulo Gasco, veterano das primeiras expedições, chegaram a Natal em 20 de setembro de 1936, no navio Pedro II, e foram recebidos pela família Barreto, que após a recepção de praxe levaram os recém-vindos para a Casa que lhes era destinada, conhecida como a Vila dos Barretos, onde os salesianos ficaram instalados até os dias atuais.



Natal - Oratório e Externato São José

As naturais dificuldades de início foram superadas graças ao apoio de generosos benfeitores entre os quais destacamos o capitão José Vitoriano, os Srs. Joaquim Perdigão Nogueira, Cândido Medeiros, Canuto, Dona Adélia Machado e o Cônego Luiz Adolfo.

No domingo seguinte, 27, iniciaram os salesianos o Oratório Festivo São José, como sempre e em toda parte a primeira das Obras Salesianas.

O plano de expansão das atividades dos salesianos nesta cidade, segundo a amável exigência de Da. Inês Barreto, estabelece que ao Oratório

se sigam as aulas noturnas e depois as Escolas Profissionais, o que se foi realizando aos poucos.

Por falta de pessoal, durante alguns anos funcionou apenas um bem estruturado Oratório. As festas de São João Bosco, em 31 de janeiro de 1938, deram motivo a registro na Imprensa local.

Algumas adaptações no prédio proporcionaram a capela e um local para as aulas noturnas, que funcionaram até 1943. Os salesianos também se encarregam da capelania do Hospital Miguel Couto e tudo prospera a contento, embora em outras partes do mundo a Congregação esteja sorvendo um cálice de amargura, chorando seus filhos submetidos a um banho de sangue.

GUERRA NA ESPANHA

A eletricidade ideológica que vinha se acumulando desde o princípio da década desencadeou uma tempestade de proporções monstruosas.

Tendo conseguido o poder na Espanha, os comunistas, que bradavam aos quatro ventos que “a religião é o ópio do povo”, puseram em prática seu programa diabólico de erradicar o nome de Deus da heróica terra espanhola.

Igrejas incendiadas, conventos invadidos e saqueados, escolas destruídas, adversários eliminados, levaram grande parte da população a se rebelar contra o despotismo, preferindo morrer combatendo, a entregar pacificamente o pescoço ao algoz. Uma tremenda guerra civil desabou sobre a Espanha, de 1936 a 1939.

MARTÍRIO

Em testemunho da fé que eles depositavam em Cristo e sua Igreja, os salesianos das Casas situadas em território sob domínio comunista reviveram a epopéia descrita por São Paulo: “Foram torturados, sofreram ludíbrios e açoites, cadeias e prisões. Foram apedrejados, foram serrados pelo meio, foram tentados, foram mortos ao fio da espada. Eles andaram vagabundos, cobertos de peles de ovelhas, de peles de cabras, necessitados, angustiados, aflitos. Eles, de quem o mundo não era digno: errantes nos desertos, nos montes, escondendo-se nas covas e nas cavernas da terra, foram provados em testemunho da fé”. (Hebreus, 11,35s).

Mais do que ler a Bíblia, eles reproduziram a Bíblia em suas vidas. Cento e dez salesianos foram impiedosamente assassinados.

Se para a Congregação é dilacerante a dor de ver cento e dez de seus membros trucidados (Raquel chora seus filhos, e não admite consolo, Mateus, 2,18), radiante é sua glória ao contemplar outros tantos portadores da palma do martírio que “por isso estão diante do trono de Deus” (Apocalipse, 7,15).

A mensagem do martírio está fora das dimensões deste mundo. Enquanto se celebram triunfantes as galas deste ano jubilar, o comunismo já desapareceu da face da terra. Varrido para o lixo da História, se reduziu a uma mancha de sangue, opressão e violência, cada vez mais desprezível na perspectiva do tempo que avança. De fato, “o desejo dos pecadores perecerá”, (Salmo 111,10) pois enraivecidos, não sabendo que “as almas dos justos estão nas mãos de Deus e não as atinge o tormento da morte”, julgavam tê-los aniquilado, eles porém resplendem quais luzeiros através dos séculos. “Eterna será a memória do justo”.(Salmo 111,6).

MÊS DE MARIA NO LICEU

Enquanto ruge aterradora a guerra na Espanha, no Brasil se levantam preces cálidas à Virgem Auxiliadora.

O mês de Maria, em 1937, no Liceu Salesiano do Salvador assumiu extraordinária grandiosidade, sobretudo, por ter sido celebrado pela primeira vez no suntuoso Santuário. Mas um grande perigo andou rondando as festas. No dia 26 de junho de 1937, pelas duas da madrugada, começou um incêndio, provocado por um curto circuito na sala em que se achava a novíssima imagem de N. S. Auxiliadora, que acabava de chegar de Barcelona. Descoberto a tempo, o incêndio foi dominado facilmente.

DESFILE E PASSEIO

E a vida do Liceu transborda, participando dos acontecimentos da cidade. Associando-se às demonstrações de afeto ao Sr. Arcebispo D. Augusto Alvaro da Silva, por ocasião do jubileu de sua sagração episcopal, os alunos do Liceu, incorporados e precedidos pela banda de música, dirigiram-se ao Palácio Arquiepiscopal onde prestaram filial homenagem a S. Ex., que os acolheu com paternal bondade.

Ficou célebre também, por essa época, o passeio geral a Alagoinhas, em trem especial, que não podia caber tanta alegria da rapaziada.

Se para os alunos dos Colégios é um acontecimento extraordinário um dia fora das quatro paredes do internato, nas Missões, o trabalho se desenvolve nas vastidões sem limite dos rios.

UMA EXCURSÃO MISSIONÁRIA

Desde o dia 17 de janeiro de 1934 o Pe. Luiz Pasquale, acompanhado de dois irmãos coadjutores e sete alunos da missão de S. Gabriel, empreende uma excursão missionária a diversas localidades do alto Rio Negro.

Os tempos das canoas já fazem parte do passado. Agora embarcam todos na lancha "Dom Bosco" e partem rio acima, em missão com meta final em Cucuí, fronteira do Brasil com a Venezuela e Colômbia.

Depois de 6 horas de viagem, chegam à Ilha das Flores na confluência dos rios Negro e Waupés, onde se encontra a residência Missionária Santa Teresinha. Viajaram ainda dois dias chegando a Cucuí, no amanhecer do dia 20, encontrando, com grande surpresa, formado todo o destacamento sob as ordens do comandante, oficial Omar Guerreiro, achando-se presentes também, as famílias dos soldados.

Tão bem conceituado era o missionário, que o Comandante o levou a visitar todas as dependências do quartel e, durante os dias de permanência, o Pe. Luiz Pasquale ficou com a sala do comando à disposição, enquanto os salesianos e alunos foram alojados numa das casas da Vila Militar. Após prestar os serviços religiosos, os missionários empreenderam a viagem de volta no dia 22, passando por Marabitanas, "aldeia habitada por semi-civilizados ou caboclos, como ali os chamam", S. Tomé, Madiá, S. Marcelino, Tabocal e Santana, cujos habitantes estavam refugiados numa ilha, com medo dos índios Macus, que os tinham atacado há pouco.

Chegaram os missionários de volta a S. Gabriel no dia 27, carregados dos frutos espirituais desta excursão, cujos pormenores omitimos para não sermos repetitivos.

Se foi grande o progresso quando se passou da canoa a remo para a lancha a motor, com o que vem a seguir se atinge as raias do deslumbramento.

SURPRESA MAIÚSCULA

No dia 11 de maio de 1935, pela primeira vez, chega um hidroplano a Jauareté, com grande satisfação dos salesianos e espanto dos índios. Para agradável surpresa de todos desce do aparelho o Pe. Tomasoni, diretor da missão de Taracúá (1934-1939). A viagem de Taracúá a Jauareté que pelo rio dura cerca de quatro dias, agora se faz em cerca de meia hora. É o progresso que chega e também por isso, louvado seja Deus!

VISITA DE MONS. MASSA

Enquanto o mundo se engalfinha no choque de ideologias, quase isolados na selva amazônica os missionários têm outras preocupações e alegrias.

Nos meses de junho e julho de 1935, Mons. Massa visita as Missões do Rio Madeira. S. Ex. percorreu em toda extensão a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, visitando depois os diversos portos do Rio Madeira.

No dia 28 de julho de 1936, S. Ex. procedeu à bênção solene da pedra fundamental da Capela de Três Casas, em terreno doado pelo Sr. Manoel de Souza Lobo, dando início à Missão de Parintintins. Pelo projeto, ao lado da capela surgirá o edifício da escola. Neste mesmo dia, realizou-se o batismo de um belo número de "caboclos", ou seja, índios Parintintins já civilizados, que o Pe. Angelo Cerri, retornado às Missões vinha preparando.

Voltando depois ao Rio Negro, Mons. Pedro Massa inaugurou com toda solenidade uma nova aldeia, em Jauareté, batizada com o nome "Dom Bosco", surgida por iniciativa do Pe. Marchesi e habitada por vinte famílias Tucanos. No centro da aldeia ergue-se majestosa uma grande cruz. Monsenhor benzeu também a pedra angular da igreja que se pretende construir e o cemitério. É o que se repete nas 35 aldeias fundadas pelo Pe. Marchesi.

UM RELANCE DE OLHOS

Se alguém que tivesse visto o Pe. Bálzola chegar, sozinho, em 1914, agora lançasse um olhar para a região missionada pelos salesianos, teria muito com que se alegrar.

A missão de S. Gabriel, onde Mons. Giordano chegou em 1916, apresenta agora, em 1936, dois belos colégios com 220 alunos internos gratuitos, um hospital com trinta leitos, oficinas, dispensários, ambulatório e uma florescente Escola Agrícola que conta já 300 ex-alunos. Há vários anos que todo o conjunto é iluminado a luz elétrica. Uma espaçosa igreja, de cimento armado, com capacidade para mil pessoas, espera apenas a torre para elevar a 36 metros o Sinal da Redenção.

Taracuí conta com dois internatos com 170 alunos, um hospital com laboratório, oficinas, uma grande olaria e uma igreja. Essa missão atende a cerca de mil indígenas que vivem nos arredores.

Barcelos, em vias de desaparecer à chegada dos salesianos, retomou vida e agora ostenta ruas eletricamente iluminadas, circundadas por campos cultivados. Edifícios modernos de até dois andares fazem de Barcelos o ponto

mais civilizado da região. Também aqui dois grandes colégios (masculino e feminino) distribuem os benefícios da educação a 200 alunos internos gratuitos. Ao lado surgem o hospital e um dispensário.

Em Porto Velho, fundados pelo grande missionário que foi o Pe. João Nicoletti, surgem um hospital com 80 leitos e com todos os modernos confortos da ciência médica. A Missão mantém também sete dispensários ao longo do rio, uma maternidade, um pequeno asilo para mendigos, dois grandes colégios (um de dois, outro de três andares), e finalmente, uma Pré-Escola. Grande é o número de alunos do Oratório Festivo, premiado com a inauguração do artístico cine-teatro, neste ano.

Em Humaitá se trabalha na Paróquia com sete capelas anexas, e um hospital com 28 leitos, assistência médica e dois dispensários.

Em Jauareté funcionam dois colégios com 210 alunos internos, e já está chegando a luz elétrica. Já funciona um hospital com 24 leitos e um dispensário de remédios.

Para as viagens entre essas missões, dispersas em mais de 250.000 quilômetros quadrados com suas 37 aldeias criadas pelos missionários, os salesianos dispõem de quatro lanchas a óleo diesel.

Em junho de 1937, por ocasião da inauguração da linha aérea Belém- Manaus-Porto Velho, chegaram nesta cidade amazônica o General Meira de Vasconcelos e uma comitiva de oficiais. Depois de cinco horas entre as imensidades do céu e da floresta, não puderam conter sua admiração quando viram as soberbas construções levantadas pelo sacrifício dos Filhos de Dom Bosco.

Permaneçamos mais algum tempo por aqui. Em 15 de fevereiro de 1937 é inaugurada, em Porto Velho, a primeira Escola Normal que o Governo oficializou no interior do Estado. Dirigida pelas beneméritas Filhas de Maria Auxiliadora, tem já uma matrícula superior a 250 alunas, com um moderno Jardim da Infância. Apresenta-se no alto do morro de Porto Velho a bela visão de um grandioso edifício de elegantes linhas arquitetônicas, tendo 45 metros de comprimento, com três andares.

Já não há mais aquela sensação de isolamento na floresta. Devido aos esforços do capitão Aluizio Pereira, conseguiu-se o serviço aéreo semanal do Rio de Janeiro a Porto Velho. A viagem, que consumia antes mais de um mês, entre perigosas cachoeiras, passando-se longas noites na selva vizinha, pode-se fazer agora em trinta e duas horas de viagem efetiva. A rota é Rio-Recife-Manaus-Porto Velho, num percurso de 4.500 quilômetros.

Ao lado do progresso material, os missionários podem exibir um fruto espiritual de sabor incomparável. Em fins de 1937, é ordenado sacerdote o Pe. Severo de Melo, primeiro aluno das Missões do Rio Negro a atingir a glória sublime do sacerdócio!

REMANEJAMENTO DO PESSOAL

Nos começos de 1938, segundo a rotina administrativa, há o remanejamento do pessoal. O Pe. Gatti vai dirigir o Colégio do Carmo, em Belém, sendo substituído em Manaus pelo Pe. Estélio Dalizón. Em Aracaju assume a direção o Pe. Carlos Figueiredo, indo o Pe. Viet para a Bahia para onde o Pe. Guido Barra acaba de ser nomeado Diretor. Pouco depois, passando o Pe. Guido a Inspetor, assume o Pe. Viet a direção do Liceu. Para dirigir o Colégio do Recife é nomeado o Pe. Aécio Polla.

Esse remanejamento periódico do pessoal produz uma saudável renovação de vida em todos os Colégios, novos contactos dos irmãos entre si e com as diversas situações locais, de modo que, pouco a pouco, todo o pessoal tem uma visão geral dos problemas da Inspetoria, o que facilita o aproveitamento dos diversos carismas

CAPÍTULO INSPETORIAL

Por ter chegado o tempo regulamentar, o Reitor Mor convoca o Capítulo Geral. Como etapa preliminar reúne-se o Capítulo Inspetorial no Colégio do Recife, de 15 a 17 de janeiro de 1938. Foi eleito delegado o Pe. Antônio Peixoto.

Nas discussões que se seguiram merece destaque especial o tema "Formação do pessoal salesiano". O Pe. Selva ressaltou que "esse problema crucial exige solução urgente para poder atender às imperiosas necessidades das casas invadidas de pessoal externo".

Nesse tempo, o número de alunos se contava para cada colégio em poucas centenas. Os poucos professores externos eram recrutados entre os Cooperadores, ou membros da Ação Católica, e mesmo assim o Pe. Inspetor vê sinal de perigo. O ideal é que o pessoal docente seja exclusivamente salesiano.

No final das reuniões, o Pe. Santana apresentou ao Pe. Inspetor, recentemente eleito Bispo, o agradecimento filial em nome de todos os irmãos e as felicitações pela alta honra de que acabava de ser revestido.

FLORAÇÃO DE PESSOAL

Com efeito, já passava de cinco anos que o Pe. Selva dirigia os destinos da Inspetoria, quando a Santa Sé, em 27 de dezembro de 1937, o elegeu Bispo Titular de Metre e Prelado do Registro do Araguaia, em Goiás. Foi o primeiro Bispo oriundo da Inspetoria de São Luiz de Gonzaga.

Preferindo concentrar-se na consolidação das Casas, em seu inspetorado abriu somente duas: a de Natal e o Seminário de Belém. Em compensação, o pessoal salesiano aumentara para 53 sacerdotes, 49 coadjutores, 27 clérigos estudantes de teologia, 33 tirocinantes e 22 estudantes de filosofia, além de 7 noviços.

É toda uma florescência de pessoal moço, o que permite um planejamento a longo prazo e a certeza da continuidade da ação pastoral.

O PADRE GUIDO BARRA

Para substituir o Pe. Selva, os Superiores nomeiam Inspetor, em princípios de 1938, o Pe. Guido Barra.

O Pe. Guido Barra viera da Itália já ordenado e fora diretor por três anos do Colégio de Belém e nestes últimos meses, do Liceu de Salvador, onde se impôs à admiração de todos por uma orientação disciplinadora, tão necessária a institutos de educação.

Apóstolo infatigável da Ação Católica, o Pe. Barra alia à sua larga visão de educador e de religioso uma inteligência pouco comum. Laureado em Letras pela Universidade de Turim, o Pe. Barra possui perfeitamente seu idioma e domina bastante bem o nosso. É o homem a quem melhor se pode aplicar o título de dinamismo personalizado, conforme se verá nos capítulos a seguir.

EIS O GRANDE SACERDOTE!

A 24 de abril de 1938 o Santuário do Sagrado Coração, no Recife, apinhado de alunos e fiéis, foi palco, pela primeira vez, das imponentes cerimônias da Sagração Episcopal. Às sete e meia da manhã, S. Ex. Revma. o Sr. D. José Selva, recebeu a unção sagrada das mãos do Metropolita, o Sr. D. Miguel de Lima Valverde, sendo consagrantes D. Adalberto Sobral, Bispo de Pesqueira, e D. João da Matha Amaral, Bispo de Cajazeiras, ex-aluno salesiano.

Às 16 horas, em ação de graças, se cantou o Te Deum e a Bênção Solene, oficiados pelo Sr. D. José Selva.

À noite houve a tradicional sessão lítero-musical em homenagem ao novo Bispo, com saudação dos alunos, ex-alunos, cooperadores e salesianos.



D. José Selva

DATA ESPECIAL

Antes de partir, o Sr. D. José Selva visitou algumas casas da Inspetoria, porém, se fez distinguir como data especial na história da Colônia de Jaboatão o dia 15 de maio.

Pela manhã, no Santuário, D. José Selva conferiu a ordem sacerdotal ao Pe. Aurino Caracciolo. É o primeiro sacerdote ordenado no Santuário e também o primeiro que D. Selva ordena. Às onze e meia inaugurou-se o monumento de Domingos Sávio, no pátio do Instituto. Depois de explicar brevemente o alto significado do ato que se iria realizar, o Pe. Agra descerrou a cortina que ocultava a estátua entre prolongada salva de palmas.

Este monumento, que por muitos anos foi visto no jardim entre o noviciado e o aspirantado, com a reorganização da Casa recusou-se a subir para o novo prédio atrás do Santuário. Simplesmente desapareceu, e ninguém, entre os interrogados, sabe dizer onde se encontra.

DESPEDIDAS

O dia 20 de maio de 1938 é dia de despedidas. O Inspetor Pe. Guido Barra viaja para a Europa a fim de tomar parte no Capítulo Geral e D. José Selva seguiu para sua Prelazia em Goiás, onde trabalha indefessamente até 13 de agosto de 1956 quando, coberto de méritos e sacrifícios, ouviu a voz carinhosa de Cristo: "Vem, servo bom e fiel. Entra no gozo do teu Senhor".

CAPÍTULO XIII

MARCHA PARA O SERTÃO

1938 - 1939

PROGRESSOS EM NATAL

Deixamos Natal, embora incipiente, em franco progresso que se reflete numa sequência de acontecimentos notáveis.

A 12 de junho de 1938, realizou-se a bênção das imagens de Nossa Senhora Auxiliadora e de S. José, na nova capela erecta ao lado do prédio. O Pe. José Bezerra convidou mais de cem famílias para paraninfar a cerimônia. Em pouco tempo encheu-se o salão que mede vinte metros de comprimento por vinte de largura. A cerimônia se iniciou às quatro e meia da tarde, quando o Sr. Bispo Diocesano, D. Marcolino Dantas, benzeu solenemente as duas imagens, e depois, pronunciou breves palavras, manifestando sua satisfação por ver aberto mais um centro de piedade para o povo de Natal.

No dia 19 de junho festejou-se o Dia do Padre, em que o Pe. Belchior Maia d'Athayde fez uma magnífica conferência com projeções luminosas. Também neste mês se realizou uma festividade em honra do Sumo Pontífice Pio XI, abrilhantada pela conferência do Dr. Luis da Câmara Cascudo.

Em fevereiro de 1939, abriu-se o Externato S. José, para alunos do curso primário, o que marcou um impulso notável que prosseguiu sem tropeços durante muito tempo.

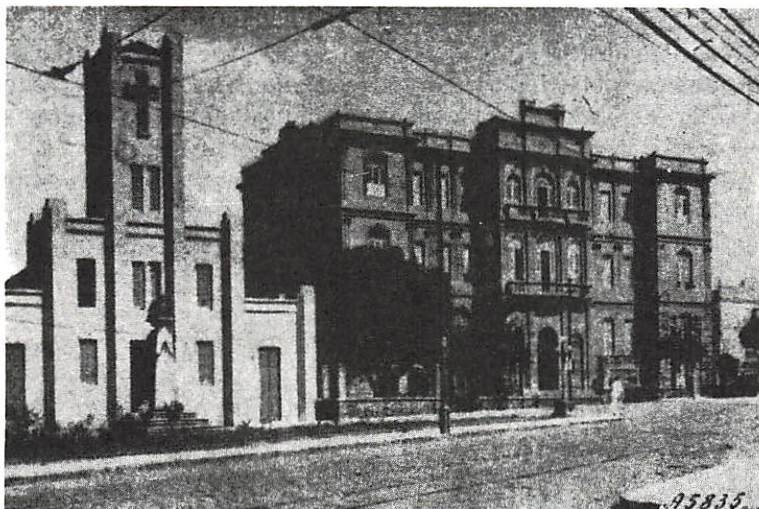
Em 1940, com a Casa já regularizada, o Pe. Bezerra passa a direção ao Pe. Celestino Capra, que fica no cargo apenas um ano. Em 1941 é nomeado diretor da Casa de Natal o Pe. Antônio Dallavia.

Como quem passa por um jardim colhendo flores, deixemos Natal prosperando e vamos a Manaus colher a beleza de uma grande manifestação.

DESFILE EM MANAUS

Na tarde do dia 3 de maio de 1938, na Praça Antônio Bittencourt, promovida pela família salesiana do Amazonas, realizou-se uma concentração de mais de 2000 jovens, entre rapazes e moças, devidamente uniformizados, dos cursos primário, secundário e técnico, inclusive as operárias da Casa mantida pelas Irmãs Salesianas no bairro da Cachoeirinha.

Prestaram homenagem ao Presidente da República nas pessoas do Interventor, Dr. Alvaro Maia, e Coronel Manoel Alexandrino da Cunha, chefe da comissão de inspeção de fronteiras, que se encontravam no edifício da Saúde Pública. Falaram o Dr. André de Araujo, Juiz de menores, o Sr. João Liberal, ex-aluno, e um aluno do Colégio. Depois desfilaram os moços salesianos sob evidentes sinais de simpatia e admiração da massa popular.



Manaus - Colégio D. Bosco

A admiração do povo pela juventude salesiana é pequena quando comparada com a de Mons. Massa diante de uma novidade que ele teve a sorte de provar.

VIAGEM DE MONS. MASSA

Mons. Pedro Massa narra com admiração superlativa a primeira viagem de avião com que se aventurou, em novembro de 1938, a uma visita às Missões.

Saiu do Rio de Janeiro às cinco e meia da manhã a bordo de um Clipper de quatro motores e depois de parar um pouco na Bahia e Camocim, chegou a Belém às nove horas da noite.

Na madrugada seguinte, tomou um pequeno hidro-avião de dois motores que deveria chegar em oito horas a Manaus. Contemplado do alto, extasia-se Monsenhor, dá o Amazonas a sensação de um mundo ante-

diluviano, que perturba as idéias naquela amplidão infinita, formada de grandezas nunca vistas, de onde emerge uma impressão de tristeza na visão daquele caos desordenado, certamente ainda em formação.

Após rápida parada em Manaus, que aproveita para visitar o Colégio D. Bosco e as Casas das Irmãs, Mons. Massa segue para Porto Velho. Depois de apenas três horas e meia de voo, contempla a Igreja e o hospital da Prelazia e os dois colégios da missão.

No meio da alegria dos nossos Irmãos, registra o viajante, não podíamos deixar de lembrar que, três dias antes, estávamos no Rio de Janeiro, tendo percorrido em 30 horas de viagem efetiva mais de 4.300 milhas entre as nuvens.

A admiração de Monsenhor, que já fizera a mesma viagem empregando dois meses, não tem limites, como não tem limites, agora por outros motivos, a admiração de uma autoridade que por esse tempo visitou as Missões.

VISITA DO INSPETOR DE FRONTEIRAS

Neste ano de 1938, visitou as Missões do Rio Negro e de Porto Velho o Coronel Alexandre da Cunha, Inspetor de Fronteiras, que em nome do Presidente levou aos indígenas e caboclos daquelas regiões, e aos seus missionários, a palavra de conforto e animação do Governo Federal.

Ao se despedir, e mais tarde em entrevista à Imprensa, S. Ex. se confessa embevecido e emprega para com os missionários salesianos as palavras mais elogiosas e cheias de admiração.

É muita admiração para um capítulo só. Voltemos ao dia-a-dia normal.

VISITA DO PADRE BARRA ÀS MISSÕES

Recém-eleito, o Pe. Barra teve que seguir para o Capítulo Geral em 1938 e, além disto, tendo que resolver diversos negócios com uma urgência incompatível com uma longa viagem, somente em maio de 1939 pôde visitar as Missões, e nos refere as condições de isolamento vividas pelos nossos bravos missionários. Escreve o Pe. Barra:

"O gaiola passa pela Missão uma vez por mês. Coisas já conhecidíssimas são para eles novidades, porquanto o rádio para os missionários do Rio Negro, não passa, por ora, de um pio desejo, embora lhes seja tão necessário". A seu tempo chegará o rádio, e depois a televisão, e, com eles uma reviravolta cultural que dispensa comentários.

E o Pe. Barra nos conta como se passa um dia na Missão: "Depois do

café, os vários turnos se dirigem ao campo, ou às oficinas, enquanto transcorrem duas horas bem aproveitadas porque o sol ainda é benigno. Ao voltar, uma ligeira merendinha e depois aulas até às onze e meia, almoço e recreio. De tarde, aulas até às três e uma outra merenda. Voltam aos campos, ou às oficinas, até às cinco da tarde que é a hora do jantar”.

A meteorologia continua sendo parte do apostolado dos missionários. Por obra do engenheiro Padre Bruno Herzberg, salesiano, que dirigiu a estação meteorológica de Porto Velho de 1939 a 1950, nesse ano, os instrumentos foram assentados no ponto mais alto da cidade, em uma torre cômoda, erigida com esta finalidade sobre o edifício do Colégio Dom Bosco.

A meteorologia nos encaminha a falar de outra região do Brasil que se caracteriza pelas incertezas meteorológicas. Depois da marcha para o Norte, os salesianos empreendem agora a marcha para o Sertão.

PEDIDOS CONVERGENTES

Até os fins da década de 30 os salesianos tinham se estabelecido apenas nas cidades litorâneas, se se excetuam as Missões do Amazonas, no que seguiram, conscientes ou não, o roteiro da colonização do Brasil.

Eis que agora aparece a oportunidade de orientar o apostolado também para o sertão adusto e comburido, abrindo Casas em Cajazeiras, na Paraíba e Juazeiro do Norte, no Ceará.

A convergência dos pedidos é um incentivo a submeter-se à árdua missão. Estabelecendo essas Casas, relativamente próximas, os Irmãos não ficarão isolados. Podem se apoiar mutuamente e contar com a proximidade da casa de Baturité, que já funciona regularmente.

CAJAZEIRAS

O ano de 1938 já chegava ao término quando o Pe. Guido Barra aceitou do Sr. D. João da Matha Amaral, Bispo de Cajazeiras, o Colégio Pe. Rolim, já célebre por terem nele estudado muitos personagens distintos na História, dentre os quais o Pe. Cícero Romão Batista, o taumaturgo do sertão, e o Cardeal Joaquim Arcoverde, primeira púrpura da América Latina.

Assim, em princípios de 1939, na cidade de Cajazeiras, sob a direção dos Padres Salesianos abre-se um colégio para alunos internos e externos do curso primário e ginásial. Como sempre está à frente a ponta de lança salesiana: o Oratório Festivo, ao qual se acrescentam as Escolas Noturnas para a juventude carente.

Foi nomeado para dirigir a nova Casa, o Pe. Antônio Campelo de Aragão, auxiliado pelo Pe. Eugênio Vespignani, clérigo Paulo Gois e os coadjutores José Sersen e Miguel Burroni.

A entrega do Colégio foi realizada oficialmente em uma sessão magna, no Teatro Municipal, apinhado de representações de toda a cidade e na presença de todo o Clero Diocesano. O Sr. D. João da Matha discursou, manifestando mais uma vez seu ardentíssimo amor a D. Bosco.

O Pe. Campelo, todo entusiasmo e movimentação, em pouco tempo, projeta o nome salesiano não apenas na cidade, mas por toda a região. As festas do Colégio dão vida a Cajazeiras. A participação do Salesiano no Congresso de 1939 foi nota de destaque, mesmo empanado depois por um lutuoso acontecimento narrado a seu tempo.

O movimento religioso se desenvolve de tal forma que nasce a idéia da construção de uma capela. Para o Pe. Campelo uma simples capela é pouco. E a idéia se amplia para o projeto de uma Igreja a N. S. Auxiliadora. Lançada a pedra fundamental a 5 de maio de 1941, a 8 de dezembro do mesmo ano foi inaugurada a primeira parte de 35 metros de comprimento, chegando ao presbitério; o Santuário é de três naves com elegante torre, iluminado e arejado por amplas biforas gótico-romanas. Benzeu o novo Santuário Mons. Abdon Pereira, DD. Vigário Capitular.

Mas não avancemos muito no tempo. Vamos à outra Casa sertaneja.

JUAZEIRO DO NORTE

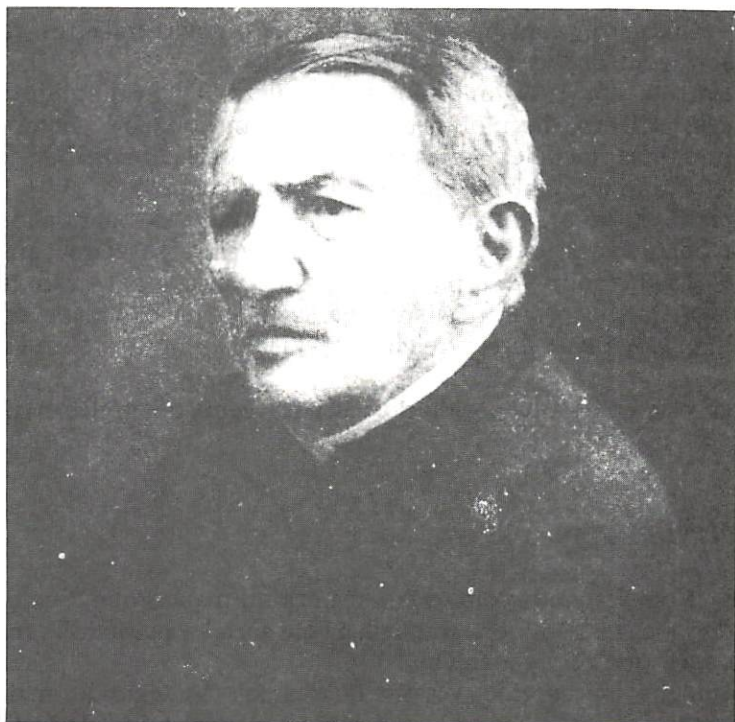
Já em 1924 o famosíssimo Pe. Cícero escrevia ao Pe. Carlos Leôncio, então diretor do Colégio do Recife, convidando-o a ir até Juazeiro. Tencionava fazer testamento deixando todo o seu patrimônio para os salesianos, pois “conhecia de longa data esses padres como devotos de Nossa Senhora e cuidadosos dos meninos pobres e órfãos”.

O Pe. Carlos Leôncio comunicou-se com o Inspetor, Pe. Pedro Rota, que não teve pressa em responder. Ao fim de algum tempo enviou a decisão de que “não convém nos metermos agora nesta questão muito atrapalhada com o Bispo D. Quintino. Este também é o parecer da Nunciatura”. A resposta deixa claro o motivo da demora.

O Pe. Carlos Leôncio desculpa-se perante o Pe. Cícero, mas este não desanima. Escreve diretamente ao Pe. Rota para “implorar este ato de caridade cristã que é fundar aqui um Colégio Salesiano”.

O PADRE CÍCERO

Personagem de fundamental importância para a história do Nordeste, o Pe. Cícero Romão Batista nasceu em 24 de março de 1844, na cidade de Crato, Estado do Ceará. Estudou a princípio no Colégio Pe. Rolim, em Cajazeiras, e depois no Seminário de Fortaleza, onde se ordenou em 1870. Em 1872, visitava Juazeiro quando, segundo ele, teve uma visão em que Jesus lhe ordenava aí ficar para tomar conta dos sertanejos. Benfeitor dos pobres, viu crescer em pouco tempo sua fama de santidade.



Padre Cícero Romão Batista

O livro "Cartas do Pe. Cícero", refere um traço de sua personalidade: "O Pe. Cícero tinha a louvável idéia de reproduzir a correspondência que remetia ou recebia". Mais que louvável, laudabilíssima! E ainda uma lição. Escrever sobre fatos passados é obrigar-se a lamentar tantas crônicas não escritas neste século! Causa pena considerar tantos documentos dispersos ou mesmo destruídos, que conservados, contribuiriam para o registro dos fatos da Congregação!

Acompanhando pois a correspondência do Padre Cícero sabemos que na primeira sexta-feira do mês e da quaresma, 1º de março de 1889, aconteceu um fato cardeal para a história posterior de todo o Nordeste, inclusive a nossa.

U'a moça, (beata, no linguajar local) de nome Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, ao receber a comunhão, cai repentinamente no chão, enquanto a hóstia em sua boca torna-se vermelha como sangue. O fato se repete nos dias seguintes e o sangue chega mesmo a empapar uns panos.

Milagre ou embuste?

Certamente uma fonte de aborrecimentos e contradições. Nascia a "questão de Juazeiro", com inquéritos, comissões, novos milagres, relatórios, e até uma viagem do Pe. Cícero a Roma.

Finalmente em 1899, o Bispo de Fortaleza, D. Joaquim José Vieira, proíbe o Pe. Cícero de morar e celebrar em Juazeiro. Este obedece prontamente...pela metade! Apresentando uma série de razões, continua morando em Juazeiro, embora sem pregar ou celebrar.

Enquanto corre a questão, se avoluma sua fama de santidade entre os sertanejos. Romarias de todo o Nordeste se dirigem a Juazeiro para receber a bênção de "meu padim". Seu prestígio e ação político-social foram tamanhos que transformaram o pequeno vilarejo na segunda maior cidade do Estado do Ceará. Foi por duas vezes Prefeito da cidade e por três Vice-Presidente do Estado.

É por esta época que a vida do patriarca vem se entrelaçar com nossa história.

CORRESPONDÊNCIA

O Pe. Rota responde com toda a clareza afirmando que "sente a maior satisfação em realizar essa obra eminentemente social e patriótica", mas expõe as dificuldades que vê pela frente.

A primeira é a enorme escassez de pessoal. "A segunda, mais importante, é a situação de V. Revma. em relação a Autoridade Eclesiástica...pois uma Congregação Religiosa não poderá entrar numa Diocese sem a explícita licença do Sr. Bispo".

A correspondência prossegue. Pe. Cícero pede mesmo a intervenção do Pe. Rota para resolver sua situação, comprometendo-se a submeter-se, "ouvindo-o e atendendo em tudo quanto o seu esclarecido e piedoso espírito achar de bom alvitre".

O bom alvitre do Inspetor prudentemente manobra de modo a permanecer fora de uma confusão que envolve de autoridades eclesiásticas a sertanejos fanáticos.

Enquanto isso o Pe. Cícero insiste em carta de 11 de julho de 1925: "Ah! meu amigo, quanto eu ficaria satisfeito se visse ainda os discípulos de Dom Bosco instalados nesta cidade!"

O quanto estimasse o Pe. Cícero o trabalho dos salesianos ressuma-se no seguinte trecho de sua carta a um amigo: "Estou tratando de fazer aqui no Juazeiro esta instituição, a fundação da Ordem dos Salesianos, casa, colégio, capela desta Ordem santa e promovida por Deus em nossos tempos".

E num rasgo de visão admiravelmente ampla, confidencia: "Tomo o propósito de destinar uma parte destes meninos que se educarem para se ordenarem e serem mandados para catequizar a imensidade de índios brasileiros sem conhecimento de Deus e pagãos dentro das matas, para serem batizados e se salvarem".

Concluído o seu mandato, o Pe. Rota viaja para a Europa e a correspondência se rarefaz. Porém, em 1932, com a passagem pelo Brasil do Pe. Pedro Tirone como Visitador Extraordinário, volta o Pe. Cícero a insistir no mesmo ponto, pedindo mesmo a intermediação do Arcebispo de Fortaleza, D. Manoel da Silva Gomes. E continuou com tratativas empreendidas junto ao próprio Núncio Apostólico.

O Bispo de Crato, diocese neste íterim criada, também se interessava pela feliz solução do assunto. Em 3 de agosto de 1932, escreveu ao Inspetor Pe. Selva, "a respeito de uma fundação de uma escola profissional, na cidade de Juazeiro, conforme a proposta feita a meu pedido (...) Entretanto, devido a circunstâncias particulares o caso não poderá de todo, ser resolvido, sem prévia audiência da Santa Sé".

Essa pendência que atravessou os inspetorados dos Padres Rota, Tirelli e Selva só veio a ser resolvida sob o inspetor Guido Barra, já tendo o Pe. Cícero falecido desde 20 de julho de 1934.

A HERANÇA

Este é o que se pode chamar um problema espinhoso.

Nas disposições de seu testamento o Pe. Cícero fala dos "bens, que ora deixo, na maior parte, para a Bem-aventurada e Santa Congregação dos Salesianos, a fim de que ela funde, aqui no Juazeiro os seus colégios de educação para crianças de ambos os sexos".

Com o falecimento do Pe. Cícero, o Inspetor Pe. Selva instituiu como procurador dos Salesianos o Coronel Ananias Arruda, o qual, residindo em Baturité, não tinha condições de dar a devida assistência aos interesses dos herdeiros. Mesmo assim, em setembro de 1934, fez o sacrifício de visitar Juazeiro e Crato. Entrou em contacto com o Sr. Bispo, com o testamenteiro

do Pe. Cícero, coronel Alves Pequeno, e com outras pessoas que de algum modo estavam ligadas aos bens do Pe. Cícero. Não podendo exercer o procuratório, o Cel. Ananias transfere-o ao Dr. Raymundo de Norões, advogado, residente no Crato. Tendo este sido eleito Deputado Estadual, passou a residir em Fortaleza, ficando então os herdeiros praticamente sem procurador. Muitos, então, se aproveitaram inescrupulosamente, apossando-se dos despojos do velho sacerdote.

Cinco longos anos são mais que suficientes para se delapidar qualquer fortuna, sobretudo de herdeiros que não tinham condições de se fazerem presentes, ou confiavam demais nas pessoas...

É difícil avaliar à distância no tempo e no espaço.

Pode ser verdadeiro interesse, ou simples cupidez, a insistência de certo advogado muito interessado em cuidar do que ele chama "vultuoso legado do Pe. Cícero". Veio ao Recife falar com o Pe. Inspetor e de volta ainda se insinua como pessoa que tem "particular interesse pelo bom êxito dos negócios dos Salesianos", e em troca de tamanha dedicação auto-proclamada declara que "me contentarei com honorários módicos".

Havia muitos amigos dos herdeiros...ou da herança.

Alguns amigos insistiam: "Todos consideramos a vinda dos Salesianos a Juazeiro uma necessidade indeclinável e urgentíssima...Até mesmo os trabalhos normais do inventário têm sido prejudicados à falta de um Padre salesiano...Tomo a liberdade de lembrar a conveniência de mandar um padre salesiano passar uma temporada aqui, para verificarmos se são, ou não, procedentes estas minhas palavras".

CHEGADA A JUAZEIRO

Os salesianos chegaram a Juazeiro em 31 de março de 1939, sexta-feira anterior à Semana Santa. Na frente da Matriz, o diretor Pe. Agra celebrou Missa na presença de autoridades e grande multidão de povo.

Passou-se em seguida à cerimônia da instalação oficial na sede social do Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos de São José, sob a presidência do Bispo de Crato, D. Francisco de Assis Pires.

Estavam entre as autoridades presentes o Cel. Antônio Pita, prefeito municipal, Mons. Joviniano Barreto, Vigário de Juazeiro e o Coronel Ananias Arruda, ao mesmo tempo representante do Interventor Federal, Prefeito de Baturité e Procurador dos Salesianos em Juazeiro do Norte.

Iniciando a sessão, D. Francisco Pires apresentou os "gigantes" tão esperados e disse que "cumprindo as vontades do inesquecível Padre Cícero Romão Batista, que em testamento lhes legara a maior parte de seus bens,

a fim de fundarem nesta cidade uma escola para educação profissional e ensino primário, destinada às crianças pobres desta populosa cidade, os Salesianos estão aqui nesta hora, recebendo das minhas mãos a investidura de benfeitores da juventude de Juazeiro (...) para honra de Deus e engrandecimento do querido Brasil". Depois falou Mons. Joviniano Barreto, sobre a "formidável ansiedade" com que o povo esperava os salesianos, "hoje triunfalmente recebidos e empossados por D. Francisco". O Pe. Inspetor, Guido Barra, agradeceu a carinhosa acolhida e outros oradores se fizeram ouvir.

Durante toda aquela primeira semana, Juazeiro foi uma festa. A solenidade litúrgica e a chegada dos Salesianos atraíam multidões. De todas as partes do Cariri acorriam pessoas desejosas de tomar a bênção dos "Santos Padres Salesianos", expressão patentemente exagerada.

Ah! se tudo fossem festas!

ROSAS E ESPINHOS

Com os perfumes das rosas os Salesianos receberam uma braçada de agudos espinhos. Uma questão resolvida parcialmente se reproduz como cogumelo após a chuva. A questão Juazeiro vai se desenrolar ainda por muitos anos com dissabores sem conta.

Em seu testamento o Pe. Cícero deixou "para a Ordem dos Padres Salesianos" vários sítios, terras e prédios, alguns com gravames, ou cláusulas inibitórias. Ficando com os bens os Salesianos assumiram também o compromisso de pagar os impostos das propriedades. Dessa forma, a maioria dos bens legados foram alienados para saldar as taxas e as dividas contraídas pelo Pe. Cícero, seus administradores e/ou aproveitadores. Assim é que, através da venda em hasta pública, os herdeiros foram se desfazendo paulatinamente do que ainda encontraram em 1939. As fazendas, sítios e casas, mesmo antes do Pe. Cícero falecer, eram arrendadas a pessoas que agiam como donas, pois o verdadeiro dono, já não tinha como administrá-las. Certamente essas pessoas não vão agora entregar de mão beijada essas propriedades.

A COR LOCAL

A presença dos "Santos Padres" alvoroçava a imaginação popular. Em menos de um mês propala-se na cidade a notícia de que um padre salesiano fizera um milagre: um mudo adquirira a fala. O padre aplicara-lhe três vezes a mão na cabeça, seguindo-se o milagre. E torna-se difícil ao padre sair à rua, tantas as pessoas a querer beijar-lhe a mão, a batina, ou mesmo os pés.

Por outro lado um véu de suspeita recobre algumas daquelas almas simples. Aos sussurros corre a notícia de que os padres recém-chegados são adeptos de um tal de Cristo-Rei que, alguns sabem, é nada menos que o chefe de uma “leis” chamada comunismo.

Tais excessos e confusão de idéias, porém, só podem servir de estímulo para os que estão iniciando o trabalho.

OS PIONEIROS

A comunidade, constituída pelos Pes. Antonio de Almeida Agra e Davino Ferreira, teve que se submeter às costumeiras dificuldades iniciais. Não dispunham de residência própria, porisso se abrigavam nas dependências da Casa Paroquial, em uma pequena casa na atual rua Pe. Cícero, nº 147, e faziam refeição na casa de uma senhora, Dona Generosa de Alencar, criada pelo Pe. Cícero.

Enquanto as obras iam surgindo, abriram uma pequena escola na rua S. José, numa casa pertencente aos Salesianos.

O Pe. Agra é descrito como homem de “porte atlético, fino cavalheiro, homem de decisões rápidas e poucas palavras. Possuía outrossim, embora aparentasse o contrário, um magnânimo coração”. Era o homem talhado para regularizar a situação. Logo depois de instalados, começa a visitar sítios e fazendas para evitar invasões e depredações, e tomar algumas medidas que se impunham.

Foi mexer em casa de maribondos, e dos mais ferozes. No mínimo, provocar conflitos e mais conflitos na Justiça. Porque alguns mais impacientes avisam: Se o padre aparecer por aqui vou resolver a questão à bala. Aqui e agora.

As distâncias e o tempo fizeram com que o legado do Pe. Cícero, aos poucos fosse desaparecendo. Não muito tempo foi necessário para que restassem apenas o que hoje existe: um terreno na serra do Horto, ao norte da cidade, e algumas casas simbolicamente arrendadas ou cedidas à pobreza local.

Mas, o grande e verdadeiro tesouro ninguém podia arrebatara: as almas simples e naturalmente religiosas dos sertanejos e seus filhos.

Uma comissão de moradores de Juazeiro vai ao Recife, levando substancial contribuição monetária para que se inicie logo a construção de um colégio. O Pe. Guido concorda e a Rádio Clube de Pernambuco divulga a notícia a 2 de maio de 1939.

PRIMEIROS ANOS

Mas não se pode esperar até que a construção fique pronta. Em outubro de 1939 inaugura-se a escola do Horto, mantida pelos salesianos, com duas professoras e cem alunos de ambos os sexos.

Foi a arrancada. Logo em novembro se começa a construção do Colégio.

Para conseguir fundos para a construção do novo colégio o Pe. Agra tinha que viajar frequentemente. Às dificuldades naturais acresciam-se os reflexos da guerra que consumia a Europa. E ainda tinha que se submeter à maledicência e ignorância dos que murmuravam que os proventos da herança do Pe. Cícero estavam sendo desviados de Juazeiro para serem empregados em outras terras. E eram capazes de informar com precisão onde: na construção de um grande Colégio em Apipucos, no Recife. De fato, o Colégio está lá, para quem quiser ver, e que Deus o abençoe. Mas não tem nada a ver com os Salesianos. É um Colégio dos Irmãos Maristas.

ORATÓRIO

Em fevereiro de 1940 o pessoal da casa, que já estava provisoriamente instalado no prédio do Círculo Católico São José, distante uns poucos passos da Casa Paroquial, recebe o reforço do clérigo Antonio Saraiva, que começou a ajudar no Catecismo e a organizar o Oratório Festivo. Em junho, além de diversos cânticos, os oratorianos já sabiam cantar a missa De Angelis e edificavam a todos com o comportamento piedoso nas funções litúrgicas. Adiantemos que o clérigo Saraiva mais tarde passou para o Clero Diocesano, tendo sido durante muitos anos Vigário de Aliança, em Pernambuco, exemplar Cooperador Salesiano.

Em abril se inauguram as aulas noturnas em uma das salas da casa dos salesianos, para em maio serem transferidas para a rua S. José. O ano foi coroado com um certame catequético que marcou época. O salão estava cheio, contando-se com a presença da Diretora da Escola Normal e de várias autoridades. O certame constou de catecismo, liturgia e palavras da missa. O aluno vencedor foi condecorado com uma medalha de ouro. Terminado o certame, iniciou-se uma representação teatral.

A Missa campal, à meia noite no Natal, encerrou dignamente o ano. O altar e a praça, que regurgitava de fiéis, estavam adornados com bandeirolas. Promoveu-se um festival para os meninos, desde as 8 horas, com distribuição de biscoitos. Depois, na praça, os meninos entoavam lindos cânticos enquanto o povo assistia piedosamente ao Santo Sacrifício.

INAUGURA-SE O COLÉGIO

Aos 26 de abril de 1942, com a planta geral em mais de 60% realizada, iniciava suas atividades o Colégio Salesiano São João Bosco, de Juazeiro, construído na parte alta da cidade, e destinado ao Oratório Festivo, ao externato primário, diurno e noturno, curso profissional e comercial.

Estavam presentes o Sr. D. Francisco de Assis Pires, o Dr. Antonio Pita, Prefeito da cidade, o Pe. Guido Barra, Mons. Lustosa, o Juiz de Direito e outras autoridades religiosas, benfeitores e grande representação do povo. O Pe. Agra abriu a sessão dizendo que "a Obra Salesiana de Juazeiro é uma realização dos sonhos do Pe. Cícero", agradeceu o apoio do Sr. D. Francisco de Assis Pires e do povo em geral. Sob a presidência do Sr. Bispo prosseguiu a sessão falando o orador oficial, Dr. José de Souza Menezes e um aluno do Colégio de Cajazeiras. Em seguida se fez ouvir o Prefeito, "cantando hosanas à Congregação Salesiana", e o Prof. Aluísio Epitácio que põe em relevo a obra do Pe. Agra. Por fim, o Exmo. Sr. Presidente encerrou a sessão "com um único sentimento, vivo, justo: Os parabéns à benemérita Congregação Salesiana".

O CALDEIRÃO

No levantamento da herança do Pe. Cícero, realizado pelo Coronel Ananias Arruda em 1934, consta o sítio Faustino, ou Caldeirão, a umas quatro léguas da cidade do Crato, compreendendo uma área de meia légua de largura por uma de fundo.

Um certo beato José Lourenço, em tempos idos, fora encarregado pelo Pe. Cícero de administrar o sítio. Acoitando ora esse, ora aquele fugitivo, o Caldeirão tornou-se uma república socialista-religiosa nos moldes de Canudos. E a história se repete não só em termos político-religiosos como nas desordens morais.

Temendo aquele ajuntamento, foi enviada uma patrulha para observação. Em uma escaramuça, o comandante, Tenente Bezerra, foi morto. Uma força policial então é despachada de Fortaleza, em setembro de 1936, e arrasa Caldeirão. O beato, com um grupo dos moradores, consegue fugir e se estabelecer em Exu, Pernambuco, mas aos poucos voltam para o Caldeirão. Com a chegada dos salesianos, em 1939, o Pe. Agra sofre enormes e constantes pressões, inclusive de autoridades, para desalojar o beato José Lourenço e seu antro de bandoleiros, e tomar conta diretamente daquelas terras. Por diversas vezes o Pe. Agra visita José Lourenço para convencê-lo a sair em paz, mas ouve sempre o mesmo refrão: "Não tô fazendo nada de

mal. Meu Padim mandou eu rezar o rosário e o Ofício de Nossa Senhora aqui. Saio não senhor". O Diretor que era de boa paz, fez de tudo para resolver o assunto na amizade, mas passou por maus momentos. Chegou a sofrer ameaças dos capangas e por vezes teve que ser acompanhado por guarda-costas.

"Profetas" surgidos muito tempo depois, viram neste ajuntamento, como em Canudos, "um exemplo de sociedade alternativa, pois o vínculo que une seus habitantes é a fé católica popular dos peregrinos e nordestinos". Com um tique ingenuamente ideológico afirmam que "o motivo definitivo (do Caldeirão) foi a fé. Só Deus é grande e a terra é de ninguém, pois a terra é de Deus".

É possível.

Mas a sociedade local, que está vivendo o momento, teme pela própria segurança. Reúnem-se no Crato autoridades religiosas, civis, judiciárias, militares, municipais e estaduais, e resolvem agir. Em 1940 o Caldeirão é mais uma vez destruído. Segundo contam, a polícia lutou durante dois meses e não conseguiu desalojar os sitiados. Só o Exército, com bombas lançadas de aviões, conseguiu dobrar o beato e seus seguidores.

Por ter dado o sinal verde para que se desencadeasse o processo, o Pe. Agra foi censurado por alguns desavisados, enquanto o desdobramento de toda a operação demonstra a amplitude dos problemas que ele teve de enfrentar.

Um pouco mais tarde, ainda no Sertão, ou mais precisamente em Juazeiro, os Salesianos abriram uma Escola Agrícola. Mas, deixemos esta história para depois, e voltemos para o litoral.

PRESENÇA EM FORTALEZA

Esta é a época da expansão salesiana na terra de Iracema, pois enquanto temos tão boas notícias do sertão, também as temos nas cidades banhadas pelo mar.

Quem visitasse pelos anos 30, o bairro de Joaquim Távora em Fortaleza, encontraria uma pequena igreja dedicada a Santa Teresinha, num bairro muito pobre com uns poucos casebres e muito mato. O problema dos jovens e crianças pobres desse bairro pobre era um desafio muito sério. Para enfrentá-lo com possibilidade de êxito o Arcebispo D. Manoel da Silva Gomes havia criado em 1934 uma paróquia com a denominação de Freguesia de Santa Teresinha, funcionando a capela de N. S. da Piedade como Matriz provisória. As melhorias, porém, não foram assim tão visíveis, de modo que o Sr. Arcebispo e o governo do Estado só viam uma saída: entregar esse campo

de ação aos salesianos, já conhecidos pelo seu apostolado em Baturité, onde trabalhavam desde 1930.

As tratativas não foram fáceis, pois esta seria a primeira paróquia confiada aos salesianos da Inspetoria São Luiz de Gonzaga. As Constituições dos Salesianos não faziam boa cara ao trabalho nas paróquias. Ao elencar os campos da pastoral da Pia Sociedade estabeleciam: "Em via ordinária não se aceitem paróquias". Para os envolvidos, este é um caso extraordinário, que merece um tratamento especial, e como tal vai permanecer por mais de vinte anos. De qualquer forma, acordos concluídos, a 1º de janeiro de 1938, o Pe. João Kaiser veio de Baturité para dar início à Presença Salesiana em Fortaleza.

Para o Pe. Kaiser era fácil administrar a casa, porque...não havia casa. Não se pode dizer que se ia começar do zero, mas quase, pois havia apenas a Igreja, de que uma comissão de boas senhoras cuidava, enquanto ensinava catecismo aos meninos e meninas.



Fortaleza: Igreja da Piedade

Durante a missa foi lida a provisão que declarava o nome do pároco salesiano, que logo se pôs em ação, de forma que, no dia seguinte, domingo, começou um Oratório Festivo para rapazes e moças, segundo o costume da época em seções separadas, sendo o Oratório das moças dirigido por um grupo de senhoras e senhoritas. No dia 5 de janeiro, o prefeito da cidade, Dr. Raimundo de Alencar Araripe, visitou o terreno da projetada instituição, prometendo mandar um engenheiro para delimitar e retificar o terreno.

Por todo o ano de 1938 o Pe. João Kaiser continuou morando em Baturité e viajando continuamente para dar assistência aos trabalhos que iam

se desenvolvendo, na Paróquia e no Oratório Festivo. Em 1939, juntamente com o Pe. Kaiser, veio residir na Paróquia o Pe. Leão Braun. Nessa ocasião abriram uma Escola Noturna e um Curso Primário com professores cedidos pela Prefeitura e pelo Estado.

E o trabalho continuou a se desenvolver, sempre voltado para a juventude pobre. A 17 de maio de 1939, iniciando-se com a bênção das imagens de São João Bosco e N. S. Auxiliadora, tamanho natural, procedeu-se à bênção da primeira pedra do Instituto a se erigir no terreno junto à Igreja da Piedade, dada por Mons. João Alfredo Furtado, governador do Arcebisado.

O pavilhão representa a execução de um dispositivo testamentário de D. Maria Libânia de Holanda, sendo executor testamentário o Dr. Francisco Meneses Pimentel, Interventor do Estado, que falou na ocasião, concitando os cearenses a colaborar com os salesianos em favor da educação integral dos meninos pobres da cidade. A história continua, mas esperemos o seu tempo.

Subindo um pouco a serra, vejamos como vai o andamento do Colégio de Baturité.

DIPLOMA ESPECIAL

No início de 1939, o Pe. Osias Teixeira Leite assumiu a direção do Colégio, substituindo o venerando Pe. Pedro Broda, falecido em novembro. Reina a disciplina e piedade, e no dia 24 de agosto de 1939, com grandes festas, se faz a entrega do diploma de alta benemerência ao Coronel Ananias Arruda, ao qual os dois colégios salesianos de Baturité, masculino e feminino, devem a vida.

A festa realizou-se à noite no teatro do Colégio com a presença de autoridades e grande número de pessoas. Falou o Pe. Inspetor pondo em relevo a obra caritativa e social do Coronel Ananias e a valiosa cooperação que com tanta generosidade vem prestando aos Filhos de S. João Bosco. Leu depois a carta do Reitor Mor que acompanhava o diploma especialíssimo que confere ao insigne benfeitor os mesmos privilégios espirituais de que gozam os salesianos. O Coronel Ananias agradeceu e seguiu-se um ótimo programa de música, discursos e poesias desempenhado pelos dois colégios.

CAPÍTULO XIV

ANOS DE PROGRESSO

1939 - 1941

SANTUÁRIO DA BAHIA

Para manter a unidade geográfica, tivemos que avançar um pouco no tempo. Vamos agora à Bahia onde chegara, em princípios de 1938, o Pe. Antônio Viet, substituído em Aracaju pelo Pe. Carlos Figueiredo. Pouco tempo depois, com a nomeação do Pe. Guido Barra para Inspetor, o Pe. Antônio Viet recebeu o cargo de diretor, prosseguindo o Liceu na rota de crescimento estabelecido pelo Pe. Sant'Anna, que permaneceu no Colégio, todo entregue à construção do Santuário.

No dia 30 de novembro de 1938, o Sr. D. Eduardo Heberhold, Bispo de Ilhéus, procedeu à sagração do monumental altar e do templo de Maria Auxiliadora, verdadeira jóia ofertada à piedade do povo baiano. A função começou às sete horas da manhã para terminar às doze e meia com a presença de autoridades civis e do clero regular e secular da Capital. À tarde cantou-se solene Te Deum terminando com a Bênção Eucarística.

Enquanto o povo se dispersa, levando para casa as emoções deste dia de bênção, vale a pena recordar os lances da epopéia de amor que o Santuário representa. A construção dessa Igreja constitui verdadeiro prodígio da operosidade do Pe. Sant'Anna, da dedicação da Arquiconfraria dos Devotos de Maria Auxiliadora e da generosidade do povo baiano.

Os trabalhos da construção começaram em junho de 1930. Os alicerces foram lançados, ergueram-se as paredes, firmaram-se os tetos e a torre elevou-se a quase 50 metros de altura, de onde a Virgem Auxiliadora, no ponto mais elevado da capital, abençoa a cidade do seu Divino Filho - a cidade do Salvador.

O eixo principal do Santuário é de quase sessenta metros; a nave central mede dez metros de largura e as laterais, cinco; dos dois lados elevam-se oito capelas de dezesseis metros quadrados, dedicados ao Sagrado Coração de Jesus, S. José, S. João Bosco, S. Francisco de Sales, Santo Antônio, Santa Terezinha do Menino Jesus, S. Luiz Gonzaga e S. Sebastião. O altar mor é todo de mármore, de cuja construção encarregou-se o artista Mario Alfonsi, de São Paulo. A estátua de N. S. Auxiliadora, a mais bela que possuem os Salesianos no Brasil, mede três metros e trinta centímetros e está colocada num pedestal de sete metros de altura por cinco e vinte de largura.

Deve-se registrar, em agradecimento à Virgem, que nessa grande construção nenhum dos operários, durante os oito anos de trabalhos, alguns perigosíssimos, sofreu o menor acidente.

O ciclo dos festejos durou oito dias.

Em princípios de 1939 o Pe. Sant'Anna que trabalhou 17 anos na Bahia, construindo o magnífico Santuário desde os fundamentos até o altar mor é transferido para o Recife, recebendo o cargo de Ecônomo Inspetorial.

NO GRÃO PARÁ

Ainda neste princípio de ano de 1939, o pessoal dirigente das presenças salesianas em Belém sofre uma mudança. O Pe. Francisco Fabbri é nomeado diretor do Colégio N. S. do Carmo, indo o Pe. Lourenço Gatti dirigir o Seminário.



Belém - Igreja e Colégio do Carmo

Em 4 de junho, o Seminário promoveu significativa homenagem oficial à nova Bemaventurada Maria Mazzarello, na Igreja de Santo Alexandre, que lhe é anexa.

De seu lado, sob orientação do Pe. Fabbri, o Colégio do Carmo adquire tal prestígio que, no dia 21 de agosto, o Sr. Abelardo Conduru, prefeito de Belém, honra o Colégio com sua visita, sendo recebido pelo corpo docente

e pelos alunos formados. Após as saudações de praxe, usou da palavra o Sr. Conduru para agradecer a homenagem de que fora alvo, exprimir sua satisfação pelo progresso da Obra Salesiana no Pará, e seu sistema educativo.

Também houve modificações no Colégio do Recife.

REFORMAS

No começo do ano de 1938 assumiu a direção do Colégio do Recife o Pe. Aécio Polla, bem ciente das dificuldades que tinha por diante, pois já trabalhava no Colégio como Conselheiro Escolar.

De fato, o Colégio não ia bem. A situação financeira se mostrava muito aflictiva. A caixa quase vazia cambaleava debaixo da obrigação de pagar grandes somas tomadas em empréstimo para a construção do edifício central, onde hoje se encontra a escada por onde sobem os alunos das sétimas e oitavas séries. A matrícula baixara de muito e a disciplina deixava a desejar, pois se metera na cabeça de alguns alunos a idéia de que, por serem poucos, o Colégio precisava deles.

Já o Pe. Polla achava que o Colégio precisava mesmo era seguir as normas do Sistema de D. Bosco. Animou os estudos, restabeleceu a disciplina, afastou quem era preciso e aos poucos o Colégio ia entrando numa fase de regularidade.

NÚNCIO APOSTÓLICO

A crônica registra, na data de 1º de maio de 1938, um fato muito auspicioso. A missa da Comunidade é celebrada por S. Ex. Revma. o Sr. Núncio Apostólico da Bolívia, desde o dia anterior hóspede de honra do Colégio, que no dia seguinte parte para a Europa.

OS CLARINS DO CONGRESSO

O ano de 1939 distinguiu-se na História do Brasil católico como o ano do 3º CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL. Desde o ano anterior os clarins convocavam a população para o Congresso Sagrado, enquanto o Recife se fazia lado a lado, a Catedral onde reza o Brasil.

Participando desta preparação em que o Leão do Norte vai rugir o seu grito de fé, de 13 a 16 de outubro de 1938 se realiza no Colégio o Congressinho Eucarístico Colegial que, contrastando com o diminutivo do



Banda de música do Colégio do Recife em 1938

nome, desenvolveu-se com toda a grandiosidade e riqueza de adesões, conforme relata com muitos detalhes O Colegial. Presidente efetivo do Congresso era o Pe. Belchior Maia, Catequista do Colégio, sendo um dos vice-presidentes o aluno Clemenceau Lira Almeida, que se transformou depois em um baluarte da Associação dos Ex-Alunos, emprestando inclusive sua valiosa experiência para a organização do Congresso Nacional com que os Ex-alunos comemoraram as alegrias deste ano centenário.

Na esteira dos ensinamentos de D. Bosco, o Colégio presta todo apoio à Igreja local. Assim é que, em abril de 1939, a Arquidiocese promove o 1º Congresso Catequético. As sessões da noite são realizadas no Colégio Salesiano, nelas participando o Padres Aécio Polla e Belchior Maia, não somente pronunciando conferências, mas também prestando valioso apoio nas comissões preparatória e executiva.

DESASTRE FATAL

Quem diria que aquele padre de compleição robusta e futuro promissor, empenhado na recuperação do Colégio, teria vida tão curta?

Em Cajazeiras, celebrava-se em junho de 1939 um Congresso Eucarístico em comemoração às Bodas de Prata da Diocese e preparação ao Congresso Eucarístico Nacional. Em nome dos Salesianos participaram das celebrações o Colégio local e os Pes. Aécio Polla e Belchior Maia, representando o Colégio do Recife.

O Pe. Polla, de estatura quase de gigante, jovem de presença naturalmente majestosa, com sua bela voz difundida pela rádio durante os dias do Congresso, deixou a todos uma impressão profunda. Encerrado o Congresso, com outros irmãos, foi visitar a nova fundação de Juazeiro. Na volta, a 18 de junho, a meia estrada entre Lavras e Alagoinhas, a 25 quilômetros de Cajazeiras, ainda no estado do Ceará, o automóvel perdeu uma roda indo jogar-se num precipício de 5 metros de altura. Capotou duas vezes, bateu numa árvore, detendo-se finalmente na sua posição natural. Os outros passageiros, Pe. Campelo, Pe. Belchior, dois moços e o motorista, projetados do carro, se saíram com ferimentos leves, mas o Pe. Polla, talvez por ser mais alto, recebera tremenda pancada na cabeça e jazia dentro do carro. Morto. Tinha 28 anos de idade e 3 de ordenado. Foi diretor por um ano e meio.

“Deus nos deu, Deus nos tirou. Bendito seja o nome do Senhor” (Job. 1,21).

A comoção foi imensa. Centenas de telegramas atestam o profundo sentimento de dor que envolveu o coração nordestino. O Colégio foi inundado

de telefonemas. Os jornais e rádios pediam notícias e pormenores, e divulgavam o noticiário enquanto apresentavam sentidos pêsames.

O MONUMENTO

Além dos sufrágios em Cajazeiras e no Recife, inaugurou-se no local do desastre, a 26 de setembro, um monumento a D. Bosco, em saudosa homenagem à memória do Pe. Aécio Polla, no mesmo lugar em que se dera o acidente do automóvel. Se bem seja um lugar muito afastado dos centros habitados, o anúncio da inauguração de tal monumento reuniu ali cerca de 300 pessoas desejosas de prestar seu tributo de estima e admiração ao saudoso extinto.

Aos pés do monumento celebrou D. Francisco de Assis Pires, Bispo de Crato, achando-se presente D. João da Matha Amaral, Bispo de Cajazeiras, autoridades, Pe. Guido Barra, Diretor e alunos do Colégio de Cajazeiras. Falaram o Mons. Gervásio em nome da Diocese de Cajazeiras e D. Francisco Pires, que agradeceu a presença salesiana de há pouco em Juazeiro onde "fará tanto bem à juventude" daquela localidade. Tomou depois a palavra o Inspetor, que agradeceu a todos os presentes.

O elegante monumento, que com o pedestal mede mais de sete metros de altura é encimado por grande cruz e ergue-se à margem da estrada que liga Lavras a Cajazeiras. Está a 6 quilômetros de Alagoinhas. Foi erigido a expensas da Diocese de Cajazeiras e é da lavra do arquiteto Sr. Agostinho Odisio, ex-aluno do Oratório de Turim.

CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

Os salesianos sentem que o modo mais digno de honrar o Pe. Polla é continuar empenhados no prosseguimento de seus projetos e ideais, mantendo a programação dos eventos já estabelecida.

Por isso mesmo, entrando na série de comemorações eucarísticas que precederam e prepararam o III Congresso Eucarístico Nacional levado a efeito nos primeiros dias de setembro, realizou o Colégio sua Concentração Eucarística no dia 31 de julho, precedendo-a de um fervoroso tríduo, Hora Santa e Bênção com o Santíssimo.

O dia da concentração foi comemorado com a comunhão geral de alunos e fiéis e Missa Solene, sendo a parte coral executada em gregoriano por todos os colegiais. À noite, houve Hora Santa e procissão interna com a participação de multidão incalculável... À chegada de Nosso Senhor Sacramentado a vibração popular atingiu as raias do delírio, anota o delirante cronista.

CERTAME CATEQUÍSTICO INSPETORIAL

Todos sabem que essa grande apoteose de Obras salesianas que hoje cobre o mundo se iniciou com uma Ave-Maria e uma aula de catecismo.

O ensino da doutrina cristã foi sempre o empenho número um de D. Bosco e de seus seguidores. O centenário, em 1941, daquela primeira aula de catecismo, se apresentava como oportunidade ímpar para divulgar e incentivar as atividades catequéticas. O Reitor Mor, Pe. Pedro Ricaldone, lançou um certame catequístico mundial, que se devia processar por etapas. Começaria pelas diversas seções e cursos de cada Casa, passaria ao círculo da Inspetoria, depois se realizaria em cada Nação, para atingir finalmente o certame final em Turim.

Como atualmente desapareceu o costume dos certames de catecismo, é possível que o leitor moderno precise de algum esclarecimento. A palavra *certame* significa combate, e o combate se costumava fazer assim.

Os alunos decoravam, rigorosamente ao pé da letra, as respostas do catecismo. No dia do certame, diante de uma banca constituída pelas autoridades colegiais, e às vezes, convidadas, os alunos se dispunham em semi-círculo e respondiam sucessivamente às perguntas feitas, em ordem, por um membro da banca. Não se admitia o mínimo deslize. Se uma palavra fosse trocada ou omitida, ouvia-se a sineta e aquele aluno se retirava, até que restava o vencedor.

Mas havia turmas em que mais de um aluno tinha a memória tenaz e não cedia de forma alguma. Então se passava a uma fase mais difícil: as perguntas eram feitas aleatoriamente. Em caso excepcional, a banca assumia o papel de mera espectadora e o aluno fazia a pergunta ao colega, que depois de responder, fazia a pergunta seguinte a outro colega e assim sucessivamente...

É possível que algum especialista em ciências psico-pedagógicas faça restrições a essa supervalorização da memória. A verdade é que, versando sobre assuntos de dogma ou moral, uma simples palavra omitida ou mal colocada pode prejudicar irremediavelmente a doutrina. Certamente que os catequistas explicavam o significado do que os alunos repetiam. Mas a memorização das respostas cristalizava de tal forma a doutrina no cérebro do jovem estudante que, muito tempo depois, diante da grande pergunta existencial, sabiam responder sem hesitar: "O homem foi criado para conhecer, amar e servir a Deus neste mundo e por este meio alcançar a vida eterna".

A sequência do certame já tinha começado em várias Casas. No Oratório de Aracaju teve lugar no dia 15 de novembro de 1939, quando diante do Pe. Barra, Pe. Carlos Figueiredo e Pe. César Del Grosso, sete oratorianos batalharam por mais de uma hora, com as respostas do catecismo de D.

Jerônimo Tomé na ponta da língua. Neste dia o Prof. Olavo ouviu os anjos tocando harpa de tanta euforia. Bem o merecia nosso querido velhinho!

Mas o certame internacional jamais se realizou devido a um acontecimento mundial que trouxe outros prejuízos muito maiores do que este.

A GRANDE TRIBULAÇÃO

Se os primeiros meses de 1939 trouxeram sentimentos de distensão com o término da Guerra Civil na Espanha, no segundo semestre teve início a mais pavorosa catástrofe a que foi submetida a humanidade em todos os tempos.

No fim de agosto, o mundo assistiu, desorientado e atônito, os dois totalitarismos, nazismo e comunismo, realizarem a mais incrível aliança, o *Pacto Maldito*. Em seguida, no mês de setembro, Alemanha no dia 1º, e União Soviética no dia 17, invadiram a Polônia, defendida pela Inglaterra e França, desencadeando assim a grande tribulação da Segunda Guerra Mundial.

Enquanto isto, no Brasil chegavam apenas as marolas deste maremoto e, no fim do ano, se recebeu, pela última vez, uma turma de europeus para fazer o noviciado em Jaboatão.

DECISÃO PENOSA

O Colégio Orfanológico de S. Joaquim continua sendo o calcanhar de Aquiles da presença salesiana no Norte do Brasil. Casa de órfãos é a primeira no coração dos superiores. Sem autonomia administrativa, tendo de esperar pelas decisões de terceiros, se torna impossível exercer com eficiência a prática do Sistema Preventivo.

"Ou fazer bem feito, ou não fazer" sugerem uns. "Quem não pode fazer bem feito, faça o que é possível", contrapõem outros. As divergências produzem atritos com a Santa Casa, pelo que o Pe. Guido, mesmo enfrentando protestos de pessoas merecedoras da mais legítima consideração, fulmina: "Diante dos obstáculos à ação educativa no Colégio S. Joaquim, os Salesianos se retiram para trabalhar com mais eficiência em outra parte".

Seria um golpe muito doloroso para o Pe. Francisco Pinkowski ter que fechar o Colégio de seus querido órfãos, onde vinha dispendendo suas energias e carinho há mais de dez anos, por isso, é transferido como diretor para a Paróquia da Piedade em Fortaleza. O Pe. João dos Santos, diretor desde 1939, recebe a desagradável tarefa de presidir à retirada dos Salesianos, o que se efetuou um mês depois, em fevereiro de 1940.

Com efeito, há sempre algum lugar pedindo os salesianos, como por exemplo, a cidade de Jaboaão, onde se iniciara um Oratório Festivo.

ORATÓRIO DE JABOATÃO

Desde o início da Escola Agrícola funcionou na Colônia um embrionário Oratório Festivo, mas saltava à vista a necessidade de uma presença salesiana na própria cidade de Jaboaão, onde o campo de apostolado se abria muito mais farto.

O Oratório Festivo de Jaboaão foi fundado aos 26 de dezembro de 1937 pelo Pe. Antônio Agra, diretor da Colônia, auxiliado pelos clérigos Virgílio Gallo e Antônio Saraiva, com o nome de Oratório Festivo Santo Estevão, devido à data, e tinha sede na Igreja de N. S. do Livramento, em cujo pátio brincava a criança.

Depois o Oratório se transferiu para Duas Unas, no prado de propriedade de um certo Sr. Magalhães, que cedeu também a capelinha da família, onde pela primeira vez se fez a cerimônia da Primeira Comunhão dos oratorianos. Principalmente por causa da distância, o Oratório se demorou pouco nesta sede.

Em 1939, sendo o Pe. Agra destinado para Juazeiro, passou a direção ao Pe. Manuel Alves que ajudado por alguns clérigos estudantes de filosofia da Colônia, vinha para o Oratório somente aos domingos, de cabriolé ou de trole. A comida era oferecida por pessoas amigas, a pobreza era extrema, mas abundavam as bênçãos de Deus.

Em 1940 o Oratório encontrou guarida no Círculo Católico, no centro da cidade, na Rua Barão de Lucena, 250, a partir de quando começou a ter uma forma mais estável. Mas, por pouco tempo. Em 1942, a família proprietária, precisando do local, despejou o Oratório que, por alguns domingos, se hospedou na casa do Sr. Valdemar, Coletor Federal e Cooperador Salesiano. O altar foi levantado na garagem abandonada no fundo do quintal, ficando os meninos no patiozinho e na calçada da rua. Depois da missa iam brincar na praça em frente do Teatro Municipal, e em caso de chuva, no próprio Teatro.

Depois destes anos de vida incerta, a Providência ofereceu a possibilidade de comprar, a 16 de julho de 1943, uma casa com pátio e um terreno de aproximadamente quatro hectares, na colina adjacente, ou alto da Rocha Negra, e assim pôde finalmente o Oratório plantar suas tendas definitivas em terreno e casa própria, numa posição agradável e indicada, que permitiu reunir os garotos do bairro mais abandonado de Jaboaão. Os oratorianos assistiam à missa na garagem e depois subiam para brincar e ajudar no preparo da casa.

A inauguração oficial teve lugar no dia 7 de novembro, data em que se cantou Missa Solene em uma sala transformada em capela. A função contou com grande concurso de povo e foi alegrada pelas notas festivas da Banda do Colégio do Recife.

A partir de então passou a funcionar nesta sede, um Oratório quotidiano, com aula noturna, tendo o Pe. Manoel que vir e voltar diariamente, da Colônia para o Oratório, se possível de charrete, quando não, a pé, o que não deixa de ser um "cooper" respeitável!

Em 28 de outubro de 1944 o Oratório assumiu feição estável com a designação para residência de dois salesianos, pois o Pe. Manoel ficou morando no próprio Oratório e com ele o Coad. João Andreatta.

Depois que os clérigos foram transferidos para Natal, passaram a vir dois salesianos do Recife auxiliar no Oratório, aos domingos. A princípio os Coad. Josias Barros e Benedito Benício, depois outros, entre os quais Pautilo Lira e Antônio Bruno.

Em 10 de dezembro de 1944 inaugurou-se a capela nova, com 42 primeiras comunhões, e em seguida, outras dependências. Registra-se um agradecimento especial à Colônia Pernambucana do Rio de Janeiro que, por iniciativa do Pe. Nestor Alencar, contribuiu valiosamente para este melhoramento.

Em janeiro de 1945 o Pe. Manoel Alves é transferido para o Oratório de Aracaju, substituindo o Pe. Emílio Serafin que vem para o Oratório de Jaboatão.

Vamos nos deter por aqui, mesmo por que já foram ultrapassados de muito os limites do período prefixado para este capítulo.

NOVA CASA

Voltemos aos princípios de 1940 quando é nomeado diretor da casa de Fortaleza o Pe. José Tomasoni, e no Recife, em circunstâncias particularmente difíceis, assume o Pe. Noé Gualberto de Lima.

Nas Missões da Prelazia do Rio Negro, abre-se a casa de Pari-Cachoeira, atendendo a um externato com escola primária, profissional e agrícola, onde um padre e um coadjutor trabalham sob a direção do veterano missionário Pe. José Domitrovitch.

O BISPO MISSIONÁRIO

Em 23 de março de 1941 é promovido a bispo Titular de Hebron, o Sr. D. Pedro Massa, grande missionário salesiano que dispendeu suas energias

nas Missões do Rio Negro e do Rio Madeira. É um reconhecimento oficial do seu talento organizativo e capacidade de apostolado. A sagração episcopal tem lugar a 1º de maio no Santuário de N. S. Auxiliadora, em Niterói.

É o segundo Salesiano da Inspeção elevado a tão alta dignidade.



D. Pedro Massa

ORATÓRIO DE DONA BEBÉ

É uma presença em Aracaju tão ligada aos Salesianos que vale registrar mais alguns dados para a história.

Em 1919, duas meninas, Guiomar e Cecília, que acabavam de perder a mãe, vieram pedir asilo a D. Bebé e assim se iniciou um paupérrimo orfanato, cujas vicissitudes são bem descritas por Leyda Regis em seu livro BEBÉ.

O Pe. Selva que sucedeu ao Pe. Aníbal continuou o apoio ao Oratório. Aproveitando, em 1920, da presença do engenheiro Bruno Cercelli, em Aracaju, pediu-lhe que fizesse a planta da nova sede. Os trabalhos de construção foram entregues ao Dr. Frederico Gentil, de modo que, a 16 de agosto de 1922, inaugurou-se com missa e primeiras comunhões a sede atual.

O Oratório com sua centena de oratorianas e duas dezenas de internas já chama a atenção das autoridades que começam a ajudar. A ajuda mais eficiente porém, é prestada pelas "auxiliares", ex-alunas ou não, que vêm



Catequistas e ex-alunos do Oratório

morar no Oratório, colaborando dedicadas com a “Mãezinha”. A primeira auxiliar, Aurea Vitória de Amorim, “dona Aurinha”, exímia pianista, foi inseparável colaboradora de Da. Bebê durante toda a vida desta. Lembre-se também o nome de Ceciliana, em cuja casa se iniciou o Oratório, Clotilde Ribeiro, as irmãs Emília e Dulce Moura, Maria Gomes (Da. Maroca), Zulnara Seabra e Maria José de Oliveira, a impagável Lilita, cujo dom extraordinário de atrair as meninas com seus reizados, cheganças e brejeirices teatrais, por muito tempo foi a animação do Oratório.

UM DOMINGO NO ORATÓRIO

Pelas seis horas começam a chegar as meninas e se dirigem para o pátio onde se divertem. As sete horas, ao som da campainha, entram em fila segundo suas classes, sob as ordens de uma catequista, ordinariamente uma oratoriana já crescida, e que agora presta às menores a mesma assistência que recebera quando pequena.

Assistem à Missa, rezando as orações de **O Jovem Instruído**, inclusive a preparação e agradecimento da comunhão e a ladainha da SS. Virgem. Durante a Missa o celebrante explica o Evangelho.

Após a Missa voltam as oratorianas ao pátio para brincar entre cantos e jogos até às 11 horas. Neste interim, há reunião das mais assíduas e bem comportadas que constituem as Companhias. São três: a de Gema Galgani, para as pequenas, Maria Mazzarello para as adolescentes e as Filhas de Maria para as jovens.

Após o almoço se reabre o Oratório para o recreio que se prolonga até às 4 horas quando, novamente divididas em classes, recebem meia hora de catecismo (novamente as catequistas em ação!). Depois vão à Capela onde cantam a Ave Maris Stella e recebem a bênção do Ssmo. Sacramento. Dona Bebê dá uns avisos gerais e está terminado o dia.

Ou devia, pois não são raros os domingos em que à noite ainda se faz alguma tertúlia com representação teatral, poesias e cantos, sendo artistas as próprias oratorianas e assistência as famílias da redondeza e de mais longe também, pois são várias as famílias da cidade que vêm participar dos “dramas” do Oratório.

RETIROS E PASSEIOS

Uma vez por ano se fazia o Retiro Espiritual de três dias. Era edificante o silêncio entre tantas dezenas de meninas! Algumas delas levavam o empenho ao extremo e mesmo em casa, na hora do almoço ou à noite,

permaneciam caladas, com grande espanto, mas também com edificação, dos pais e irmãos. Outro acontecimento anual era o certame de catecismo, naqueles moldes de predomínio absoluto da memória.

E como a alma está unida ao corpo, de vez em quando o Oratório dá um passeio à casa da Atalaia, em frente ao farol, onde Da. Bebê abria uma aula de catecismo. Como sinal dos tempos, saiba o leitor contemporâneo que as meninas iam e voltavam a pé, do Oratório até à Atalaia, em caminhos de areia, levando cada uma o seu almoço. No entanto, eram dias longamente esperados e desejados, que deixaram recordações profundas, como atestam as que ainda estão vivas.

Era comum os grupos de primeira comunhão no dia 16 de agosto. Como preparação havia catecismo diário para as néo-comungantes. A premiação anual, de modo ordinário, era feita durante as Festas de Natal. Os prêmios eram baseados na frequência, mas também no resultado no catecismo, teatro, e outros.

IDADE ADULTA

Era intenção de Da. Bebê entregar seu Oratório às Filhas de Maria Auxiliadora, o que não foi possível realizar-se. Mas, em 16 de março de 1952, foi possível transmitir a posse do Oratório às piedosas Irmãs Camilianas, que o vêm dirigindo com dedicação e carinho até os dias de hoje.

Não voltaremos a falar do Oratório que, agora personagem adulto, merece sua história particular.

Da. Bebê ficou morando em um quarto do pensionato anexo, sem parar de ensinar catecismo, cuidar da União das Ex-alunas, de fazer o bem. Vítima de atropelamento, faleceu em 14 de setembro de 1960.

Dona Bebê é o exemplo acabado da afirmação de D. Bosco: "Se os jovens encontram no Diretor e nos catequistas um pai e irmãos que se preocupam com o bem deles, se afeiçoam de tal modo, que durante a semana não suspiram senão pelo domingo para ir para o Oratório e sem sombra de respeito humano o frequentam até à idade adulta com lucro para suas almas".

Que Deus a tenha em sua glória, bem pertinho de Dom Bosco.

PROSSEGUE A CAMINHADA

Enquanto esperam a sua vez, os que prosseguem a luta precisam de novos reforços para substituir os que tombaram. As atenções dos superiores convergem para as Casas de Formação, como se passa a narrar.

C A P I T U L O X V

ENQUANTO RAIVA A GUERRA

1940 - 1944

CASAS DE FORMAÇÃO

O Inspetor Pe. Barra que, sempre atento a tudo, orienta e anima todo o trabalho salesiano do Norte e Nordeste do Brasil, tem o olho primordialmente nas Casas de Formação.

Em 1940, concluiu pela necessidade de uma reforma na Colônia de Jaboatão. Para que haja maior rendimento formativo, transfere o Aspirantado para o Recife, anexando-o ao Colégio Sagrado Coração e nomeia como Conselheiro Escolar o Pe. Gino Compagnin. Além de outras vantagens, essa transferência traz consigo uma economia de docentes, pois os aspirantes podem cursar algumas disciplinas juntamente com os alunos do Colégio. Outra grande vantagem é que os estudos têm agora valor oficial, o que não era possível em Jaboatão. Os aspirantes seguem um currículo próprio de estudos, pois algumas cadeiras, como o latim, têm programa especial. Preparam-se assim os futuros professores com as exigências estabelecidas pelo Ministério da Educação. Feliz o homem que sabe prever e prover. Também os clérigos do 3º ano de filosofia vêm para o Recife e enquanto estudam, ajudam na assistência e nas aulas.

Dessa forma Jaboatão, que tem desde 1939 como diretor o Pe. Antônio Dallavia, e como Mestre de noviços o Pe. José Pereira Neto, fica mais desafogado podendo atender melhor aos noviços.

Em 1941, o pessoal do aspirantado é reforçado com o recém-ordenado Pe. Angelo Visentin, que recebe o cargo de catequista. Em 1942 o Pe. Compagnin é designado Diretor do Colégio de Aracaju e o Pe. Visentin, Mestre de noviços e Diretor da Colônia de Jaboatão. O Pe. Natal Romano De Lugan assume o cargo de Conselheiro do aspirantado até 1944, quando é nomeado Diretor do Colégio.

NOVICIADO E FILOSOFIA

O noviciado, que em 1941 se reduzira a um só noviço, com o Pe. Visentin recebe vida nova. Em 1942 são 12 os noviços: 9 clérigos e 3 coadjutores, todos brasileiros, pois a guerra impedia a expedição de missionários da Itália.

Ainda no princípio de 1942 o Instituto Filosófico é transferido de Jaboatão para Natal, sob a direção do Pe. Dallavia, ocupando o novo prédio que, inicialmente, constava apenas do andar térreo. É um ambiente de cultura mais arejado e mais conveniente para a formação religiosa e pedagógica dos clérigos.



Pe. Guido Barra

Esta localização das Casas de Formação vai se manter estável durante muitos anos: Pré-Aspirantado (curso primário) e Noviciado, em Jaboatão, Aspirantado (curso ginásial), no Recife; Instituto Filosófico, em Natal, e Estudantado Teológico, no Instituto Pio XI, na Lapa, em São Paulo.

VOCAÇÕES

Por esta época, em julho de 1941, é lançada a Cruzada das Vocações Sacerdotais. "De toda parte chegam pedidos dos Exmos. Bispos para abrir novas casas, e não podemos aceitar por falta de pessoal: precisamos de vocações e de dinheiro para formá-las", escreve o Pe. Barra, para em seguida informar que "são 50 atualmente os aspirantes".

Ocorrendo em 1943 as Bodas de Ouro sacerdotais do Reitor-Mor, a Congregação empreende a grande campanha mundial das Vocações, à qual a Inspetoria não fica alheia. Em 1942, nos dois aspirantados, de Recife e

Jaboatão, se encontram 120 alunos e é anunciada como meta do ano atingir 150 aspirantes. O Pe. José Gumercindo dos Santos percorre o Nordeste arrebanhando meninos supostamente vocacionados, trabalho que é prosseguido pelo Coad. João Batista de Vasconcelos.

Também por esta altura se começa a publicação de uma revista mensal "Segue-me" dedicada às vocações, da qual era redator o Pe. Gumercindo. Após ter feito um bem imenso, durante alguns anos, desapareceu completamente, pois nos arquivos consultados não se encontrou um número para amostra.

E o Pe. Inspetor comunica com ufania mal represada: "No Aspirantado do Recife se começou este ano de 1943 com 105 aspirantes, e no de Jaboaão com 70, que é quanto comporta o ambiente atual. Em Recife, para o ano próximo esperamos chegar a 140 ao menos: recomendamos de maneira especial as vocações dos irmãos coadjutores".

Quando fala em "vocações e dinheiro para formá-las" o Pe. Barra implicitamente se refere a uma organização eficiente dos Cooperadores, baluarte em que os salesianos se apoiam para conseguir umas e outro.

E os membros da grande família dos Cooperadores Salesianos respondem com a tradicional generosidade. Esse mútuo apoio que sempre existiu, com o Pe. Barra adquire uma organização sistemática. Verificou-se, nesta época, uma aproximação muito eficiente com os Cooperadores e Ex-alunos, que responderam ao apelo de centralizar no Recife, sede inspetorial, as atividades.

No Recife se organizam desde logo algumas associações para auxiliar a manutenção das Casas de Formação.

A MESSE

A Messe é uma associação que se dedica a recolher esmolas para as vocações sacerdotais salesianas. Em 1937 o Pe. Antonio Agra, diretor da Casa de Jaboaão, convidou algumas almas generosas para que o ajudassem. Fundou-se a Messe. Destinado o Pe. Agra para Juazeiro, foi substituído pelo Pe. Aécio Polla, que veio a falecer pouco depois. Quando o Pe. Gumercindo veio dirigir a obra das vocações sacerdotais, o Pe. Inspetor achou prudente que ele assumisse a direção da Messe. Depois, o Pe. Angelo Visentin, nomeado diretor da casa de Jaboaão passou também a dirigir a Messe.

É do espírito da Messe restringir-se a poucos associados: nunca passou de uma dezena. Mas quanto tem ajudado a manter a casa de Jaboaão! nos informa um registro.

TERESINHAS DE DOM BOSCO

A associação das Teresinhas de Dom Bosco foi iniciativa do Pe. Gumercindo que a dirigiu com mestria e bondade, desde 15 de fevereiro de 1944. O seu fim primordial era angariar espórtulas para auxiliar a manutenção dos aspirantes salesianos.

Tendo se afastado o Pe. Gumercindo, substituiu-o o Pe. De Lugan, diretor do Colégio do Recife. Reúnem-se as Teresinhas no primeiro sábado de cada mês, às 6 horas da manhã no Santuário. Celebra-se missa pelos benfeitores e às 15 horas tem lugar a reunião mensal. Em 16 de agosto de 1946, por ocasião da visita do Pe. Carlos Leôncio, as Teresinhas fizeram uma Assembléia geral à qual compareceram centenas dessas batalhadoras do bem, dando a sensação nítida da pujança da piedosa associação que à época constava de 700 associadas. Falaram nessa ocasião, encorajando-as na gloriosa campanha o Pe. Inspetor, Pe. Carlos Leôncio e o Pe. Natal De Lugan.

OPERÁRIAS DOS TABERNÁCULOS

Encontramos também, por esta época, em pleno desenvolvimento no Recife a Obra dos Tabernáculos: uma das mais delicadas e sensíveis expressões da piedade cristã, útil a tudo e a todos.

Almas generosas, devoradas pelo decoro da casa de Deus, quiseram ofertar-lhe o contributo da própria atividade a fim de emprestar o devido esplendor ao culto divino.

A 1º de abril de 1940, sob a orientação do Pe. Noé Gualberto, iniciou-se a pequena Associação das Operárias dos Tabernáculos, com 17 associadas. As reuniões têm lugar nas primeiras segundas-feiras de cada mês, à tarde, precedida de uma missa às 7 horas, no altar de S. João Bosco. Essas reuniões constam de uma palestra espiritual seguida pela bênção de Maria Auxiliadora. As associadas se propõem trabalhar em benefício dos Tabernáculos das casas salesianas, indistintamente.

Cumprе registrar, em 1945, o trabalho da urna para o Santo Sepulcro, na semana santa, oferta de Da. Odete Berardo, lindamente confeccionado pelas associadas D. Amélia Saldanha e Dolores da Fonte. Parece que depois dessa fase essas Associações não sobreviveram pois não encontramos menção em épocas posteriores.

Foram muitas as almas que se sacrificaram sem reservas no trabalho de conseguir meios para a formação de sacerdotes salesianos. Ao citar, entre tantos outros, os nomes de Da. Lucila Pessoa de Queiroz, Celina da Fonte, Maria do Carmo Borges, Maria Carmelita de Souza, Hercília Miranda apenas

se revela uma pequena partícula da gratidão que os salesianos dedicam a todas aquelas abnegadas cooperadoras.

COOPERADOR SALESIANO

A guerra na Europa impede que o **Boletim Salesiano**, editado em Turim, tenha curso regular no Brasil. Para preencher a lacuna, em junho de 1941, comemorando o centenário da ordenação sacerdotal de Dom Bosco, se inicia a publicação do **Cooperador Salesiano**, com apenas quatro páginas, com redação que parece do Pe. Gumercindo, tendo passado em 1945, para o Pe. Astério Campos. Logo no primeiro número o Pe. Inspetor convoca a primeira reunião dos Cooperadores para o dia 29 de junho. Nesse dia, coroados a festa do Papa, abriu a sessão o Pe. Valentim Cricco, diretor do Colégio do Recife, e fez a conferência o Dr. Barreto Campelo, da Faculdade de Direito do Recife. O Pe. Inspetor agradeceu ao orador e leu uma página da carta-testamento de D. Bosco aos Cooperadores. Com dados estatísticos fez os presentes conhecer e apreciar a vastidão da Inspetoria. Encerrou a sessão um esboço dramático.

REUNIÕES

O Pe. Inspetor se empenha para que em todas as Casas se realizem as duas reuniões anuais dos cooperadores. No Recife, em 1942, a primeira é realizada a 29 de janeiro, tendo como conferencista o Dr. Brito Alves, ex-aluno, e a segunda, a 25 de maio quando fez a conferência o Desembargador Cunha Barreto.

A primeira conferência de 1943, no Recife, se realizou a 25 de fevereiro. O orador oficial da reunião foi o Dr. Mário Sette que, apresentado pela palavra abundante do Pe. Valentim Cricco, empolgou o seletos auditório com uma magnífica dissertação sobre os índios e a catequese dos primeiros missionários. Distribuídas várias centenas de diplomas, encerrou a reunião a palavra do Pe. Inspetor.

Também nas outras Casas se verifica uma regularização do movimento. A segunda reunião dos Cooperadores de Natal, em 1942, se realizou a 15 de agosto, quando se ouviu a conferência do Dr. Otto Brito Guerra.

O movimento se regulariza e mantém uma estabilidade tal que dispensa repetir as diversas reuniões.

A par da organização dos Cooperadores, o movimento dos Ex-alunos também cresce e se fortifica. A 30 de agosto de 1942, no Colégio do Carmo,

em Belém, sob a direção do Pe. Francisco Fabbri, inaugura-se a União dos Ex-alunos, tendo sido eleito presidente o Dr. Cândido Pereira.

EX-ALUNOS

Na tarde de 4 de abril de 1943 realizou-se a cerimônia da inauguração dos novos melhoramentos na sede social dos Ex-alunos do Recife, sob a presidência do Dr. Lúcio de Sá Leitão. A princípio falou o orador, Jovelino Brito Selva, e o Pe. Inspetor cortou a fita, inaugurando os três novos setores remodelados, os quais receberam instalações adequadas para sessões, jogos e bar. Vários ex-alunos que não puderam comparecer enviaram telegramas de adesão e felicitações, dos quais convém salientar o da União dos Ex-alunos da Bahia, assinado pelo presidente Sr. Tourinho.

Neste ano o Dia dos Ex-alunos no Recife teve comemoração especial. De 1 a 15 de agosto grandes festividades prepararam a festa. O pátio, diante do Santuário, onde se realizou essa preparação apresentava-se feericamente iluminado e no primeiro dia tocou a Banda de Música da Polícia. O prefeito da capital, Dr. Novais Filho, visitou a festa. O Parque de Diversões constituiu um espetáculo soberbo, dotado de balanços, jaús, carrosséis, barracas de prendas e outros entretenimentos, além de poderoso alto-falante que fazia chegar bem longe o eco das festividades.

Pouco depois, em sessão realizada a 7 de setembro, foi instalada a Federação Regional dos Ex-alunos de D. Bosco para o norte do Brasil, com a proposta de ser "o centro do sistema do qual se irradiará a vitalidade que uniformizará as várias Uniões espalhadas na vasta Inspetoria". Foi dada posse à sua primeira diretoria composta de nove membros e à comissão consultiva composta de vinte e oito nomes. Registra-se nesta data a existência na Inspetoria das seguintes Uniões, com sede própria: Recife, Bahia, Aracaju, Belém, Manaus e nas Residências Missionárias do Rio Negro.

ORATÓRIOS

Também é consolador o grande desenvolvimento dos Oratórios Festivos nas diversas casas, sobretudo em Aracaju, Jaboatão, Baturité e Juazeiro, onde os Padres Serafin, Manoel Alves, Adriano Tourinho e Carlos Cattaneo, respectivamente, catequisam famílias sem conta através dos oratorianos que eles atraem e organizam. Depois destas notícias de conjunto pode ser de interesse verificar o andamento de algumas Casas, em particular.

RECIFE

De uns tempos a esta parte, o Colégio do Recife vem passando por uma crise. O número de alunos diminuiu e a disciplina afrouxou. O falecimento subitâneo do Pe. Polla paralisou, ou fez mesmo involuir, algumas reformas que estavam sendo empreendidas, o que parece ter-se agravado no curto directorado do Pe. Noé Gualberto de Lima, certamente um orador excepcional, mas talvez não igualmente dotado dos carismas de governo.

Por isso, em 1941, vem o Pe. Valentim Cricco, da Inspetoria do Sul, dirigir o Colégio do Recife, a esta época um estabelecimento muito complexo que, por ser a Casa Inspetorial, resumia em si os vários campos de apostolado da Inspetoria: Colégio com internato e externato, curso primário e ginásial, aspirantado, escolas profissionais, escola noturna, seção de ex-alunos, santuário com as diversas confrarias religiosas.

Em 1942 o Pe. Valentim Cricco abriu o Curso Ginásial Noturno, um dos primeiros do Recife, que desenvolveu suas atividades por várias décadas, atingindo um grande número de jovens trabalhadores, os quais ainda hoje agradecem este auxílio, único modo de lhes abrir as portas dos estudos. A muitos deles proporcionou o acesso à Universidade e ao diploma superior.

SANTUÁRIO

No início de 1939, o Pe. Sant'Anna foi transferido de Salvador para o Recife, para cuidar do acabamento da fachada e construção da torre do Santuário. Apenas chegado, começou a preparar o ambiente, fazer o orçamento, reunir o material. Finalmente, no dia 13 de junho de 1941, "com pompa e brilhantismo", foram iniciados os trabalhos. A bênção aos alicerces já existentes e ao material destinado às obras foi dada por Mons. Francisco Salles, Vigário da Paróquia da Soledade, representando o Sr. Arcebispo, presentes autoridades civis, eclesásticas, militares, cooperadores, ex-alunos, amigos e admiradores da Obra de S. João Bosco. Pronunciou na ocasião brilhante alocução o Pe. Sant'Anna, que historiou a origem, construção e vicissitudes do Santuário cujo acabamento era uma suprema aspiração de toda a Família Salesiana.

Enquanto se pensa na Casa de Deus, providencia-se uma acomodação mais conveniente para a educação dos seus filhos prediletos, os jovens pobres e necessitados.

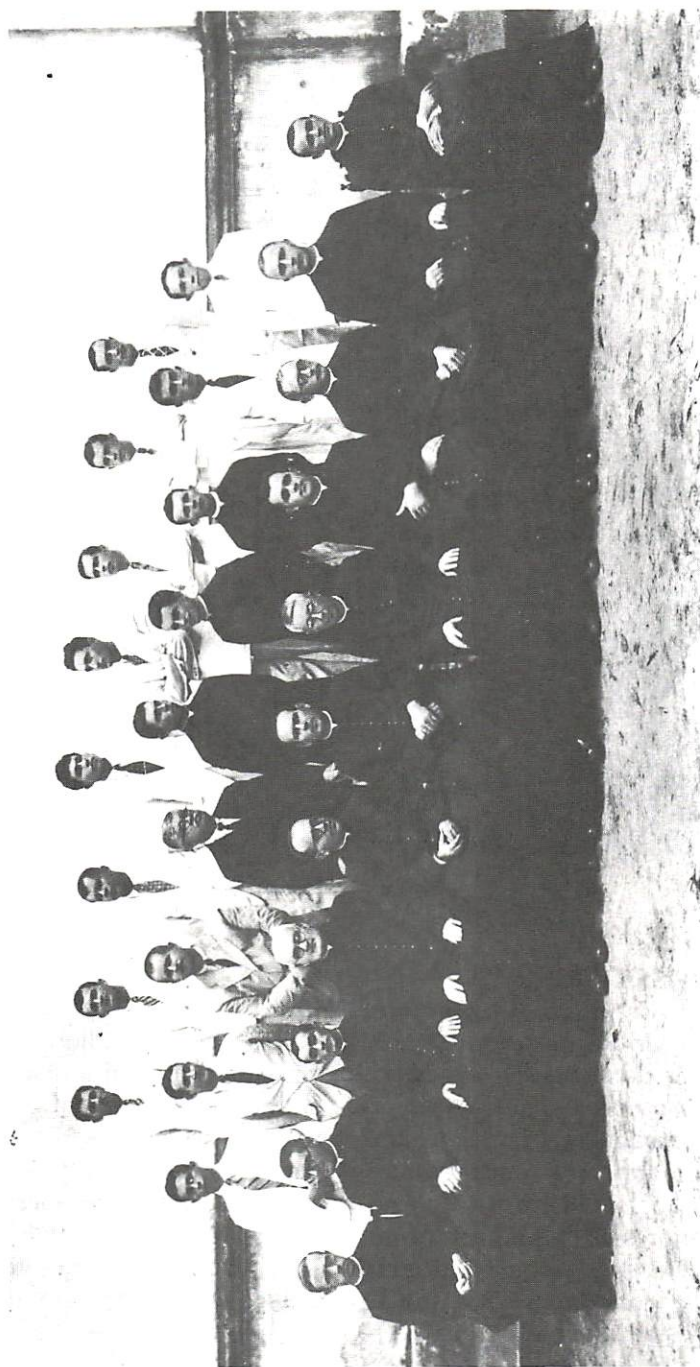


Recife - Bênção da primeira pedra da torre do Santuário

ESCOLAS PROFISSIONAIS

No Colégio do Recife se constrói, desde 1940, o novo prédio que deve abrigar as oficinas de alfaiataria, sapataria, marcenaria e mecânica. Este novo pavilhão se situa no prolongamento do eixo contituído pelo Santuário e pelo Pavilhão Itália. Atualmente demolido em parte, para ser adaptado a outras finalidades, ainda abriga os remanescentes da marcenaria que presta serviços na manutenção do mobiliário do Colégio. As artes do livro (encadernação, composição e impressão) continuaram no prédio primitivo.

Desde 1941 as oficinas tiveram um surto de nova vida e desenvolvimento consolador. Registra-se em 1943 que "hoje em dia os trabalhos das nossas oficinas são tão apreciados que a grande custo damos conta das encomendas".



Recife - Pessoal salesiano do Colégio em 1941

Sentados: Pes. Mario Daorizi, Visentin, Gumercindo, Giacomelli, Lustosa, Cricco, Santana, Roque, Rafael, Compagnin, Felinto Santiago.

1º fila: Coad. Manoel Maria, Giacomarra, Pautilo, Gasco, Cl. Gois, D'Aversa, Balbi, Ivo.

2º fila: Coad. Andreata, Josias, Francisco, Benício, Bologna, Sersen, Peracchi.

SOFRE O MUNDO INTEIRO

E a grande carnificina da Segunda Guerra Mundial, iniciada em 1939, em 1942 atinge o Brasil. Afrontado com o torpedeamento de navios mercantes nas costas de Estância, Sergipe, em agosto, o Brasil declara guerra às potências do Eixo (Alemanha, Itália, Japão).

A guerra para os Salesianos do Brasil significava corte das comunicações com o Centro Mundial da Congregação, em Turim; privação de qualquer ajuda material e de pessoal da Itália; aflição pela situação dos parentes dos muitos salesianos europeus e dos Superiores Maiores agora sem possibilidade de comunicação, e angústia pelos bombardeios sobre o Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora de Turim e a Casa Mãe, com os aposentos de D. Bosco. Acrescentem-se a essas angústias as dificuldades políticas e até de viagens para os alemães e italianos que eram, particularmente os últimos, em número notável na Inspetoria. Houve um caso de prisão, houve necessidade de troca de Diretor, houve problemas nos colégios... No Recife, com a entrada do Brasil na guerra, houve a substituição forçada e repentina da placa "Tavilhão Itália" para "Salão Brasil", no teatro, cobrindo-se também os símbolos do fascismo da fachada.

DISPOSIÇÕES SUPERIORES

Pouco depois, em 1943, em consequência da progressão das operações bélicas, o Capítulo Superior corre o perigo de perder contacto com as várias Casas do mundo e por isso se divide: o Reitor-Mor e parte do Capítulo permanece em Turim, enquanto os Padres Pedro Berutti e Renato Ziggotti se estabelecem em Roma.

Além dessa movimentação, para atender às condições especiais das Américas, criadas pela situação geográfica, o Pe. José Reyneri é nomeado representante do Reitor Mor para as inspetorias da Argentina, Brasil, Chile, Peru, Bolívia, Uruguai e Paraguai, com sede em Buenos Aires. Concomitantemente é nomeado o Pe. José Bertola para as inspetorias da Colômbia, Equador e Venezuela, e o Pe. Eneas Tozzi, para as inspetorias dos Estados Unidos, México, Antilhas e América Central.

Tomadas as providências humanamente necessárias, o trabalho prossegue ininterrupto sob as bênçãos da Virgem Auxiliadora.

CINQUENTENÁRIO

A 10 de dezembro de 1943 abriu o ano jubilar da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil um solene Pontifical oficiado pelo Sr. D.

Ricardo Vilela, Bispo de Nazaré. O coro do Aspirantado cantou a missa, enquanto no altar, às ordens do Mestre de Cerimônias, cômego José Guedes, ministros e clero se moviam com a solenidade litúrgica das grandes funções religiosas. Ao Evangelho, o Pe. Valentim Cricco discorreu sobre a obra de evangelização e a data histórica do dia. À tarde, o Sr. D. Ricardo Vilela oficiou o Santo Crisma a um grupo de alunos. Coroou a data, no pátio ricamente iluminado, a sessão solene de abertura do ano jubilar, à noite.

Neste mesmo dia iniciou-se uma exposição profissional, preparada no Salão Brasil. No ingresso, solenemente enfeitado com as bandeiras do Papa e do Brasil, símbolo eloquente da Religião e da Pátria, achava-se um grande mapa do Brasil ostentando pontilhadas respectivamente em vermelho e azul, as 124 Casas dos salesianos e das Irmãs de Maria Auxiliadora que constituíam o complexo da Obra de D. Bosco no Brasil. Exibiram-se trabalhos de marcenaria, sapataria, alfaiataria e das artes do livro: composição, impressão, encadernação e douração. A exposição encerrou-se a 31 de dezembro, restando uma pequena exposição permanente na entrada da tipografia, testemunho da capacidade das Escolas Salesianas e da artística execução dos trabalhos.

No início de 1944 o Pe. Valentim Cricco, o artífice do soerguimento do Colégio do Recife, passa a direção ao Pe. Natal Romano De Lugan, que vai manter o cargo até 1948.

O ano decorre sob a influência das comemorações do cinquentenário. As festas jubilares já estão iniciadas e os alunos cantam galhardamente em cada sessão o hino do cinquentenário:

*"Há dez lustros sorrisos de um Santo
Como flores esmaltam campinas..."*

Com o estribilho:

*Jubilosos, cantemos, ufanos,
Esta data de glória imortal.
Pois são cinco dezenas de anos
Que desfilam em marcha triunfal.*

A letra é do Pe. Belchior Maia d'Athayde, musicada pelo ex-aluno Maestro Miguel Barkokebas.

O hino do cinquentenário evoca em síntese magnífica a educação salesiana de amor ao Santíssimo Sacramento e a Maria Santíssima, a obra grandiosa dos Cooperadores e Ex-Alunos e a memória dos obreiros da

primeira hora chefiados pelo Pe. Giordano. Foi cantado por todos os alunos nas sessões solenes e irradiado várias vezes pelos poderosos alto-falantes instalados na praça diante do Santuário. E, acrescentemos: repetido por vários anos, como hino oficial do Colégio.

ROMARIA

Foi mais uma iniciativa do Pe. Pedro Roque, o dinâmico assistente eclesiástico dos Ex-Alunos e Delegado inspetorial para os Cooperadores.

Enquanto a guerra espalha o luto e a dor pelos quatro cantos da Terra, inclusive no Nordeste, onde muitas famílias têm alguns de seus membros no campo de batalha, ou de qualquer forma sofrem as horrorosas consequências do conflito, a Família Salesiana do Recife prepara uma romaria a Jaboatão, para implorar da Virgem Auxiliadora “a feliz hora de estável paz”. Organizou-se com toda pompa e piedade uma romaria motorizada ao Santuário de Jaboatão, em 28 de maio de 1944, de numerosos cooperadores dirigidos pelo Pe. Roque. No portão de entrada do terreno da Colônia, já se encontravam à espera dos romeiros os salesianos, alunos e oratorianos da Colônia com o andor de N. Senhora. Descendo dos veículos, os romeiros se integraram na procissão, cantando e rezando. Chegando ao Santuário procedeu-se à Missa Solene. Depois, foram tirados vários grupos fotográficos, enquanto no Santuário e na gruta, lembrando os seus queridos deslocados, oravam os romeiros: Dai-nos a paz!

Tanto clamor chegou aos pés da Santa Senhora. A paz foi assinada em maio de 1945, pondo fim a seis anos de morticínio, destruição e horror. Organizou-se então nova romaria, nos fins de maio, para agradecer à Santíssima Virgem o benefício implorado e concedido. Embora para evitar o tempo chuvoso tenha se mudado o mês de realização, essa romaria motorizada dos Cooperadores se tem sucedido todos os anos, desde 1944 até este Ano Jubilar e que assim, pedindo e agradecendo, permaneça para sempre!

CONCLUSÃO DO SANTUÁRIO

No dia 20 de junho de 1944, em frente ao Santuário, foram solenemente batizados pelo Sr. Bispo D. Mário de Miranda Vilas-Boas, ex-aluno salesiano, os quatro sinos do Santuário, expressão da generosidade do povo pernambucano e de sua piedade singular. O primeiro e maior dentre eles foi consagrado a Maria Auxiliadora e tem esse dizer latino “Vox Domini”; pesa 1500 quilos. O segundo, consagrado ao Sagrado Coração de Jesus, leva essa

frase: "Laudo Deum Verum" e pesa 1020 quilos. O terceiro, consagrado a Santa Teresinha do Menino Jesus, tem os dizeres "PAX - Populum voco", pesa 520 quilos. O quarto é consagrado a D. Bosco. Seus dizeres são: "Errantes revoco - Mortuos plango" e pesa 300 quilos.



Recife - Salesianos que dirigiram a caminhada em 1944

Sentados: Pes. Gumercindo, Paulo Góis, Belchior Griglio, Giorgi, De Lugan, Sant'Anna, Avico, Grismondi, Capra, Giacomelli.

De pé: Mesquita, Pe. Calasans, Gasco, Pe. Roque, Santiago, Falcone.

2ª fila: Giacomarra, Benício, Josias, Peracchi, Leopoldo, Bruno, Miele, Sersen, Ivo, Andrealta, Demichelis, Pautilo.

Com a inauguração da torre do Santuário e a instalação dos sinos, fruto do trabalho do Pe. José Sant'Anna, está finalmente realizado o sonho dos Pes. Giordano, Teófilo, Carlos Leôncio e quantos lutaram para elevar este hino de amor ao Sagrado Coração de Jesus.

DESFILES

Alguns dias depois, a 29 de setembro, foi o Colégio Salesiano em marcha, fardado de gala, homenagear seu querido Pastor, D. Miguel de Lima Valverde, por ocasião de seu aniversário natalício, e no dia 1º de outubro, realizou-se o passeio geral a Gravatá, num trem especial.

O prefeito Edvaldo Correia Lima, acompanhado de autoridades e grande parte do povo aguardava os alunos do Colégio Salesiano que, formados em pelotão, banda de música à frente, dirigiram-se para a missa, na Matriz. No almoço brindou o Pe. Belchior, seguido pelo Dr. Murilo Lapa, ex-aluno, e pelo Dr. Aderbal Mendonça, que falou em nome do Prefeito. Finalizou o diretor, Pe. Natal De Lugan, agradecendo. À tarde se desdobrou imponente desfile do Colégio pelas ruas da cidade, precedido pela banda de música, fanfarra e pelotão de bandeiras. Estacionado em frente à Prefeitura, o Colégio prestou homenagem à cidade e autoridades de Gravatá, sendo a cerimônia irradiada pela emissora local.

SEMANA JUBILAR

E o ano jubilar encerrou-se com brilhantismo ímpar, revestido das várias solenidades que constituíram a Semana Jubilar transcorrida de 3 a 10 de dezembro.

Transformado em magnífica praça de reuniões, profusamente iluminado, o adro do Santuário dir-se-ia uma praça do Congresso em miniatura. À frente da assembléia, numa visão comovedora do passado, o primeiro edifício a que chegaram os salesianos. À esquerda, a realidade milagrosa do presente, na fachada majestosa do Santuário do Sagrado Coração, quase concluído, ostentando o relógio do campanário fabricado nas Escolas Profissionais de Juazeiro do Norte.

A Imprensa e a Rádio da Capital se mostraram de uma solidariedade a toda prova, fazendo um perfeito serviço de publicidade e propaganda. A Rádio Clube de Pernambuco, além da gravação do Hino do Cinquentenário e de levar a toda parte as notícias dos festejos, cedeu sua emissora durante todos os dias da Semana, às dezenove horas, a um orador notável que discorresse sobre as obras de D. Bosco em Pernambuco.

Os aspirantes, encarregados da parte ornamental e musical, prestaram um serviço inestimável. À União dos Ex-Alunos, chefiados pelo dinâmico Pe. Roque, se deve a movimentação de toda a cidade no que tinha de mais representativo, em torno do magno acontecimento. A banda de música do Colégio foi uma nota de grande realce.

E a figura do Pe. Teófilo Twórz, batalhador dos primeiros anos do Colégio, ausente da Inspetoria desde 1919, mas que anuindo ao convite veio participar das comemorações, estabelecia a ligação querida entre o passado e o presente, centralizava todos os corações.



Sessão magna em homenagem ao Pe. Teófilo

HOMENAGENS

Entre outros eventos teve lugar no dia 5 de dezembro o desfile do Batalhão Salesiano em homenagem às autoridades e imprensa. Garbosamente formados, à frente a Banda de Música Colegial e a Banda marcial, rumaram ao Palácio do Governo, onde os esperavam o Dr. Agamenon Magalhães, Interventor Federal, o Dr. Novais Filho, Prefeito da Capital, e outras altas autoridades civis e militares. A diretoria e uma comissão de alunos foi recebida no Salão Nobre do Palácio do Governo, onde falou um dos alunos. Da sacada do palácio agradeceu o Sr. Interventor, exaltando a Obra dos Salesianos em Pernambuco.

O desfile prosseguiu, indo o Batalhão às redações dos jornais Diário da Manhã, Folha da Manhã, sitos na Rua do Imperador, em cada parada falando um aluno aspirante. (Um deles, Paulo Andrade, é atualmente o zeloso vigário da Paróquia N. S. Auxiliadora, em Aracaju). Daí se dirigiram os alunos à Praça da Independência, a fim de homenagear o Diário de Pernambuco cujo diretor, o Dr. Aníbal Fernandes, ex-aluno salesiano, respondeu à saudação.

E segue o Batalhão Salesiano para a Avenida Cruz Cabugá, a fim de homenagear a Rádio Clube de Pernambuco, milagre do trabalho e persistência de um ex-aluno, Oscar Moreira Pinto, que tem à frente dois outros ex-alunos, Arnaldo Moreira Pinto e Mário Libânio. Interrompidos os trabalhos de irradiação, um aluno leu ao microfone a saudação do Colégio Salesiano à Rádio Clube e a Banda executou um número. E após três horas de marcha gloriosa, adentravam os soldadinhos brancos os portões do cinquentenário Colégio.



Recife - Personalidades presentes ao almoço de encerramento das festas cinquentenárias.

ENCERRAMENTO DAS FESTAS

No dia 6 de dezembro prestou-se homenagem a Mons. Giordano, falando entre outros, o Dr. José Rodrigues, irmão daquela alma caridosa que no barracão do Javari, nos barrancos perdidos do Rio Negro, recolheu moribundo o heróico missionário. O Orfeão e a Banda de Música da Força Policial do Estado concorreram extraordinariamente para o brilho da sessão desse dia.

No dia 7, os Ex-alunos prestaram homenagem ao Pe. Teófilo Twórz. Homens de responsabilidade, com os olhos umedecidos de comoção, juntavam-se em torno da figura querida como filhos ao redor de um Pai que há muito não viam.

O dia 8 de dezembro viu pela manhã, os esplendores todos da liturgia cercarem a Virgem Imaculada, e à noite, a grandiosa sessão magna no Teatro Santa Isabel, com conferência e parte artística realçada pelos números do pianista Manuel Augusto, cantos e poesias.

O dia 9 foi considerado o Dia das Missões, tendo sido conferencista o veterano missionário Pe. João Marchesi, que estava no Recife, em tratamento de saúde.

Raiou finalmente o dia 10 de dezembro, cinquenta anos depois da chegada daquela meia dúzia de salesianos à Cidade Maurícia, dia do encerramento da Semana Jubilar. A programação se iniciou com Missa Solene cantada pelo Pe. Inspetor com Assistência Pontifical do Sr. D. João da Matha Amaral. Terminada a Missa é inaugurada na fachada do prédio primitivo a lápide comemorativa do cinquentenário, hoje desaparecida junto com o prédio. Ao meio-dia no Salão de Festas, realizou-se o ágape que a Diretoria do Colégio ofereceu às Autoridades e amigos de Dom Bosco. Estiveram presentes além do Sr. D. João da Matha, o Interventor do Estado, o Prefeito da Capital, o Comandante da 7ª Região Militar e numerosas autoridades e pessoas da mais seleta sociedade do Recife.

À noite, na praça, teve lugar a sessão de encerramento, estando a parte artística a cargo dos aspirantes.

CAPÍTULO XVI

ANOS DE EXPANSÃO

1945 - 1946

EDITORA SALESIANA

Dom Bosco sempre se preocupou com os livros textos que se põem nas mãos dos alunos. Segundo a mentalidade salesiana, esses livros não somente devem evitar qualquer palavra contrária aos bons costumes ou à religião, mas devem ter por princípio inculcar, direta ou indiretamente, a doutrina e moral cristãs.

Para atingir esse objetivo a partir de 1944, as Escolas Salesianas de Artes Gráficas do Recife começam a editar uma coleção de livros didáticos, começando com a Gramática Inglesa do Pe. José Calasans de Figueiredo e passando para a Gramática Latina e os Exercícios Latinos de Otávio Tempini, com tradução e adaptação do Pe. Nestor Alencar e Pe. José Gumercindo Santos. O esforço durou alguns anos com muito bons resultados pedagógicos e morais, mas sem uma eficiente distribuição dos livros editados, terminou vencido, pois a parte financeira não resistiu ao poderio e organização das grandes editoras.

SEDE DOS EX-ALUNOS

Já desde o número de novembro de 1945 o Cooperador Salesiano proclamava a necessidade de "que os ex-alunos tenham sua sede ampla, com salões de conferência e de jogos, biblioteca, teatro... O que hoje possuímos sobre ser incômodo é irrisório. Basta lembrar a concentração de quase 500 ex-alunos no dia 15 de agosto".

Com efeito, na última comemoração do Dia dos Ex-alunos, a sede da União, atualmente englobada no Teatro Boa Vista, demonstrara-se nitidamente incapaz de receber tantos ex-alunos.

O Padre Roque aceita o desafio e vai resolvê-lo. Dono de um temperamento que o tornava extremamente comunicativo e sociável o Pe. Roque tinha o senso da administração. A aquisição da sede da Associação dos Ex-alunos, cuja organização perfeita é de todos conhecida, se deve ao seu espírito empreendedor.

Durante a guerra a Pensão Almata, ao lado do Santuário, tinha servido às tropas americanas. Com o fim do conflito, a Pensão Almata foi posta à venda. O Pe. Roque soube movimentar seus muitos conhecimentos e conseguiu comprar, em 1946 o prédio que, em seguida, foi destinado à sede da Inspetoria e sistematização das obras inspetoriais, sede da União dos Ex-alunos, assim como à construção do prédio da Escola Noturna D. Giordano.



Pensão Almata, atual sede da União dos Ex-alunos

A 15 de agosto de 1946, dia do Ex-aluno, foi inaugurada a sede fixa da União. Às 8 horas, após a Missa festiva, houve uma animada disputa de futebol entre alunos e ex-alunos. Às 10 horas, realizou-se a sessão solene. Saudado pelo Sr. Jovelino Selva, sob as mais vivas aclamações, falou o Pe. Carlos Leôncio da Silva, que veio de Lorena, S. Paulo, especialmente para a

ocasião. Fez um discurso revestido de um sentimento extraordinário, misto de agradecimento, congratulações e evocação dos primeiros passos da Associação. Com a palavra, o Pe. Inspetor relatou a situação da União com sede própria e o esforço da Inspetoria para aquisição do novo prédio.

Houve o banquete tradicional seguido de grupos fotográficos.

A EXPONENCIAL AMÉLIA RODRIGUES

Vamos agora acompanhar os acontecimentos desta fase na gloriosa terra da Bahia.

A 12 de novembro de 1941 são recolhidos ao Santuário os restos mortais da insigne benfeitora Da. Amélia Rodrigues.



Amélia Rodrigues

Nascida a 26 de maio de 1861, em Oliveira dos Campinhos, na Bahia, Da. Amélia Rodrigues representa um dos expoentes mais ilustres da literatura brasileira. Poetisa brilhante, oradora e conferencista primorosa, romancista e contista, tradutora e cronista. Católica fervorosa, patriota incondicional, mestra dedicada de coração e alma generosa, seria interminável a relação dos seus inspirados trabalhos. Muito contribuiu para a difusão das Leituras Católicas.

Entre os seus romances distingue-se o "Mestra e Mãe", e de seus dramas o "Alma Sertaneja" teve longa vida nos palcos salesianos.

Quando Mons. Lourenço Giordano tratou da fundação do Liceu, encontrou um ambiente esplendidamente preparado e organizada a Pia Associação dos Cooperadores Salesianos. Compreendeu que o fato, em grande parte, era devido ao zelo de D. Amélia. Viu-a então pôr-se ao lado e, qual esforçada "mentora", encontrou-a sempre pronta a auxiliá-lo nos momentos difíceis, pondo ao inteiro dispor daquele Instituto todos os recursos de seu prestígio ilimitado, todas as energias de sua vontade férrea, todas as luzes do seu talento aprimorado. A vida do Liceu era a sua vida, os triunfos do Pe. Giordano eram os seus triunfos. O Pe. Albera, no relatório de sua visita à América, em 1901, se refere à "bela alma de Dona Amélia Rodrigues que faz um bem imenso aos salesianos do Brasil com sua pena de ouro".

Faleceu em 1926, mas sua vida se prolongou por muitos anos ainda, cantando pela voz de muitas gerações, principalmente depois da missa das oito:

*"Santa Igreja romana, católica,
Una, excelsa, divina, imortal..."*

*Nós te amamos, nós somos teus filhos
Em teu seio queremos viver,
E da luz que nos dás entre os brilhos
Nos teus braços maternos morrer".*

NA LESTE BRASILEIRA

A 19 de junho de 1942 Nossa Senhora Auxiliadora é declarada padroeira da Leste Brasileira em regozijo por ter salvo no desastre de Mapele a vida do seu diretor, o Dr. Lauro Farani. Nesta ocasião a imagem de N. Sra. Auxiliadora foi entronizada nos escritórios centrais da Leste, renovando-se todos os anos, na presença de todos os funcionários, a consagração da importante rede ferroviária à Virgem de Dom Bosco.

IMPULSO NAS ESCOLAS PROFISSIONAIS

Também na Bahia a entrada do Brasil na guerra, em agosto de 1942, impôs uma certa modificação: o Pe. Antonio Viet, diretor desde 1938, passou a direção, para efeitos externos, ao Pe. Noé Gualberto até o fim do ano.



Janeiro de 1949 - Retiro dos Salesianos

1ª fila: Pini, Cassiano, Guindani

2ª fila: Grismondi, Gatti, Galli, Giorgi

3ª fila: Calasans, Balbi, Nestor, Pederzini, Pinkowski,

Ramos, L. Mendonça, Bertoldero, Giacomelli, Roque

4ª fila: Serra, Bruno, Giacomarra, Conrado,
Batista, Manoel, Pautilo, Josias

5ª fila: Tosini, Bologna, Ivo, Sersen, De Ponti

6ª fila: Antonio, Lima, Sebastião, De Michellis, Messias, Della Valle.

Em 1943, o Pe. Gino Compagnin é deslocado de Aracaju para Salvador, onde as condições políticas oferecem melhores condições de apostolado. Com o Pe. Gino nota-se um crescimento sensível do internato. Em 18 de agosto de 1944 é adquirido um serviço de alto-falantes, o que empresta nova animação aos pátios e à vida colegial. Em 1945 as Escolas Profissionais receberam grandíssimo impulso, pois a Legião Brasileira de Assistência quer ajudar os salesianos na educação dos meninos pobres. A ala direita das oficinas, iniciada a 22 de janeiro, é inaugurada a 16 de outubro. A indústria absorve imediatamente os alunos que terminam o curso, o que mostra a conta em que eram tidas as Escolas Profissionais como preparadoras de operários bem formados.

O Oratório Festivo toma um tremendo impulso, sob os cuidados diretos do Pe. Carlos Cattaneo, auxiliado pelo Coad. Domingos Serra e outros catequistas, atingindo uma matrícula de quase 400 alunos.

LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA

Graças à iniciativa da Sra. Da. Ruth Vilaboim Aleixo, esposa do Interventor Federal e presidente da Legião Brasileira de Assistência na Bahia, foi concluído o novo prédio que passou a servir de local para oficinas, dormitórios, salão de aulas e outros ambientes. As Escolas Profissionais, já tão desenvolvidas, tomam agora um impulso ainda maior. O novo prédio das Escolas Profissionais mede 45 metros de comprimento por 12 de largura, constando de dois pavimentos, sendo todo feito de cimento armado. É uma ampliação da construção já começada em 1939.

O prédio foi inaugurado no dia 16 de outubro de 1945 pela Sra. Da. Ruth Aleixo, que percorreu todas as dependências do mesmo, tendo sempre uma palavra de louvor.

De volta, foi descoberta a lápide na qual se achava gravada a seguinte inscrição: *"Escolas Profissionais Salesianas Construídas pela L.B.A. Secção da Bahia, sendo Presidente a Exma. Sra. Da. Ruth Aleixo. Salvador, 16-10-45"*.

Pouco depois, a 13 de novembro, o Pe. José Reyneri, representante do Reitor Mor, em visita à Casa, benzeu solenemente o novo pavilhão.

COLÉGIO FRUSTRADO

Em 1946 o Pe. Gino foi contactado pelo Dr. Gileno Amado que se propunha doar em Itabuna um terreno para a construção de um grande colégio salesiano com os cursos primário, ginásial, profissional e o indefectível

oratório festivo. O Sr. Bispo diocesano já planejava entregar uma paróquia aos salesianos. O Pe. Gino chegou a viajar para Itabuna para escolher o local, mas as dificuldades, mormente a falta de pessoal, impediu a realização das esperanças.

E vamos para o Estado vizinho, pois de Aracaju temos que registrar um desenvolvimento que merece muito bem ser qualificado de espantoso.

SUCESSÃO EM ARACAJU

Ao concluir o período regulamentar de directorado em Aracaju, em 1938, o Pe. Antonio Viet foi designado director do Liceu de Salvador, sendo substituído pelo Pe. Carlos Figueiredo no triênio 1938-1940.

Nesse período o Colégio se torna muito conhecido, sobretudo pela organização dos estudos e com o desenvolvimento da Banda colegial, sob a regência dos maestros salesianos Pautilo Lira (1938) e Antonio Bruno, posteriormente. Também no directorado do Pe. Carlos foi construída uma gruta de N. S. de Lourdes, na frente e ao lado esquerdo, da entrada do Colégio, que foi toda lajeada. Atualmente essa área constitui o adro da Igreja Matriz e a gruta foi demolida.

Completado o triênio, o estado de saúde do Pe. Carlos forçou-o a se retirar da direcção, havendo uma rápida sucessão de directores: Pe. João dos Santos, em 1941 e Pe. Gino Compagnin, em 1942. Em setembro deste ano, logo após a entrada do Brasil na guerra, em atenção às autoridades locais que "aconselham" a modificação na direcção do Colégio, cujo pessoal era todo italiano, é nomeado director o Pe. Antonio Campelo de Aragão, que vem de Cajazeiras, enquanto o Pe. Gino permanece no Colégio, ocupando o cargo de prefeito. No início de 1943, o Pe. Gino é transferido para a Bahia, onde a situação é menos tensa, na qualidade de Director.

PROSPERIDADE

Sob a direcção do Pe. Campelo o Colégio adquire uma prosperidade extraordinária. O prédio sofre algumas reformas e o número de internos supera a capacidade disponível, tendo que se abrir um novo dormitório.

O Pe. Campelo organiza a União dos Ex-alunos de Sergipe, dando o cargo a homens de fé e responsabilidade. Constituiu o Conselho com Ex-alunos de valor. Fazem parte dele o Dr. Francisco Leite Neto, Secretário Geral do Estado, Dr. José Garcez Vieira, Prefeito da Capital, Dr. José Rolemborg, Procurador Geral da República, Sr. Walter do Prado Franco, grande usineiro e outros.



Aracaju - Banda de música com o Pe. César Delgrosso, Pe. Carlos Figueiredo e o Coad. Antonio Bruno

No domingo de Páscoa de 1943, os Ex-alunos fazem uma grande festa, a primeira depois que a União foi instalada. Por empenho dos Ex-alunos, com pompa e solenidade, em 16 de agosto de 1943 foi inaugurada a Rua Dom Bosco.

EXTERNATO SÃO LUIZ

Por esta época o Colégio ainda se ressentia da posição afastada da cidade, o que impedia maior desenvolvimento do externato. Por isso, em 1944, a União dos Ex-alunos adquire sede própria e confortável à rua Propriá, esquina com Simão Dias, onde começa a funcionar o Externato São Luiz para alunos do curso primário. É encarregado do externato o Pe. Angelo Spadari, auxiliado pelo aspirante Luiz de Oliveira.

Em 1946 o Pe. Spadari passa a diretor do Colégio e vai manter o cargo até 1948.

Por falta de pessoal, o Pe. Carlos Figueiredo, Prefeito do Colégio, é designado também encarregado do Externato São Luiz. Tinha muitos dons o Pe. Carlos, menos o de estar em dois lugares ao mesmo tempo, pelo que, no ano seguinte, foi nomeado outro encarregado do Externato na pessoa do Pe. Manoel Alves. Por coincidência, o Pe. Manoel Alves tinha o mesmo defeito, não era capaz de estar ao mesmo tempo no Externato e no Oratório.

Dessa maneira, em 1948, a falta de pessoal, a expansão da cidade e também a mudança de Inspetor, determinaram o fechamento do Externato, voltando o curso primário para o ninho antigo.

EX-ALUNOS

Os Ex-alunos de Sergipe, como afirmação pujante de sua vitalidade, comemoram com esplendor o dia 15 de agosto de 1945. A grande solenidade foi precedida por um tríduo preparatório que congregou no Colégio e na sede social da União o mais seletos alunos da sociedade sergipana, tanto do clero como do laicato.

O dia 12 foi dedicado ao Papa. O dia 13 foi consagrado à homenagem da Associação de N. S. Auxiliadora e do Apostolado da Oração a S. João Bosco. O dia 14 dedicado às Mães sergipanas foi também o dia das Vocações. Além da parte religiosa, nesses três dias realizou-se no teatro do Ginásio brilhante sessão solene.

No dia 15 houve Missa Solene, celebrada pelo Mons. Carlos Costa, Vigário Geral da diocese e executada pela Escola de Canto dos Ex-alunos. O

magnífico almoço de confraternização contou com a presença das mais altas autoridades religiosas, civis e militares do Estado.

Esta é a grande vantagem do trabalho em comunidade. Enquanto um membro se movimenta com tanta desenvoltura e resultado entre a fina sociedade, outro se dedica ao trabalho humilde entre os meninos pobres do Oratório.

ORATÓRIO DE ARACAJU

Pioneiro da presença salesiana no local, o Oratório Festivo vinha desenvolvendo suas atividades desde 1908. Pode ser de interesse registrar que em Aracaju, por motivos históricos como já foi explicado, não se chamava Oratório, mas Tebaida. Assim, os oratorianos eram conhecidos como os “meninos da Tebaida”. Quando alguém se referisse ao Oratório, estaria falando do Oratório Festivo D. Bosco, de Dona Bebê, o que pode ser fonte de algum engano, como o registrado no álbum “A Obra Salesiana no Brasil no seu cinquentenário” de 1933, em que a capela do Oratório Festivo que aparece na página 143 é na realidade do Oratório de Dona Bebê. A página 144 mostra um grupo de meninos se divertindo num terreno baldio, que é onde se encontra edificado atualmente o Oratório Festivo N. S. Auxiliadora, dos Salesianos.

Por algumas décadas cuidou da Tebaida o Coad. Olavo Almeida, com um programa mínimo. Entre histórico e biográfico vale anotar que o Prof. Olavo, durante décadas, reunia diariamente sua dúzia de melhores oratorianos para ensinar catecismo ou ensaiar cantos, entre o jantar e a leitura espiritual, sacrificando assim diariamente o recreio, e com ele a saúde. Só está dispensado de admirar tamanho heroísmo quem for capaz de fazer o mesmo.

CONSTRUÇÃO

Ocupando as mesmas instalações do Colégio, o Oratório não podia se desenvolver. Quando em 1942, o Pe. Emílio Serafin ficou encarregado da Tebaida, começou-se a conhecer na cidade o Oratório dos padres. A matrícula atingiu 400 oratorianos e os passeios, teatro, campeonatos, tornavam-no um Oratório exemplar. Com a licença do Inspetor, o Pe. Serafin começou a construir a sede própria do Oratório na meia quadra, onde se encontra o Oratório atual. Como sempre, dinheiro não havia, mas a proverbial generosidade sergipana, sobretudo de Dona Adélia Prado Franco, possibilitou a construção.

O Pe. Serafin não somente dirigia, mas trabalhava com as próprias mãos, ajudado pelos oratorianos. Assim foi limpo o terreno, construiu-se o muro de cinta e o edifício. Há fotos do Pe. Serafin no alto dos andaimes fazendo o telhado, enquanto os oratorianos passam as telhas. Dessa forma, na noite de Natal de 1944, somente o presbitério coberto e o resto da capela ao brilho das estrelas, cantou-se a primeira missa na sede atual do Oratório. Pouco depois, em janeiro de 1945, o Pe. Serafin é transferido para o Oratório de Jaboatão, permutando com o Pe. Manoel Alves, que recebe como auxiliar o Coad. Primo De Ponti.

CASA PRÓPRIA

Com sede e pessoal próprio, o Oratório prossegue em ritmo de desenvolvimento. Quando completo, o edifício deve constar das seguintes divisões: sala de reuniões e secretaria, salão para capela e teatro, quatro salas de aula com capacidade para cinquenta alunos, instalações sanitárias e amplo pórtico para os recreios durante o inverno.

Pelos fins de 1944 o Oratório possui seis classes de catecismo, uma escola de canto, a Companhia de S. Luiz Gonzaga com mais de cinquenta sócios e uma boa biblioteca para os mesmos. Em 1945 começou um curso primário gratuito. Auxiliares do diretor do Oratório são alguns rapazes dedicados e esforçados, ex-alunos do próprio Oratório ou do Colégio, que vêm acompanhando o desenvolvimento da Obra. Podemos lembrar Luiz Rabelo Leite, atualmente Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado, Fecundo Santos Mota, José Ribeiro Filho e tantos outros, cujos nomes aqui não mencionados, estão inscritos nos céus.

Vamos agora à região amazônica.

SEMINÁRIO DE MANAUS

Em 1943 os salesianos aceitam a direção do Seminário Diocesano São José, oferecida por Dom João da Matha Amaral, que já confiara aos salesianos o Colégio de Cajazeiras. Logo os filhos de D. Bosco expandem sua ação criando um Oratório Festivo, Curso Primário e Escolas Noturnas, todo o trabalho sob a direção do inquebrantável Pe. Luiz Pasquale que, após o triênio regulamentar passa em 1945 a direção ao Pe. Estêvão Domitrovitch.

RESIDÊNCIAS MISSIONÁRIAS

Em 1943 pôde-se abrir duas residências missionárias: uma em Santa Isabel, no Rio Negro, e uma em S. Carlos do Jamari, entre Humaitá e Porto Velho, onde uma linda igreja serve de ponto de partida para as excursões no interior, através dos afluentes da direita do Rio Madeira até os confins do Mato Grosso.

ANANINDÉUA

Em março de 1946, os salesianos abrem em Ananindéua, localidade próxima de Belém, a Escola Agrícola D. Lasagna, para os filhos dos seringueiros, em homenagem ao primeiro bispo salesiano do Brasil, cujo cinquentenário da morte ocorreu em 1945 e que, em 1882, visitou o Pará, para iniciar uma casa salesiana.

Administrativamente a Escola é filial do Colégio do Carmo de Belém. Dispõe de vasto terreno cultivado e irrigado. Uma associação de benfeitores, chefiada pelo Dr. Rui Medeiros, prontificou-se a sustentar as despesas dos alunos internos. É diretor o Pe. Antonio Agra, secundado por outro sacerdote e um coadjutor.

PELO SERTÃO BRAVIO

Em Juazeiro, inaugurou-se em 1942 um novo e moderno Instituto com amplas salas para aulas diurnas e noturnas onde funciona o curso primário com cinco classes e o ginásio, sob inspeção federal, além do curso profissional, para alfaiates, marceneiros e mecânicos, todos em regime de externato. Em 1944 o Pe. Agra é transferido de Juazeiro para a Piedade, em Fortaleza, como diretor, auxiliado pelo Pe. Pinkowski como pároco. Essa situação dura apenas um ano quando o Pe. Agra segue para Manaus e o Pe. Pinkowski reassume os dois cargos.

No ano de 1944, em Juazeiro, sob a direção do Pe. Aílvaro Lustosa, celebra-se um fervoroso mês mariano, encerrando-se com uma procissão que "foi um triunfo". Todas as associações religiosas tomaram parte no grande préstito. O carro andor constituía o número solene das festas. Treze anjinhos faziam coroa à Virgem Auxiliadora, no grande carro triunfal. Em 1945, assume a direção do Colégio o Pe. Estélio Dalizón.

CAJAZEIRAS

Em Cajazeiras, onde era diretor o Pe. José Carvalho de Mendonça (1943-1945) se celebra com grandiosidade a festa de N. S. Auxiliadora a 24 de maio. Em 1946 o Pe. José Mendonça é substituído pelo Pe. Bartolomeu Almeida, que passa a direção em 1951 ao Pe. Natal Griglio.

OUTRA VEZ SÃO JOAQUIM

Em fevereiro de 1940 os Salesianos tinham sido forçados a entregar a direção do Colégio Orfanológico S. Joaquim. A Santa Casa confiou então o Colégio aos dedicados Padres do Sagrado Coração, que o dirigiram por dois anos, mas não encontraram condições de continuar. Em seguida, assumiu a direção o Sr. Marçal Barroca, mestre tipógrafo do Colégio. Compreende-se facilmente que as condições educativas, porém, nem de longe se pareciam com as dos velhos tempos.

A pedido insistente da Santa Casa de Misericórdia que prometia atender às justas cláusulas dos Salesianos, e do Bispo de Garanhuns, D. Mário Vilas Boas, o Pe. Guido Barra reassumiu a direção, confiando-a ao Pe. João Colósio, que tomou posse a 20 de janeiro de 1944, entre o júbilo dos alunos e das pessoas que acompanhavam de perto a vida e vicissitudes do orfanato.

A terra é boa e o Colégio prospera. Logo os salesianos promovem a grandiosa Páscoa dos Operários da Usina, precedida de tríduo, de 5 a 8 de junho. Frutos saborosos desta Páscoa são a legalização de 49 casamentos de operários e a procissão noturna de mais de mil pessoas com vela acesa na mão, que se desdobrou desde a Usina até o Colégio.

Em 1945 a matrícula dos alunos é de 170. Recebem instrução primária, divididos em cinco classes. Os maiores frequentam as oficinas. Funcionam as Companhias do Santíssimo Sacramento, de S. Luiz e de S. José. A banda de música e a escola de canto abrilhantam as funções litúrgicas e as festas patrióticas, enquanto o grupo dramático alegra os alunos com seus entretenimentos. Além do trabalho com os alunos, os salesianos atendem também às capelas de Agua Branca, Florestal, Maraial e Jaqueira.

No dia 20 de outubro de 1946 celebrou-se com grande pompa a festa de D. Bosco e também das Missões, e a 27 a festa de Cristo-Rei. À tardinha do dia anterior chegou ao Instituto o Sr. Bispo Diocesano D. Juvêncio de Brito. Após as vésperas solenes, foi prestada no salão de Atos carinhosa homenagem ao Sr. Bispo, sendo encenados alguns esboços dramáticos. No dia da festa, S. Excelência celebrou a Missa da Comunidade e o Pe. Diretor cantou a Missa Solene. Pela tarde, foi administrada a sagrada crisma a 368

peessoas, sendo 128 alunos do Instituto. Logo depois, elogiando a piedade e o canto dos alunos, Sua Excelência se despediu deixando todos edificados com seu grande e boníssimo coração de Pai e Pastor.

Quanto bem se poderia fazer se houvesse liberdade de ação! Não somente como o referido acima, mas também como se faz em outras partes, notadamente em Natal.

CHEGAM OS CLÉRIGOS

Deixamos a Casa de Natal com seu Oratório bem estruturado em 1938. No ano seguinte, o Pe. Barra resolveu ampliar as atividades da Casa. Aumentou o pessoal, nomeou diretor o Pe. Celestino Capra com instruções para abrir um curso primário: o Externato São José.

Em 1942 o Inspetor instala o Instituto Filosófico em Natal, sob a direção do Pe. Dallavia. Os clérigos do terceiro ano ensinavam no curso primário, o que permitiu aumentar o número de alunos. Em 1944 o Pe. Dallavia é transferido para Manaus, deixando a direção da Casa ao Pe. Bernardo Bicker. No directorado do Pe. Bicker (1944-1950), executam-se diversas reformas e a construção de um novo prédio, tornando a casa mais apta a sediar Estudantado e Externato.

RENDAMOS GRAÇAS!

Em 1946 se realizam as festas das Bodas de Ouro de profissão dos Coadjuutores Olavo Almeida, João Batista Vasconcelos e Paulo Gasco.

Nos pequenos fatos se manifesta a bondosa intervenção da Providência. A longevidade destes coadjutores permitiu fixar várias tradições e notícias que de outra forma se teriam perdido. Além disto, modelares religiosos, com o exemplo, formaram as gerações dos salesianos que, a este tempo, animam as diversas frentes de trabalho.

VISITA DO PADRE REYNERI

No fim ano de 1945, no espaço de 40 dias, começando pela Bahia, onde chegou a 12 de novembro, o Pe. José Reyneri, representante do Reitor Mór para várias inspetorias da América, percorreu a Inspetoria desde o litoral nordestino ao extremo norte.

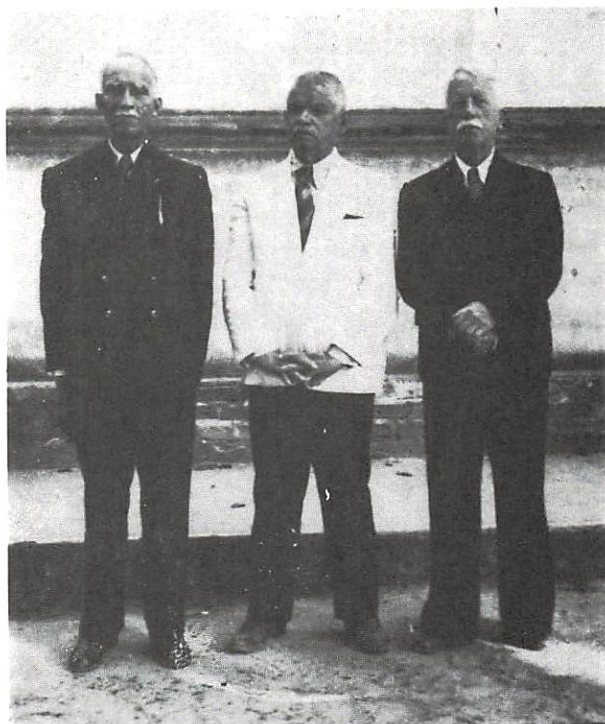
O Pe. Reyneri veio para a América na primeira expedição missionária mandada por D. Bosco ao Equador (1888). De lá, por ocasião da violenta



Pe. José Reyneri

perseguição religiosa, passou para a Argentina, exercendo por muitos anos o cargo de Inspetor. Durante a guerra foi escolhido para representante do Reitor Mór na América do Sul.

Já fazia muitos anos que a Inspetoria não tinha a felicidade de um contacto íntimo e imediato com os Superiores Maiores e durante o longo e tormentoso período da guerra até o intercâmbio epistolar fora muito restrito. Por isso foi com imenso júbilo que foi recebido o Pe. Reyneri, uma dessas figuras gigantescas de salesianos, saídos das mãos de D. Bosco, para modelos acabados das futuras gerações. Aureolado com o prestígio de um dos últimos alunos vivos de D. Bosco, o Pe. Reyneri abençoou, fez conferências, impressionou com tanta vivacidade não obstante a idade já adiantada, inculcando a todos o cultivo das tradições salesianas, patrimônio recebido dos discípulos imediatos de D. Bosco que deve ser transmitido às gerações vindouras.



*O trio dos coadjutores mais antigos da Inspetoria
Olavo Almeida, Paulo Gasco, João Batista de
Vasconcelos*

VOCAÇÕES

O aspirantado comemora com entusiasmo, em 1945, o mês de setembro, consagrado na Inspetoria como o mês das Vocações. Entre os números de maior relevo cumpre relembrar a homenagem prestada ao Pe. João Barbalho, ex-aluno, capelão da Força Expedicionária Brasileira que, de volta dos campos da Itália, veio cantar a 7 de setembro a Missa de ação de graças no Santuário onde quinze anos atrás celebrara sua primeira missa.

MOVIMENTAÇÃO

Em 1946 houve uma movimentação notável do pessoal dirigente. O Pe. Antonio Campelo vem para Fortaleza, Baturité fica sob a direção do Pe. Aurino Caracciolo, o Pe. José Mendonça volta para Juazeiro e o Pe. Estélio Dalizón é investido no cargo de Ecônomo Inspetorial.

FATOS DO NOVICIADO

Por ocasião da tradicional romaria dos Cooperadores ao Santuário de N. S. Auxiliadora, já no seu terceiro ano, em 1946, fez-se em Jaboatão a inauguração solene da parte do prédio recentemente reconstruída, destinada ao Noviciado. Após a missa cantada, o Pe. Inspetor deu a bênção ao novo edifício e ao finalizar agradeceu aos cooperadores que o ajudaram naquela empresa. Acenou aos acontecimentos de dois anos atrás quando a comunidade inteira foi quase milagrosamente salva de tremendo desastre. Naquela trágica noite de 31 de maio de 1944, enquanto todos tranquilamente repousavam, após celebrar a Festa do Sagrado Coração, ruiu fragorosamente o teto do dormitório, sepultando em ruínas e escombros os quinze noviços com o seu assistente. Quando aflitos chegam os Superiores, dos corações se eleva um hino de agradecimento à Virgem, pois o que poderia ter sido um desastre de grandes proporções se resolvera apenas em um susto: nenhum dos noviços recebeu a menor contusão ou ferimento.

Também neste ano, com a vinda do Pe. Carlos Leôncio de Lorena, se fez a transladação dos restos mortais do Pe. Véllar, do cemitério de Jaboatão, para encaixá-los na parede do Santuário, no mesmo lugar onde ele confessava, sob os olhares de N. Senhora e onde espera agora a ressurreição final.

MANAUS

Retumbantes festas marcaram as Bodas de Prata do Colégio D. Bosco de Manaus, sob a direção do Pe. Luiz Venzón. Pela manhã do dia 8 de setembro o Cônego Manoel Monteiro celebrou missa campal, após a qual percorreram as ruas principais em passeata os Colégios Salesianos: Patronato Santa Terezinha, Colégio N. S. Auxiliadora e Colégio Dom Bosco. Foi orador oficial o Interventor Federal, Dr. João Nogueira da Mata, um dos primeiros e mais brilhantes alunos do Colégio D. Bosco. As duas bandas musicais, do Exército e da Polícia, em conjunto, sob a regência do Maestro Arnaud, deliciaram a seleta assistência com trechos de música clássica. Houve números de declamação e encerrando, o Sr. D. João da Matha cantou um verdadeiro hino à ação salesiana no Amazonas.

Nos discursos se ressaltou a figura do Pe. Agostinho Caballero Martin, braço direito durante vinte e quatro anos de todos os diretores que regeram o Estabelecimento e esteio magnífico e figura central da disciplina, dos estudos e de toda atividade colegial neste longo lapso de tempo.

MUDANÇA DE INSPETOR

Já havia se esgotado o período regulamentar do Inspetorado do Pe. Barra, prolongado pelas terríveis circunstâncias de que já foi feita memória. Voltando o mundo pouco a pouco à normalidade, em setembro de 1945 o Reitor Mor, Pe. Pedro Ricaldone, nomeou Inspetor da Inspetoria São Luiz de Gonzaga, o Pe. Ladislau Paz.

O Pe. Ladislau Paz, ordenado em 1932, em Turim, trabalhou no Sul como conselheiro, catequista e depois diretor do Colégio de Lavrinhas. Foi depois mestre de noviços e desde 1945, era diretor do Estudantado Filosófico de Lorena, o maior do mundo. Acumulava assim notável experiência no campo da formação do pessoal.

O Pe. Ladislau Paz chegou ao Recife no dia 18 de outubro de 1946. No dia 24 houve uma sessão de recepção ao Pe. Ladislau Paz e de despedida ao Pe. Guido Barra, nomeado Inspetor da Inspetoria de Mato Grosso, que no dia seguinte rumou de avião para o sul do país.

Durante a gestão do Pe. Barra foram abertas as Casa de Ananindéua no Pará, Cajazeiras na Paraíba, Paróquia da Piedade, em Fortaleza, Ceará; Oratório D. Bosco, na cidade de Jaboatão; Juazeiro do Norte, no Ceará; Seminário S. José em Manaus, além das casas de Missões: Parí-Cachoeira (Rio Waupés) e Santa Isabel (Rio Negro); e São Carlos do Jamari (Rio Madeira), no então Território de Guaporé, atual Estado de Rondônia.

O Pe. Guido Barra, homem a quem melhor se pode aplicar o título de dinamismo feito pessoa, dirigiu a Inspetoria de Mato Grosso até 1958, quando o Capítulo Geral o elegeu membro do Capítulo Superior. Faleceu em 6 de setembro de 1981, tendo sido por 20 anos Inspetor e por 9, membro do Capítulo Superior.

CAPÍTULO XVII

ANOS DE BONANÇA

1946 - 1950

PROPÓSITOS DO NOVO INSPETOR

Em 27 de outubro de 1946 o Pe. Ladislau Paz escreve sua primeira circular, concitando “os bons irmãos a nos apegarmos sempre mais às nossas Regras, aos nossos Regulamentos e às nossas sãs e genuínas tradições salesianas”.



Chegada do Pe. Ladislau Paz

Em seguida expõe “um ponto de urgente e inadiável solução: a fundação de uma casa para aspirantes em Carpina e outra para os aspirantes coadjutores em Tiúma”, augurando-se reunir no primeiro, duzentos, e no segundo, cem aspirantes.

De fato, observância e aspirantado formaram o binômio que animou o trabalho do Pe. Ladislau Paz como inspetor.

CAPÍTULO INSPETORIAL

Passado o longo martírio da Segunda Guerra Mundial e o não menos tétrico período pós-bélico, o Reitor Mor convoca o Capítulo Geral para reestruturar o trabalho atingido em sua organização por tantos eventos.

Em preparação ao Capítulo Geral, o Inspetor Ladislau Paz, enquanto comunica que desde 1º de novembro de 1946, o Pe. José Reyneri cessara de ser o representante do Reitor Mor, convoca para os dias 3 a 5 de fevereiro de 1947, no Recife, o Capítulo Inspetorial, que elege como Delegado o Pe. José Pereira Neto.

Foram tratados a seguir os assuntos propostos para o Capítulo Geral, em cinco sessões, que se podem assim resumir:

CATEQUESE: Concluiu-se que se deve fazer todos os esforços para disseminar os Oratórios Festivos e mesmo ir ao encontro das massas operárias diante da ofensiva comunista.

PRÁTICAS DE PIEDADE: Ainda se insiste na obrigação da Missa dominical no Colégio, para os alunos externos, ressaltando-se no entanto: “Não se castiguem os alunos por motivo de falta a esta Missa”.

BENEFICÊNCIA: É reconhecida a necessidade de beneficiar alunos carentes, mas os Colégios precisam ter certa renda, pois se deve atender prioritariamente o Aspirantado, para sustentar as vocações dos meninos pobres.

MODÉSTIA CRISTÃ: Debatida sob vários aspectos, em um ponto houve convergência absoluta: que se combata nos colégios e oratórios, de maneira enérgica e prudente, a chamada educação sexual.

PROPOSTAS VÁRIAS: Houve um estudo detalhado da formação dos clérigos e coadjutores, sobre a centralização dos Cooperadores e outras proposta menos importantes.

MISSÕES

A 5 de outubro de 1946, o Pe. João Batista Costa, diretor do Liceu Coração de Jesus, de São Paulo, tinha sido eleito Bispo Titular de Scilio e

Prelado de Porto Velho, no atual estado de Rondônia, assumindo portanto a administração das Missões do Rio Madeira.

Eminente salesiano, dotado de qualidades excepcionais, sempre se distinguiu por sua bondade, espírito de sacrifício e alma de apóstolo. Sagrado no fim do ano, em janeiro de 1947, S. Ex. passa alguns dias no Recife, celebrando no dia 31 no altar de S. João Bosco.

E já que o assunto é Missões, vejamos como se desenvolve o trabalho naquelas longínquas paragens. As anotações do grande missionário Coad. Miguel Blanco, nos fazem saber que as Missões do Rio Negro, denominadas pelo General Alexandrino "verdadeiros centros de patriotismo", em 1944, constava de 6 centros fixos de Missão: Barcelos, Santa Isabel, Jauareté, Taracua e Pari-Cachoeira. Em Barcelos, S. Gabriel, Taracua e Jauareté há internatos de meninos e meninas, como também hospitais e farmácias. O Natal de 1948 é solenizado em Jauareté com a inauguração da luz elétrica.

Em Santa Isabel e Pari-Cachoeira há escolas externas para ambos os sexos, com uma frequência global superior a mil, entre meninos e meninas.

Os salesianos tomam conta de estações meteorológicas e aerológicas em Barcelos, S. Gabriel, Taracua, Jauareté e em Pari-Cachoeira. Além das estações meteorológicas, o Governo confiou aos missionários salesianos as Agências postais de Taracua, Jauareté e Pari-Cachoeira, o que vem provar a grande simpatia e confiança que as altas autoridades da Nação têm nos beneméritos filhos de São João Bosco.

Nos centros principais das missões não faltam as oficinas de marcenaria, alfaiataria, mecânica rudimentar e o cultivo da lavoura. Mesmo os silvícolas mais afastados dos centros principais são visitados umas duas vezes cada ano e muitos povoados, mensalmente, pelos missionários. Só no rio Uaupés, afluente do Rio Negro, os salesianos fundaram mais de trinta povoações indígenas com as respectivas capelas.

COOPERADORES

Em Surubim, Pernambuco, no dia 27 de fevereiro de 1947, o Pe. Lourenço Gatti, Delegado Inspetorial, funda um centro de Cooperadores, contando com 13 membros.

JUAZEIRO - O SÍTIO SANTO ANTÔNIO

Esta área tinha sido doada pelo Pe. Cícero ao Estado, em 1931. O desejo do padre era que fosse construído ali um Patronato para menores.

Após cinco anos, se o prédio não fosse construído, a doação passaria para os Salesianos.

Em 10 de agosto de 1943 o Interventor Federal do Ceará, Dr. Francisco Meneses Pimentel passa o patronato dos menores aos religiosos de Dom Bosco. O prédio estava em ruínas.

Recuperou-se o que foi possível, contando com a ajuda principalmente dos irmãos da vizinha casa de Juazeiro, de modo que, a 26 de maio de 1946, se inaugurou a Escola Agrícola São José, para funcionar como Pré-aspirantado, aproveitando as vocações de uma terra delas tão fecunda.

A Escola, que dista 1 quilômetro de Juazeiro na estrada de ferro e de rodagem que leva ao Crato, deve funcionar em 1947, em regime de internato. Por esta altura, já conta com 30 aspirantes do Curso Primário.

Em 1948 funciona regularmente sob a direção do Pe. Tiago Avico, auxiliado pelo Coad. Guido Mora.

CINQUENTENÁRIO DE SÃO JOAQUIM

Tendo substituído o Pe. Colósio desde o início do ano, o Pe. Osias Teixeira Leite preparou com todo empenho as grandes comemorações do cinquentenário do Colégio São Joaquim, que se realizaram a 9 de novembro de 1947. Do Recife participou uma grande caravana organizada pelo Pe. Roque, da qual fazia parte também a banda de música do Colégio.

Veio das Missões participar das festas o venerando Pe. Luiz Pasquale, a quem muitos ex-alunos, agora homens feitos, beijavam a mão com os olhos rasos de lágrimas. Aqui o Diretor, aqui o Colégio e aqui o aluno, mas a adolescência...

SEMANA PAROQUIAL EM PIEDADE

O dinamismo do Pe. Campelo é impressionante. Depois de elevar o Colégio de Aracaju às alturas é nomeado diretor e vigário da paróquia da Piedade, em Fortaleza. Durante o seu directorado (1946-1950) o Pe. Campelo construiu quase todo o prédio das Escolas Profissionais Dom Bosco.

Em 1948 o Pe. Campelo engaja a Paróquia para celebrar com esplendor a Terceira Semana de Ação Paroquial, de 9 a 16 de agosto. Como preparação remota, realizam-se tríduos desde o dia 27 de julho na capela São Francisco, em Nova Esperança, no Campo de Aviação, São João do Tauape e na Igreja Matriz.

Em cada dia da semana havia na Igreja, missa festiva às 6 horas, pregação e bênção às 18 horas, oficiadas pelo Pe. Antônio Lourenço. Às 20

horas, no Salão de Atos, havia uma sessão solene, presidida por um membro do Clero, com desenvolvimento de dois temas.



D. Antonio Campelo de Aragão

No dia 15, domingo, o Pe. Aurino Caracciolo, Diretor do Ginásio Salesiano de Baturité oficiou a missa solene, pela manhã, e à noite, realizou-se a última sessão com a devida solenidade. Em conclusão, no dia 16, se fez a romaria matinal de todo o povo, notadamente as Associações Religiosas, convergindo das capelas para a matriz, onde foi celebrada missa às 5 horas da manhã. Encerrou a Semana uma grande concentração dos Centros de Catecismo e Cruzadas Eucarísticas das Paróquias, à tarde, na Igreja Matriz.

A capacidade de organização do Pe. Campelo merece campo mais amplo para atuar. As autoridades eclesásticas, que bem acompanham o seu desempenho, acham que é hora e, em 1950, a Santa Sé o promove à dignidade episcopal.

SAGRAÇÃO

A 13 de agosto de 1950 realiza-se em Fortaleza a sagração episcopal de S. Ex. Revma. D. Antonio Campelo de Aragão, nomeado pelo Santo Padre Bispo Titular de Sesta e Auxiliar de D. Aquino Correia, Arcebispo Metropolitano de Cuiabá.

O povo assistiu devotamente com visível emoção. Após a cerimônia de sagração foi inaugurada uma placa de bronze para perpetuar o nome de D. Antonio Campelo nas paredes da Escola que ele construíra, falando na ocasião o Dr. Jurandir Picanço.

CHEGA O PADRE VISENTIN

Sucedeu ao Pe. Campelo como Vigário da Paróquia da Piedade, no ano seguinte, o Pe. Angelo Visentin. Juntamente com o Pe. Orlando Servadio, terminou a construção das Escolas Profissionais iniciada pelo Pe. Campelo.

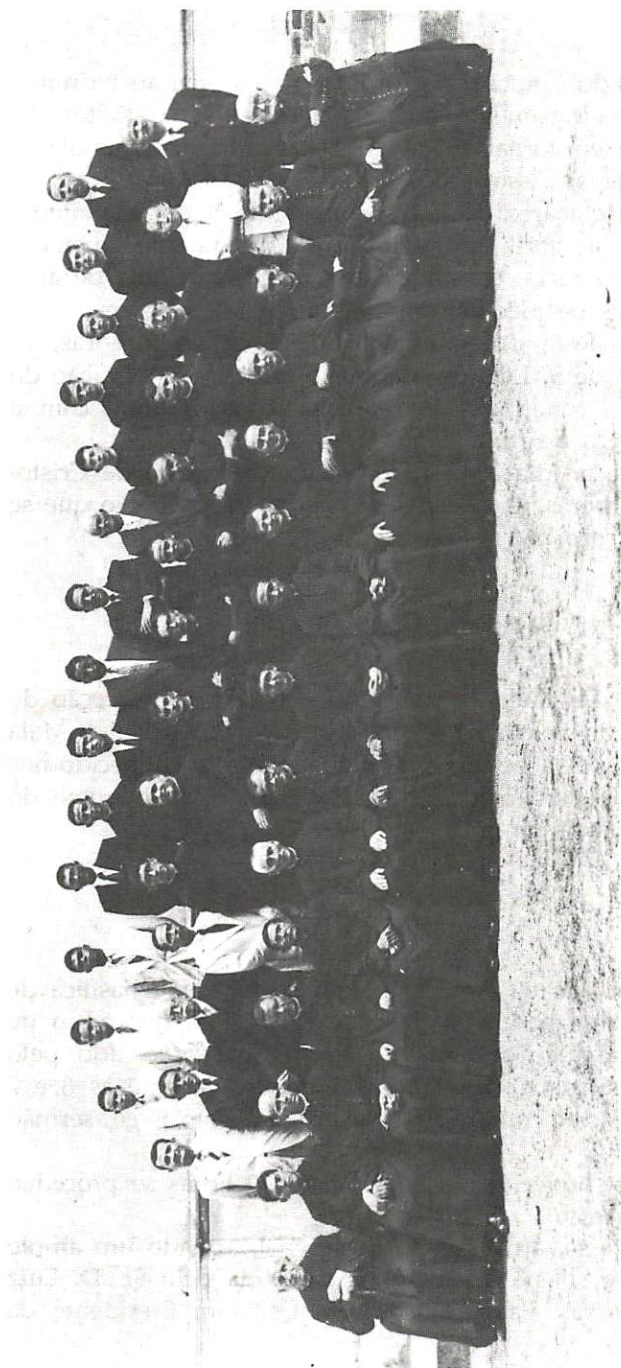
Em dezembro de 1950, a Paróquia toma a denominação de Paróquia da Piedade, que se mantém até os dias atuais.

Em 1953, a família Gentil Bezerra, encomendou especialmente na Espanha, uma réplica da Pietà, obra de Miguel Angelo que se encontra na Basílica de S. Pedro, em Roma, e a doou à Paróquia. É a imagem que atualmente está sobre o altar-mor da Matriz.

EX-ALUNOS

Em 1947, os ex-alunos de Aracaju prestam solene homenagem a São João Bosco. Houve o Tríduo preparatório e no dia 15 de agosto, além de outras comemorações, cantou-se Missa Solene e Mons. Carlos Costa, ex-aluno, fez o sermão tomando como tema: Dom Bosco, sagrado patrimônio dos Ex-alunos. Após a Missa houve reunião e eleição da nova diretoria.

Também na Bahia o dia é solenemente festejado com a tomada de posse da nova diretoria da União, seguida de almoço de confraternização. Desde 1945, a revista colegial *Ecos* publica um suplemento *O Ex-aluno* que desaparece depois do nº 7, de 1947. A festa se repete no ano seguinte.



1950 - Salesianos em retiro

1ª fila: Pe. Giorgi, Nestor, Aurino, Fabbri, Osias, Pinkowski, Astério, Ladislau, Bartolomeu, Belchior, Campelo, Gino, Pereira, Paulo Goes, Giacomelli.

2ª fila: Josias, Tosini, Batista, Sersen, Edvaldo, Roque, Valdir, Capra, Calasans, Ramos, Balbi, Prata, Ivo, Pautilo.

3ª fila: Marinho, Cesário, Luiz, Enoc, Messias, Benedito, J. Lima, Giuliani, Manoel, Paulo, Mata, Pereira, Cândido, Serra.

SANTUÁRIO

O Santuário do Sagrado Coração, no Recife, cuja construção terminou em 1944, precisa ainda de acabamento interno. Desde 1947, o Reitor Pe. Estélio Dalizón se desdobra em tornar a Casa de Deus cada vez mais digna, assim como em desenvolver as Associações Religiosas.

Dessa forma em 30 de março de 1947, se inaugura o serviço interno de alto-falantes, e no dia 4 de abril, sexta-feira santa, é feita solenemente a ereção canônica da nova Via Sacra, em alto relevo, verdadeira obra de arte, que desperta os sentimentos de piedade dos fiéis até os dias atuais.

No dia 15 de maio, festa da Ascensão do Senhor, às 7 horas, D. Adalberto Sobral, arcebispo de S. Luís do Maranhão, procede à sagração do altar de N. S. de Lourdes, concepção do salesiano Pe. Consolini, com a assistência de grande número de fiéis.

Algum tempo depois, no dia 29 de outubro de 1949, festa de Cristo-Rei e do Pe. Inspetor, às 8 horas, procedeu-se à bênção do Crucifixo que se venera ao lado direito do coro.

MUDANÇA NO RECIFE

O Pe. Natal Romano De Lugan é transferido em 1948 da direção do Colégio do Recife para o de Belém. É substituído pelo Pe. Belchior Maia d'Athayde. Orador emérito, poeta de rara sensibilidade, muito conhecido nos meios sociais e literários de Pernambuco, o Pe. Belchior eleva o nome do Colégio para um dos principais da cidade.

CONGRESSO MARIANO

O Congresso Mariano, no 80º aniversário da sagração da Basílica de Maria Auxiliadora, em Turim, desenvolveu-se de 8 a 12 de dezembro de 1948, promovido pela Família Salesiana do Recife. Foi precedido pelo novenário e Festa da Imaculada Conceição, contando diariamente às 6 e 7 horas com missa, com cânticos e comunhão, e às 19 horas com terço, sermão e bênção.

No dia 8, às 9 horas, houve Missa Solene e às 19 horas se procedeu à solene abertura do Congresso.

No recinto do Congresso, atual campo de futebol, armado um amplo estrado, teve lugar a sessão solene de abertura, presidida pelo Sr. D. Luiz Mousinho, Bispo de Cajazeiras. Falou o Dr. Luiz Delgado, Presidente da

Ação Católica Arquidiocesana e a Escola Industrial do Recife executou um seleto programa musical.

No dia 9 a missa foi celebrada pelo Sr. D. José de Medeiros Delgado, Bispo de Caicó, que também presidiu a sessão solene à noite, cuja programação musical esteve a cargo da banda de música da Base Aérea do Recife e do Orfeão do Santuário. Foram oradores na ocasião Da. Anita Paes Barreto, Dr. José Cavalcanti Sá Barreto e o Pe. Leonardo Donno.

A missa do dia 10 foi celebrada pelo Sr. D. Ricardo Vilela, que presidiu a sessão solene na qual oraram a Sta. Celina Didier, Prof. Adarico Negromonte e o Pe. Belchior. Os números musicais estiveram a cargo da Polícia Militar do Estado.

No dia 11 celebrou o Sr. Arcebispo Metropolitano D. Miguel de Lima Valverde que, também ele, presidiu a sessão solene à noite. Falaram a Sta. Maria de Lourdes Paes Barreto, Dr. Francisco Montenegro e o Pe. Francisco Fabbri. Tocou na ocasião a Orquestra Sinfônica Estudantil do Recife. Após a sessão, se fez a transladação da imagem de N. Sra. Auxiliadora do Santuário para a concatedral da Madre de Deus.

Finalmente, o dia 12 assistiu o encerramento do Congresso. Às 9 horas, teve lugar o Solene Pontifical celebrado pelo Sr. D. Ricardo Vilela, estando a cargo do conjunto musical da Igreja de Santa Cecília a parte coral, sob a regência do Maestro Isnar Silva. Às 15 horas, os devotos filhos de Maria levaram em triunfo da concatedral da Madre de Deus até o recinto do Congresso a imagem de Maria Auxiliadora, a Virgem de D. Bosco.

Foi uma verdadeira apoteose!

As ruas estavam literalmente entupidas de fiéis. Cerca de 6.000 pessoas rezavam e hosanavam em todo o trajeto. No recinto do Congresso o Pe. Belchior fez uma belíssima saudação à excelsa Auxiliadora do povo cristão.

O hino desse Congresso, letra e música de uma Filha de Maria Auxiliadora, permaneceu em voga até os dias atuais quando nas festas se entoia: *Salve, Rainha gloriosa, de toda a terra soberana!*

A todos os que se uniram ao organizador e Regulador Geral do Congresso, o Pe. Pedro Roque, a admiração dos que prosseguem na missão de divulgar as glórias dAquele que tudo fez.

ESCOLAS PROFISSIONAIS

A história das gestas salesianas no Norte e Nordeste do Brasil inclui desde a primeira página a preocupação dos filhos de D. Bosco para com o ensino profissional das classes desvalidas.

Já se anotou em 1942 o grande impulso das Escolas Profissionais do Recife. Mais tarde, o Pe. Belchior organizou melhor as Escolas, sendo tão

bom o ensino que foi no Salesiano que o SENAI iniciou suas atividades no Recife. Na Bahia, o Pe. Gino, retomando os planos do Pe. Della Valle, levantou a magnífica ala do Curso profissional onde se abrigam 150 aprendizes e conseguiu resultados animadores, chegando a superar qualitativamente suas irmãs de Niterói e Recife, mantendo uma média de 60 aprendizes. A fase áurea desse Curso Profissional deu-se entre 1948 e 1951, quando se modernizou sua maquinaria, o que impressionou vivamente o governo baiano. Através de um convênio com o Governo Estadual foram ampliadas as instalações e equipamentos de modo a atender a maior número de aprendizes, que chegaram a 191 dos quais a maioria, apanhada nas ruas de Salvador, não chegou ao final dos cursos.

É uma constatação que abre campo para uma discussão sobre as opções do atendimento aos meninos de rua, o que está fora de nosso campo e propósito.

CAMPANHA MISSIONÁRIA

Enquanto outros discutem, os salesianos trabalham. Desenvolvimento de uma Casa não se conta apenas pelo número de alunos, mas sobretudo pelo espírito salesiano reinante. O grande fervor missionário que animava os salesianos por essa época é tal que o espírito missionário se transmite aos alunos. Nem todos podem trabalhar nas Missões, mas todos podem trabalhar por elas. Desde 1943 e por 8 anos consecutivos o Colégio do Recife foi laureado com medalha de ouro, como campeão dos colégios masculinos de Pernambuco na Campanha Missionária. O diretor da Campanha, Pe. Antonio Lamego, jesuíta, vinha pessoalmente todos os anos conferir o prêmio.

INCÊNDIO NO COLÉGIO

Numa história centenária tem-se a registrar toda a sorte de eventos. Pois temos agora que nos defrontar com o incêndio nas oficinas em 25 de fevereiro de 1949.

Às quatro e meia da manhã, o Pe. Mário Balbi, ao descer para celebrar missa, percebe a marcenaria iluminada. Vai até lá e nota que é fogo. Chama os salesianos e os bombeiros. Os primeiros que entram na marcenaria se dirigem para o forno de cola que ainda está em perfeito estado. No entanto, alguém dos que primeiro chegaram, informa que percebeu o fogo se iniciando em dois lugares diversos, sem comunicação entre si: no depósito de compensados, cuja janela está arrombada, e na linha do teto que separa a seção dos bancos da seção de máquinas. Queimou-se toda a marcenaria e

mecânica, pois o fogo era no teto, o que impedia uma eficaz ação de salvamento. O fogo passou à sapataria e alfaiataria, onde os estragos foram muito menores.

Correu a voz de que tinha sido um atentado dos inimigos da Igreja. No entanto, é mais plausível admitir um curto circuito, mesmo porque um dos pontos iniciais, ou o ponto inicial, se localizava no teto, devendo-se atribuir o detalhe da janela arrombada à fantasia exaltada, ou engano, de quem o relata.

A imprensa divulgou o acontecimento, o que produziu um movimento de solidariedade para com os salesianos em face do ocorrido. Mas nem tudo é contratempo. Prejuízos materiais podem ser recuperados e o Colégio se afirma cada vez mais no concerto educacional do Recife.



O Pe. Lamego S. J. entrega o diploma de campeão dos Colégios masculinos na campanha missionária. Vê-se o Pe. Roque, Pe. Valdir e Prof. Joaquim Caldas.

CURSO COLEGIAL

A 6 de março de 1949 é reconhecido o Curso Colegial do até então Ginásio Salesiano do Sagrado Coração, dividido, segundo a legislação em vigor, em Curso Clássico e Curso Científico. Os cursos se iniciam com apenas o primeiro ano no turno da manhã, primeiro e segundo anos no turno da noite.

ANO SANTO

No fim do ano, o Sr. Dom Miguel Valverde confiou aos Salesianos a celebração da abertura do Ano Santo de 1950, o que veio a acontecer na noite de Natal, na praça do Derby, quando o Sr. Dom Ricardo Vilela celebrou a Missa da meia-noite, em presença de cerca de 18.000 fiéis, estando na primeira fila o Governador, Dr. Barbosa Lima Sobrinho, com outras autoridades e famílias. O Pe. Belchior comentou a função, exortando os fiéis à santificação do Ano Jubilar.

BEATIFICAÇÃO DE DOMINGOS SÁVIO

Por ocasião do Ano Santo de 1950 o Sistema Preventivo Salesiano recebeu o mais elevado galardão a que se poderia aspirar. Um aluno de D. Bosco, Domingos Sávio, foi beatificado. O que seja beatificação já sabe o nosso leitor, pois dela já falamos no Capítulo 10. (Se já não o sabia antes!) Agora somente acrescentamos que, como não podia deixar de ser, as festas retumbaram por todo o Orbe Salesiano.

No Recife, em 18 de maio, se procedeu à bênção da imagem de Domingos Sávio, seguindo-se uma procissão no interior do Colégio e o ingresso triunfal no Santuário, onde a imagem foi colocada na capela de São Luiz.

CONGRESSO DE PEDAGOGIA

Preparou-se com todo esmero, e no segundo semestre realizou-se, o Congresso de Pedagogia.

O Congresso pretende ser uma homenagem ao Bem-aventurado Domingos Sávio na comemoração das Bodas de Prata do dia do Ex-aluno. Desenvolveu-se nos dias 15 a 20 e 27 de agosto, sob a presidência executiva do Pe. Belchior e tendo como Secretário Geral o Pe. Pascoal Filippelli.

Iniciou-se no dia 15 de agosto com a alvorada pela Banda do Colégio. Houve missa festiva às 6 horas para os internos, às 7 horas para os Ex-alunos, e às 8 horas, missa cantada, seguida da tradicional disputa Alunos X Ex-alunos. Seguiu-se, ao meio-dia, o costumeiro ágape de confraternização dos ex-alunos.

A primeira sessão do Congresso teve lugar às 19 horas, falando o Prof. Adarico Negromonte, sobre o 25º aniversário da Associação dos Ex-alunos e mais o Dr. Oscar Mendes Guimarães e o Pe. José Grismondi, ainda sobre temas relativos aos ex-alunos.

No dia 16, 145º aniversário de D. Bosco, houve missa e beijo da relíquia pela manhã. À noite, houve a segunda sessão do Congresso, que consistiu numa alocução do Prof. Joaquim Caldas, canto de hinos e exibição de um filme sobre D. Bosco.

Na terceira sessão do Congresso, no dia 17, dedicado ao Santo Padre, falou o Prof. Lauro de Oliveira, ex-aluno, e o Pe. Arnaldo Cabral, Diretor Espiritual do Seminário de Olinda. No dia 18 houve apenas uma sessão teatral dedicada aos Cooperadores Salesianos.

No dia 19, se fez a homenagem externa e pública ao Bem-aventurado Domingos Sávio com missa campal à sombra dos sapotizeiros, às 8 horas, celebrada pelo Pe. Alcides Lana, Inspetor Salesiano da Inspetoria S. João Bosco, com grande concentração de alunos, oratórios festivos do Recife, Bongi, Jaboatão, e colégios da cidade. No fim da missa houve distribuição de guloseimas e de um livrinho sobre a vida de Domingos Sávio. À noite teve lugar a quarta sessão do Congresso. O Pe. Belchior discorreu sobre o Sistema Salesiano de Educação e o Dr. Luiz da Câmara Cascudo, cooperador salesiano, etnógrafo célebre, falou sobre o Sistema pedagógico salesiano, plasmador da santidade de Domingos Sávio. Os números de arte estiveram a cargo dos Ex-alunos.

No dia 20 de agosto, domingo, se fez a comemoração litúrgica do Bem-aventurado Domingos Sávio. Além das missas festivas, o Pe. Pascoal Filippelli celebrou sua primeira missa cantada e, à noite, houve a segunda conferência regulamentar dos Cooperadores Salesianos.

O Congresso estendeu-se ainda ao domingo seguinte, concluindo-se com a Festa de S. João Bosco. Comemorado com o Solene Pontifical do Sr. D. Antonio Campelo de Aragão, ao Evangelho fez o panegírico do santo o Pe. Manoel Barreto, Reitor do Seminário de Olinda. O Congresso encerrou-se com a solene procissão de D. Bosco e Domingos Sávio pelas ruas da cidade, ao recolher da qual falou o Pe. Belchior.

FERVOR DE NOVIÇOS

Também na Colônia de Jaboaão se realizou, com o fervor próprio das casas de formação, o Congresso de Domingos Sávio, cujo encerramento no dia 10 de setembro foi abrilhantado com a presença do Pe. Inspetor, recém-chegado de uma longa visita às Missões.

NO ORATÓRIO DE ARACAJU

Estamos em 1945, com o Pe. Manoel Alves animando o Oratório. Sempre cercado de meninos, o Pe. Manoel visita as casas (choupanas, para dizer com exatidão) dos oratorianos, contactando diretamente as famílias naquele vasto areal, fazendo um bem incalculável.

Em 1948 é substituído pelo Pe. Paulo Moneta que se sobressai pela organização. Com sua idade para lá de mediana, estava em plena atividade quando, certa manhã, passou da hora de levantar-se. O rapaz mandado para acordá-lo não pôde cumprir a ordem: ele estava morto.

O Oratório se cobre de dor e luto, mas também de esperança. Mais um salesiano dos primeiros tempos da Inspetoria voltou ao seio do Pai para interceder pelos que permanecem na arena.

Assim, em 1950 vai dirigir o Oratório o Pe. Adriano Tourinho. Organizou com muito carinho e a 17 de setembro celebrou-se a festa de Domingos Sávio.

O dia começou com a admissão dos novos sócios das Companhias de S. José, S. Luiz e Cruzada Eucarística Domingos Sávio. Seguiu-se a Missa e café para os cerca de 250 meninos, oferta das Cooperadoras. Um torneio de futebol rematou as comemorações da manhã. À tarde houve sessão magna, onde se realizou um concurso de calouros com prêmios em dinheiro para os melhores oradores. Logo depois foi dada a bênção do SSmo. começando às três horas a parte teatral, abrilhantada pela banda de música da Polícia.

AS COMPANHIAS

Mais de uma vez nesta história se falou nas Companhias. Pode ser conveniente explicar ao leitor moderno o que vem a ser esta entidade.

No contexto de uma Casa Salesiana, as companhias religiosas ocupam uma posição de primeiro plano, posição que lhes foi atribuída diretamente por D. Bosco, que foi o fundador ou inspirador delas.

As companhias são associações de caráter religioso-formativo, reservadas aos jovens das Casas Salesianas e se inserem na pedagogia salesiana como

parte vital do Sistema Preventivo, coeficiente indispensável para a aplicação plena e integral do próprio sistema. Segundo D. Bosco "tais associações se podem chamar chave da piedade, conservatório da moral, sustentáculo das vocações eclesiásticas e religiosas".

Com um crescendo de compromissos que os sócios se assumem espontaneamente, as companhias potenciam a eficácia formativa do ambiente. Temos a Companhia de S. Luiz de Gonzaga, para os menores, e do Santíssimo Sacramento para os mais crescidos, e a de S. José para os aprendizes. Os melhores alunos dessas companhias constituem o Pequeno Clero, cujos melhores elementos se reúnem na Companhia da Imaculada.

Com o advento de novas formas de pastoral, as Companhias foram substituídas por Grupos de Jovens, e outras organizações, que subsistem até os dias atuais.

ORATÓRIO DE JABOATÃO

No desenrolar dos retumbantes feitos dos grandes colégios não podemos perder de vista o pequenino Oratório de Jaboatão, que deixamos em 1945, com o recém-chegado Pe. Emílio Serafin. Sempre com o mesmo entusiasmo trabalha o Pe. Serafin no Oratório diário com escola primária: aos domingos e dias santos frequentam-no mais de 200 meninos, principalmente filhos de operários. Desenvolve-se bem organizada a Companhia de S. Luiz e o Pequeno Clero, com aula de canto e de cerimônias.

Após a visita de 1945, o Pe. Inspetor determinou que o novo sítio comprado em baixo, mais no centro da cidade e que tem os fundos do terreno confinante com o de cima, funcione com curso primário e ginásial de externos. Enquanto lá em cima, projetou-se erguer um prédio para o curso filosófico.

Em 1946 o Oratório dá um passo à frente pois o Pe. Carlos Pederzini passa a residir no Oratório, auxiliando o Pe. Serafin, o que possibilita a 16 de julho tomar posse, com nova fundação, do terreno à rua Barão de Lucena.

O Oratório já é uma instituição na cidade, de modo que é visitado por diversas pessoas gradas, cabendo destacar o Sr. D. Miguel Valverde e o Dr. Rodolfo Aureliano, Juiz de Menores, e pessoa de destaque na sociedade pernambucana. No dia 31 de janeiro de 1947 o Oratório de Jaboatão fez à congregação uma oferta possivelmente única: quatro de seus ex-alunos emitiram os primeiros votos.

Houve a seguir, já com o Inspetor Pe. Ladislau Paz, uma rápida sucessão de encarregados: em 1947, o Pe. João Colósio, terminado seu triênio de diretor em S. Joaquim, vem para Jaboatão, mas só fica um ano, sendo

substituído pelo Pe. Francisco Pinkowski, que também só se demora um ano, pois em 1949 volta para os seus queridos órfãos de S. Joaquim, deixando o lugar para o Pe. Aurino Caracciolo que, finalmente, permaneceu no posto por um período longo.

O Pe. Pinkowski substitui o Pe. Osias que é transferido para o directorado da Casa de Cajazeiras.

A VEZ DO BONGI

As Escolas Profissionais do Recife já não comportam maior desenvolvimento, embora as circunstâncias o estejam a exigir. Pensou-se então em outros locais, amplos, próprios e modernos para receber as atuais oficinas.

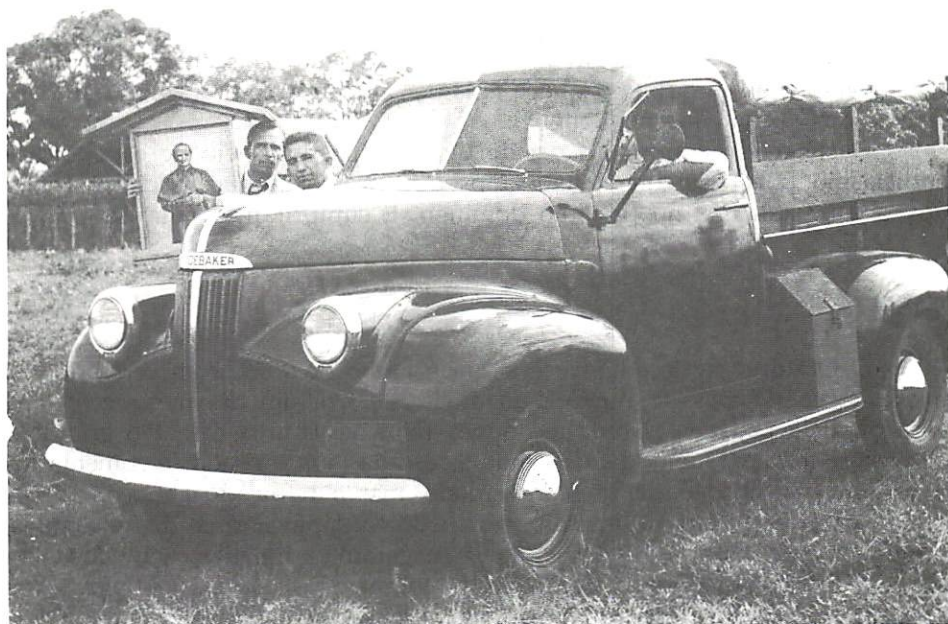
Paladino da idéia da casa própria para as Escolas Profissionais se fez o Coad. Pautilo Lira que, em junho de 1947 inicia seu trabalho, semente das Escolas Dom Bosco de Artes e Ofícios, no Bongi, subúrbio do Recife.

O Governo do Dr. Amauri Pedrosa doou o terreno e patrocinou as modernas e grandiosas plantas. O terreno mede quase seis hectares, num lugar excelente, futuro centro do Recife residencial, todo plano e otimamente localizado, passando importante avenida na frente e ao lado direito uma importante rua ligando vários bairros.

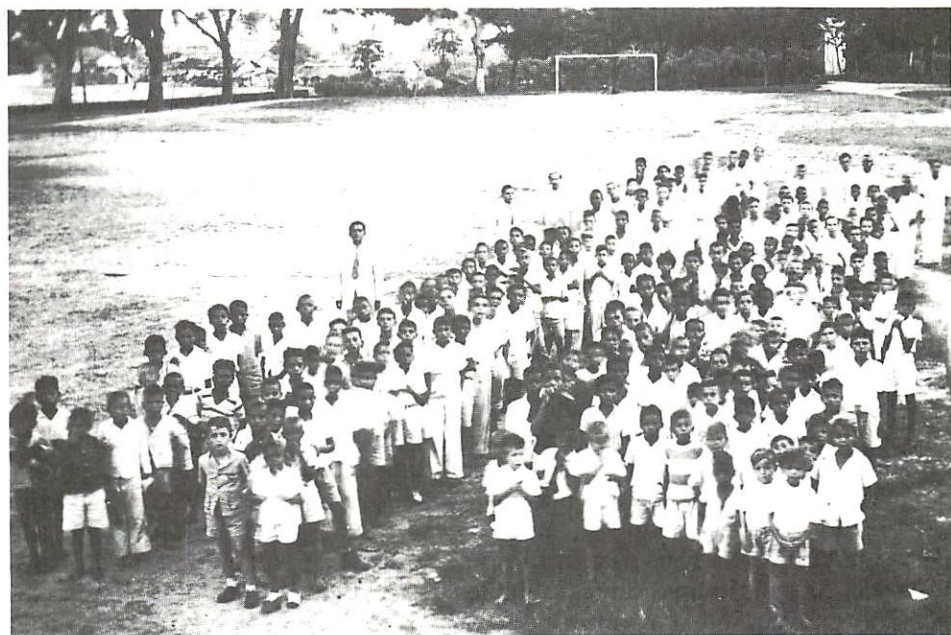
O instrumento da Providência para esta doação foi o Dr. Arlindo de Sá Cavalcanti, então diretor da Estação Experimental do Bongi. No Governo Barbosa Lima Sobrinho dificuldades criadas pela má fé colocaram em perigo a doação. O perigo foi suplantado pela intervenção prestimosa do Dr. Eudes de Souza Leão Pinto, grande figura de ex-aluno e cooperador salesiano.

COMEÇA O ORATÓRIO

No dia 9 de maio de 1948 iniciou-se o Oratório S. José, do Bongi. Como pássaros espantados, os primeiros alunos deste Oratório, alguns alunos do Colégio do Recife, se reuniram em frente da Igreja Matriz do Cordeiro em número de quinze. Subiram ao Coro da Matriz, ouviram a Santa Missa com sermão e embora um pouco inquietos pela novidade, contudo ficaram atentos ao que se dizia. Depois da Missa o Catequista dirigiu-lhes algumas palavras de explicação sobre o Oratório Festivo e como deviam se comportar. Rumanos, escreve o Coad. Pautilo, em direção ao Bongi, para o nosso terreno. Aí os meninos brincaram sobretudo de "fazer casas", como diziam, com tijolos que lá já se achavam para as construções. Às onze horas voltaram para o Cordeiro, tendo antes o Sr. Pautilo distribuído um santinho de Dom



A imagem de D. Bosco chega ao Bongi, levada pelos Coad. José Sersen e Conrado Lins e Cooperador (no carro) Braulio Duperron.



Oratorianos do Bongi vão a passeio no Colégio Sagrado Coração

Bosco e confeitos. Depois, cada um rumou para a própria casa. Às duas horas da tarde já se achavam novamente na frente da Matriz, onde o Sr. Pautilo ministrou-lhes uma pequena aula de catecismo, com orações, e depois, brinquedos e confeitos no Bongi.

Deste modo o primeiro dia do Oratório passou cheio de esperança e entusiasmo por parte dos interessados que prometeram convidar e trazer novos companheiros no próximo domingo. E cumpriram a palavra.

PASSEIO

O Oratório se desenvolve e a 29 de junho de 1949, com cerca de 250 meninos, vem a passeio no Colégio do Recife. Foi um dia inesquecível na vida daquela petizada pobre, que nunca tinha visto uma casa tão grande e divertia-se a valer, subindo e descendo as escadas, entre risadas e comentários de admiração. Perdão, se não for verdade, mas o reforçado almoço, e mais a merenda, superaram de muito o minguado cardápio normal dos visitantes, principalmente para os que se não se negaram a repetir o que lhes era servido. Como nos tempos de D. Bosco, foram e voltaram do Bongi à Boa Vista, a pé, mas repetiriam a visita tantas vezes, quantas fossem convidados.

A 31 de janeiro de 1950, com toda a solenidade o Sr. D. Miguel de Lima Valverde benzeu a primeira pedra desta que será uma das maiores, se não a maior Escola Profissional da Congregação. Pronunciou o discurso de ocasião o Governador Dr. Barbosa Lima Sobrinho.

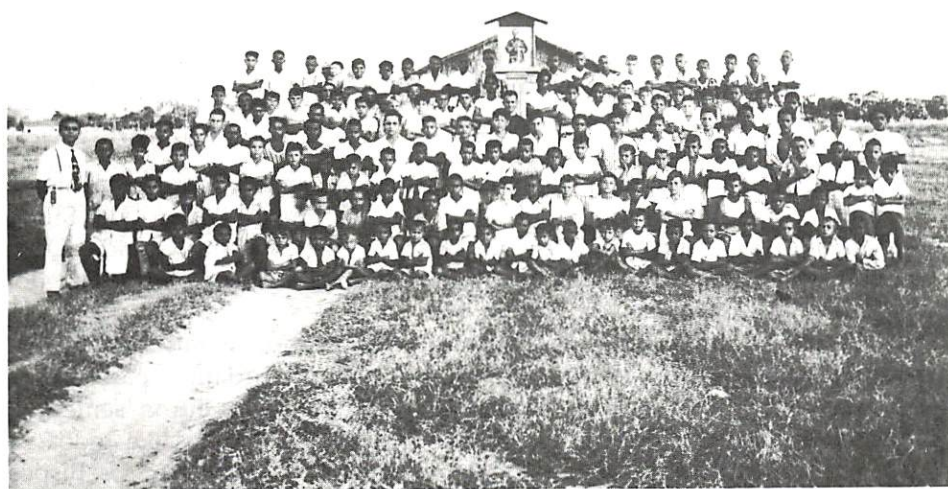
Por esta altura, no Oratório estão matriculados quase mil meninos com uma frequência de 280. Foram abertas também aulas primárias frequentadas por 130 alunos. Com o auxílio do Governo Federal as construções se levantam: um pavilhão moderno obedecendo ao plano geral, substituindo a antiga palhoça onde se iniciou a obra; o muro de cinta; um poço semi-artesiano que resolveu para sempre o problema da água potável. Enquanto a construção se erguia já funcionava o Oratório Festivo e uma Escola Primária educava a criança pobre daquele bairro.

A capacidade da escola uma vez concluída, assim projetam os idealizadores, é para 2.500 alunos entre internos (450); semi-internos (400); externos (300); Oratório Festivo (1300), divididos em 25 oficinas-escolas nas artes de vestuário, ferro, madeira, livro e construção.

A princípio, o Inspetor, preocupado com a construção do Aspirantado de Carpina, demonstrou bem pouco entusiasmo pela nova presença, porém, em vista do desenvolvimento que foi tomando a obra, em 1952 nomeia um encarregado na pessoa do Pe. Francisco Marcanti, substituído em 1954 pelo Pe. Lourenço Bertolusso. Este ficou no posto até 1956, quando assumiu o Pe. João Seu. Mas já ultrapassamos os limites deste capítulo e dos desdobramentos posteriores falaremos em outro.



Pe. Belchior abençoa a imagem de D. Bosco que toma posse do terreno.



O primitivo Oratório do Bongi

CINQUENTENÁRIO DO LICEU

Em fevereiro de 1949 o Pe. Gino Compagnin, "após seis anos de fecundo directorado" é destinado para o Colégio de Baturité, sendo substituído pelo Pe. Francisco Fabbri, de longa data missionário no Rio Negro.

O directorado do Pe. Fabbri (1949-1955) foi muito eficiente, tendo se distinguido de modo especial pelo desenvolvimento das Escolas Profissionais e da banda de música, sob a regência do Coad. João Benício.

O ano de 1949, no Liceu Salesiano do Salvador, se passa sob a égide do cinquentenário.

A 15 de agosto, no Santuário, foi bento o novo altar de Santa Terezinha. O artístico altar é todo de mármore e foi construído pelos devotos da grande santa de Lisieux.

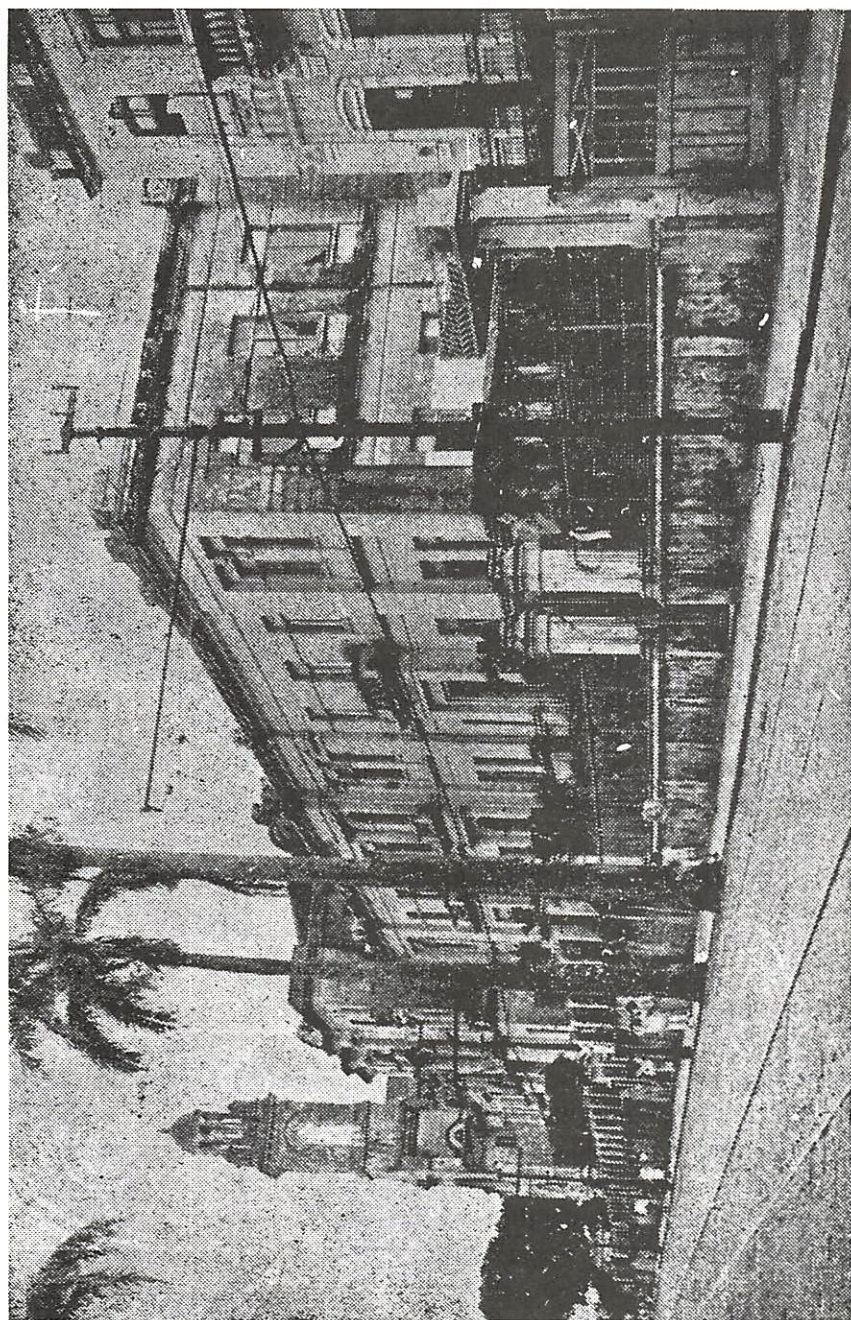
Neste mesmo dia se fez a inauguração, na frente do Liceu, de uma lápide comemorativa da chegada dos salesianos à Bahia, como homenagem que os antigos alunos quiseram prestar a seus mestres. Usou da palavra na ocasião, o Sr. José Tourinho, presidente eleito da União dos Ex-alunos da Bahia, e descobriu a lápide na qual se acham esculpidas as palavras:

Aos educadores salesianos,
no cinquentenário de sua chegada
à Cidade do Salvador,
pelos inestimáveis benefícios
prestados à Bahia.
Os ex-alunos agradecidos.
1899-1949.

A 1^o de novembro, como ponto culminante das comemorações do cinquentenário da chegada dos salesianos à Bahia, é feita a sagração do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora.

Às seis e meia, ao canto do "Ecce Sacerdos Magnus", entra solenemente no Santuário o Sr. Arcebispo Primaz, Dom Augusto Alvaro da Silva, acompanhado dos Bispos D. Anselmo Pietrulla, de Campina Grande; Dom Orlando Chaves, de Corumbá, Dom Felício da Cunha Vasconcelos, de Penedo; Dom José Alves Trindade, de Bonfim.

Procede-se imediatamente à sagração dos altares laterais. É solene o momento. Muitos estão comovidos. Uns certamente recordam o passado, os anos árduos de lutas para a construção do Santuário. Outros sentem a grandiosidade do ato litúrgico. E depois sucedem-se as Missas em todos os altares. O Primaz celebrou a Missa da comunidade no altar mor. Os Bispos e Sacerdotes nos oito altares laterais. É grande o fervor. A comunhão



Bahia - Fachada principal do Liceu ao lado do magestoso Santuário da Virgem Auxiliadora

numerosíssima. Tudo terminado... E ainda o venerando Prelado de Gurguéia, D. Inocêncio Lopes de Santa Maria, estuante de amor à Virgem Auxiliadora, por entre a edificação geral, chega ao Santuário para celebrar no altar da Auxiliadora dos Cristãos.

Pelos amplos pórticos do Liceu, os alunos em ala ovacionam os Prelados Sagrantes, que abençoam radiantes os alunos de S. João Bosco. Mais tarde, às 10 horas, celebrou-se Missa Solene com Assistência Pontifical do Sr. D. Augusto Alvaro da Silva. Foi celebrante o grande devoto de N. S. Auxiliadora, Mons. Aníbal Mata, pró-vigário da Arquidiocese da Bahia. Fez a oração gratulatória o Pe. Davino Ferreira.

Várias comemorações engalanaram o dia.

Como complemento aos sentimentos de gratidão de todos os corações, às 8 horas do dia 2 de novembro, foi celebrada solene Missa de Réquiem por todos os Salesianos, Devotos de N. S. Auxiliadora e Cooperadores falecidos nestes cinquenta anos.

DESFILE

No dia 19 de novembro, o Liceu desfila pelas ruas da cidade com destino ao Palácio do Governo, a fim de prestar homenagem às autoridades constituídas. Pelas 17 horas entravam os alunos no Paço da Aclamação onde foram recebidos pelo Governador Interino, Dr. Carlos Valadares, pelo General Juarez Távora, comandante da 6ª Região Militar e pelo Comandante do 2º Distrito Naval.

Um aluno saudou as autoridades e o Sr. Governador agradeceu a homenagem.

COOPERADORES

Está em franca reorganização a Pia União dos Cooperadores Salesianos. Em maio de 1950 houve a primeira reunião presidida pelo Pe. Francisco Fabbri, e em outubro a segunda. As duas reuniões de 1951 tiveram lugar em 29 de agosto e 2 de novembro. Na primeira, o Prof. João José do Nascimento Junqueira falou sobre o que significa ser Cooperador Salesiano. A segunda teve como conferencista Mons. Paiva Marques. As sessões foram abrilhantadas pela Banda dos alunos do Liceu.

PEREGRINAÇÃO MARIANA

O Pe. Agostinho Caballero Martin, programa e realiza, em 1950, a grande Peregrinação Mariana por todo o Brasil salesiano, conduzindo a imagem da Auxiliadora abençoada por D. Bosco em 1885 e trazida para o Brasil pelos primeiros missionários. Esta histórica imagem permaneceu em Niterói até 1921, daí partindo com um grupo de salesianos que foi missionar as populações do Rio Negro.

Ocorrendo em 1950 o cinquentenário do monumento a N. S. Auxiliadora erguido em Niterói pelo Pe. Luiz Zanchetta, por iniciativa do Sr. D. João da Matha, promoveu-se a vinda da gloriosa imagem para presidir o Congresso Mariano que se realizou nesta cidade.

A imagem partiu de Manaus em agosto de 1950 só retornando a 26 de maio de 1951. Chegou ao Recife a 16 de setembro de onde seguiu para a Bahia. Vamos omitir pormenores da peregrinação da Virgem por outros rincões.

A venerada imagem de N. S. Auxiliadora, a Virgem Peregrina, depois de ter percorrido 67 cidades, recebeu a consagração definitiva com a Coroação Pontifícia por ocasião do 2º Congresso Eucarístico Regional, em Manaus, em 1952.

MUDANÇAS

Em 1950 o Pe. Celestino Barros vai dirigir a Escola Agrícola de Ananindeua, e o Pe. Marcanti o Seminário de Belém. O Pe. Gatti substitui o Pe. Galli em Juazeiro. O Pe. Pereira Neto vai para Manaus. Nas Missões, o Pe. Antonio Peixoto, desvinculado de outros encargos, é indicado Secretário e Vigário Geral de D. João Batista Costa, em Porto Velho.

CAPÍTULO XVIII

ANOS DE PAZ

1951 - 1954

NOTÍCIAS DO RECIFE

No Recife, suspenso desde 1938, em 1951 volta a circular "*O Colegial*", sob a alta direção do Pe. Belchior Maia e redação do Pe. Pascoal Filippelli.

O primeiro número traz a relação do pessoal do Colégio. Uma beleza de 36 salesianos: 15 padres, 6 clérigos e 15 coadjutores. Ao mesmo tempo são 32 professores externos. O número de alunos é 1200. Uma proporção de 3 salesianos para cada 100 alunos. Com o tempo essa proporção decresceu assustadoramente!

E como a pedagogia vivia seus tempos áureos, conforme relembra, sem muitas saudades, o então assistente dos aprendizes, Coad. Manuel Marinho Falcão, *O Colegial* traz a notícia da fundação e estatutos da Ação Salesiana Domingos Sávio, com vários departamentos, cada um com sua diretoria e detalhes de atuação, mas de vida tão efêmera que jamais se volta a falar dela.

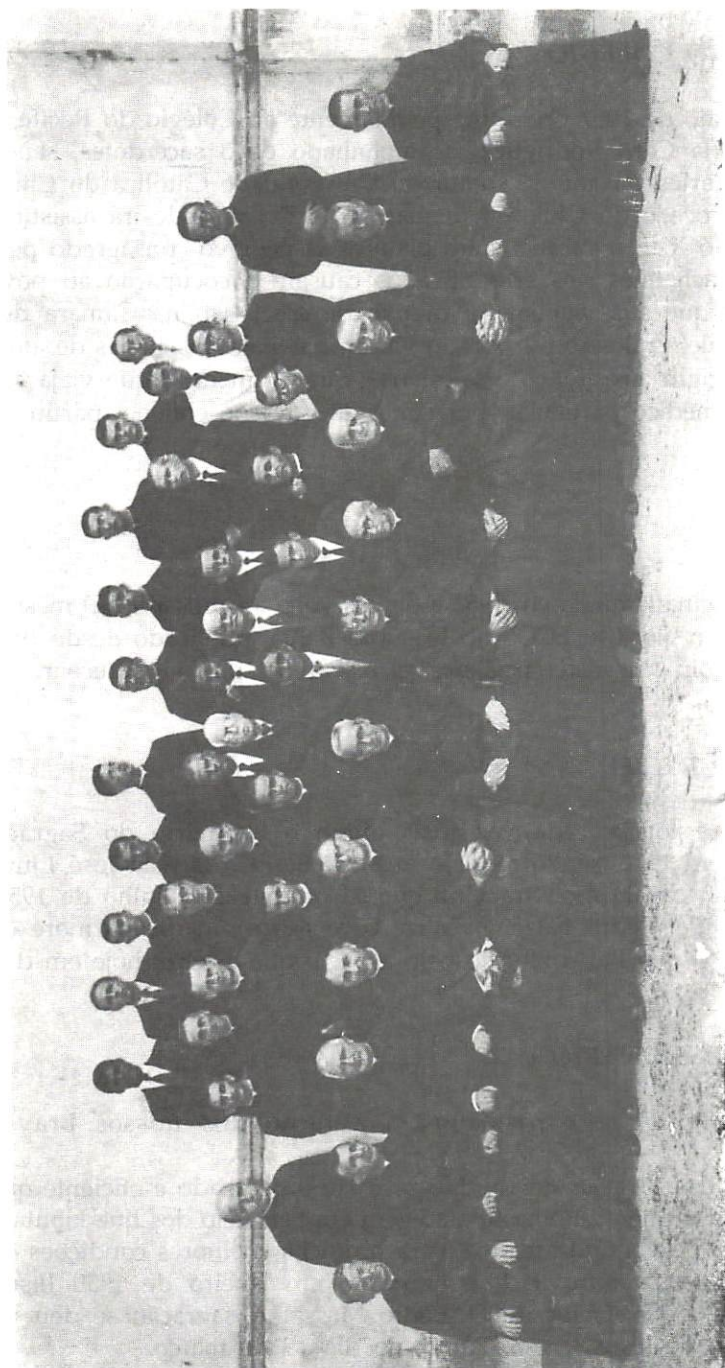
HÓSPEDES ILUSTRES

Pelo noticiário se fica sabendo que Mons. Cardijn (posteriormente Cardeal) o fundador da Juventude Operária Católica, se hospedou no Colégio e antes de partir fez uma alocução em francês aos alunos, traduzida imediatamente pelo Pe. Belchior.

Pouco depois, a 15 de abril de 1951, hospedou-se também o Frei Romeu Dale, assistente eclesiástico da Juventude Universitária Católica.

No dia 24 do mesmo mês, o carmelita Frei Pio, que acompanhou a imagem de N. S. do Carmo na peregrinação aérea pelo Brasil, faz uma palestra pela manhã, aos externos, e à noite aos alunos do Curso Noturno, relatando as maravilhas realizadas nesta peregrinação pela Virgem Santíssima.

Em tempos de meios de transporte e comunicação bem pouco desenvolvidos era normal que as Casas Salesianas hospedassem religiosos viajantes, o que fortalecia os laços de fraternidade. Em geral, os hóspedes ficavam edificadas com o andamento do Colégio, e se tornavam divulgadores do sistema educativo salesiano.



Salesianos em retiro

Sentados: Pes. Griglio, Celestino, Compagnin, De Lujan, Visentin, Ladislau, Belchior, Viet, Gatti, Pinkowski, Fabbri, Domitrovič.
 1ª fila: Pes. Bicker, Valdir, Marcaniti, Serra, Pederzini, Aurino. Coads. Mário, Batista, Sebastião, Manoel José, Francisco Gomes, Sersen,
 Almeida, Pe. Prata e Arnold.

Em pé (antes da 1ª fila): Luiz Guerra, Pe. Calasans, Sr. Bruno, Sr. Marinho, Pe. Pereira, Farias.

Última fila: Sr. Luiz, Sr. Serra, Cl. Bertoldero, Dantas, J. Bosco, Pe. Davino, Osvaldo, Cl. Geraldo, Cl. Luiz Silveira, Sr. Ivo.

UM CARDEAL NO COLÉGIO

A 29 de maio de 1951 chega inesperadamente ao Colégio do Recife, o Cardeal José Maria Caro Rodriguez, acompanhado de 3 sacerdotes, sendo um deles o Pe. Carlos Casanueva, reitor da Universidade Católica do Chile. Sua Eminência procede do Chile em demanda de Roma onde irá assistir à Beatificação de Pio X. É o cardeal Caro o único bispo vivo consagrado pelo papa Pio X. Os achaques dos seus 85 anos causam preocupação ao povo chileno, de sorte que sua viagem foi motivo de discussão na Câmara dos Deputados do Chile. O ilustre purpurado vibrou nas palavras cheias de afeto e piedade que dirigiu aos alunos e salesianos. Sua Eminência, que viaja aos cuidados de um médico particular, por conta do governo chileno, partiu no dia seguinte.

ECLIPSES

O *Colegial* circula ainda em 1952 e depois volta a eclipsar-se. O mesmo já acontecera com o glorioso ECOS do Liceu da Bahia, publicado desde 1922 e que em 1950, com a transferência do Pe. Nazareno, deixou de ecoar.

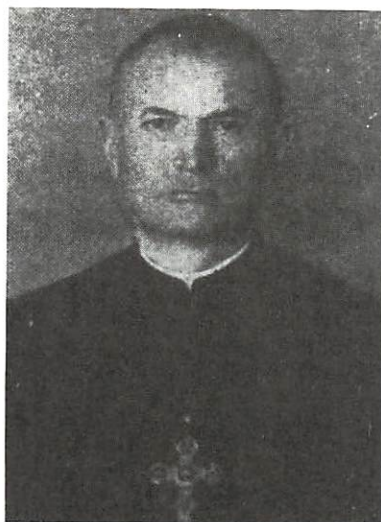
SANTUÁRIO DO RECIFE

Necessário é tornar cada vez mais digno o Santuário do Sagrado Coração. Assim, em 1952, sendo reitor o Pe. José Serra, o artista José Lima, inicia a pintura da capela mor, trabalho que se prolonga até julho de 1953. Em 1956 o reitor Pe. Pedro Falcone realiza o revestimento de mármore de todo o Santuário, o que lhe confere o belo aspecto que ostenta hoje em dia.

NOVO BISPO MISSIONÁRIO

Façamos alguns registros sobre a atuação dos nossos bravos missionários.

O trabalho das Missões do Rio Negro é tão organizado e eficiente que chama a atenção dos que de Roma se afadigam em benefício dos que labutam na linha de frente pelo mundo inteiro. Para propiciar melhores condições de trabalho, o Pe. José Domitrovitsch é nomeado em janeiro de 1950 Bispo Titular de Podália e Coadjutor de D. Pedro Massa. A sagração se deu no Santuário Coração de Jesus, em S. Paulo, no dia 19 de março.



D. José Domitrovitsch

PELAS MISSÕES

Desde 1948 é diretor do Colégio Dom Bosco e Vigário Geral da Prelazia de Porto Velho o inabalável Pe. Luiz Venzón, missionário de muitos anos de experiência. Após o sexênio regulamentar passa a direção do Colégio ao Pe. Angelo Spadari, em 1952.

Em Barcelos, a ação se desenvolve sob a direção do Pe. João Seu, de 1948 a 1953, quando é substituído pelo Pe. Estêvão Domitrovitsch. Em Juareté, os Pes. Ezequiel Lopes e Luiz Pasinelli labutam na catequese dos índios daqueles rios.

Em 1951 inicia-se a residência missionária de Assunção de Içana, nas margens do rio Içana, em bela posição, com lisonjeiras perspectivas para o futuro. Fala-se o guarani, comum em várias regiões da América Latina. A população tem contacto com a vizinha Colômbia e também com a Venezuela e portanto mostra-se mais adiantada que as outras tribos indígenas. É um trabalho de desbravador o do Pe. José Schneider, que atende também à casa de Uaupés. A situação só veio a se estabilizar em 1953 quando o Pe. Antônio Gois foi designado para Juareté, liberando o Pe. Pasinelli que se dedica somente à Casa de Uaupés. A extensão de tais missões através de centenas de quilômetros de rios e matas, deve atenuar o **somente** da linha anterior.

Lemos num relato do Inspetor Pe. Ladislau Paz: "Um grande progresso nas Missões é o estado de saúde dos irmãos. Todos, graças ao aralém, à metoquina e à comoquina, estão fortes e livres da terrível malária que antes

fazia tantas vítimas". Que sejam abençoados médicos e cientistas que, sem sair de seus laboratórios, colaboraram de modo tão eficiente com o apostolado missionário, tornando-se missionários também.



Porto Velho - Colégio D. Bosco

A INTOLERANTE

Por essa época a Missão é seriamente perturbada pela ação de uma certa Miss Sofia, protestante, solteira, vinda da América, idealista até à renúncia de si mesma.

Vivendo uma vida de asceta, traduziu a Bíblia para a língua dos índios dessa região e se lançou a um trabalho árduo, digno de melhor causa. Visitava choupana por choupana, passava horas ensinando os índios a ler a Bíblia, conquistando-os com seu sorriso insinuante. Ao lado de outras qualidades, Miss Sofia era intolerante. Incentivou os índios a queimar as capelas e destruir as imagens.

Os missionários tiveram que se movimentar, reivindicando o direito de dispor das imagens e capelas como propriedade particular. O delegado interveio e Miss Sofia foi presa.

Só então os índios compreenderam o logro em que tinham caído. Miss Sofia ensinava: "O fim do mundo está próximo! Portanto não se trabalhe e não se plante; cantemos e oremos porque Senhor Jesus já vem".

E veio realmente o fim... das plantações. Com o último canto secou a

última raiz de mandioca. E a Missão que recebia farinha da região, teve que importar do longínquo Pará a um preço dez vezes superior.

Há males que vêm para bem. Os índios se convenceram da boa vontade dos missionários e se tornaram cada vez mais dóceis à voz do bom pastor, sempre pronto a dar a vida pelas suas ovelhas.

SERVIÇO AÉREO

Em 1953, em Parí-Cachoeira está se terminando a construção de dois novos campos de aviação. Integram esses a série de seis aeroportos localizados perto das seis principais residências missionárias.

Não havendo auxílio mecanizado, o trabalho custa longos anos de fadiga, principalmente dos índios já crescidos. O serviço aéreo facilita o intercâmbio da correspondência e as viagens. Em poucas horas cobrem-se dois mil e mais quilômetros do majestoso rio. A navegação fluvial para Manaus emprega cerca de um mês entre ida e volta.

É neste período que um dos missionários do Rio Negro, o Pe. Antônio Góis, depois de perigosas tentativas de outros brancos, das quais resultaram cenas de sangue e morte, estabeleceu os primeiros contactos com uma nova tribo, os Caoboris. Mostram-se dóceis e desejosos da obra dos missionários. O Pe. Góis procura aprender a língua deles e por ocasião da visita do Pe. João Resende trouxe dois destes índios para apresentá-los ao Visitador.

Em 1955 há uma redistribuição das responsabilidades das Missões. Enquanto a Prelazia do Rio Negro continua atendida pela Inspetoria São Luiz Gonzaga, o pessoal da Missão de Porto Velho passa a depender da Inspetoria S. João Bosco, com sede no Rio de Janeiro (depois transferida para Belo Horizonte).

CAPÍTULO INSPETORIAL

Em 25 de novembro de 1951 faleceu o Pe. Pedro Ricaldone, depois de um longo reitorado de 20 anos. A inteligência organizativa e brilhante, suas monumentais Cartas, a disciplina religiosa bem codificada, fizeram solidificar a Congregação cuja expansão era impressionante.

É convocado o Capítulo Geral e, em consequência, o Capítulo Inspetorial que se reuniu no Colégio do Recife, de 24 a 26 de fevereiro de 1952, com a presença de vinte e nove capitulares. Foi eleito Delegado ao Capítulo Geral o Pe. Belchior Maia d'Athayde.

Nas sessões que se sucedem tratou-se dos temas:

- 1 - Escolas Agrícolas e Profissionais;
- 2 - Missões e missionários;
- 3 - Casas de formação.

Foi um Capítulo bastante rápido.

Encerrado o Capítulo a 26 de fevereiro, vão todos a Carpina para a bênção e lançamento da primeira pedra do Aspirantado, em terreno doado pela família Petribu.

CARPINA - AS ORIGENS

Desde alguns anos vem sendo estudado o problema da construção de um Aspirantado, que deveria se situar em lugar saudável e não muito afastado do centro da Inspetoria. A cidade de Carpina, distante apenas 60 quilômetros do Recife, num planalto muito apreciado pela amenidade do clima parecia ideal.

Um benemérito cooperador salesiano e presidente da União dos ex-alunos do Recife, o Sr. João Petribu, industrial e proprietário de Carpina, ofereceu um grande terreno, quase no centro da cidade. A oferta não poderia ser melhor nem mais generosa.

Fez-se logo a planta, com todas as exigências dos melhores modelos para Aspirantado. Como faltavam recursos para a construção, a Divina Providência se encarregou de arranjá-los.

Uma rica senhora, pouco antes de morrer, lá pelos anos 20, legara aos salesianos um terreno em Boa Viagem, um bairro de praia do Recife. Justamente agora, a escritura desta doação aparece imprevistamente. Loteado e vendido, o terreno concorreu para o custeio das construções.

No dia 12 de setembro de 1951 iniciaram-se as obras.

O INÍCIO

Presentes o Prefeito da Cidade, o deputado estadual Sérgio Murilo, pessoas gradas do Recife e do local, vários padres jesuítas, cooperadores, ex-alunos e amigos dos Filhos de Dom Bosco, procedeu-se à cerimônia. Após a bênção ritual da pedra pelo Pe. Petronilo Pedrosa, Pró-Vigário de Carpina em nome do Sr. Bispo Diocesano, falou o Pe. Belchior Maia ressaltando, entre outros pontos, os estreitos laços de amizade que tem ligado os salesianos a Carpina e de modo especial à ilustríssima família Petribu.

Falou em seguida, com grande comoção o Sr. João Petribu, dando as boas-vindas aos salesianos. Em seu discurso externou toda a felicidade de

“concretizar o tão desejado sonho de nosso pai querido, qual o de um educandário salesiano em nossa cidade”, doando “um pedacinho de terra de beira de estrada”.

Bem. O pedacinho de terra não é tão pequeno assim. Maior ainda foi o coração do doador que fez a doação “pensando na juventude, principalmente nas humildes criancinhas que pululam nas ruas do Carpina”.

Nestes dias em que o problema do menor abandonado angustia toda a sociedade, não é de admirar a providência do Sr. João (e família) Petribu?

Continua encarregado dos trabalhos o Pe. Joaquim Falcão, mais tarde substituído pelo Pe. Bartolomeu Arnold, auxiliado pelo Coad. Mario Nascimento.

O Instituto Salesiano Pe. Rinaldi se projeta para aspirantado, Igreja pública e o indefectível Oratório Festivo.

Enquanto prossegue a construção em Carpina, respiguemos algumas notícias pela Inspetoria.

SEMINÁRIO DE BELÉM

O Pe. Viet dirigiu o Seminário de Belém em 1948 e 1949 passando a direção em 1950 ao Pe. Francisco Marcanti, cujo directorado durou apenas um ano. Em 1951, a falta de pessoal obriga os salesianos a se retirarem dessa frente.

COLÉGIO DO CARMO

O Pe. Natal De Lugan, diretor (1948-1953) do Colégio do Carmo teve a idéia de um Congresso Eucarístico das Companhias em adesão ao 6º. Congresso Eucarístico Nacional. O Colégio viveu dias de fervor, com as cerimônias que se desenrolaram de 13 a 16 de novembro de 1952. O Congresso contou com a participação inclusive do Arcebispo Metropolitano, D. Mário Vilas-Boas, e telegrama de adesão do Nuncio Apostólico.

No próprio Congresso Eucarístico Nacional os salesianos conquistaram muitas simpatias com uma nota singular: apresentaram sete indiazinhas civilizadas, da Missão do Rio Negro. Elas não só tomaram parte no coro falado mas, no encerramento, cantaram em seu dialeto e em português, recebendo muitos aplausos.

CASAS DE FORMAÇÃO

A vocação à vida religiosa supõe um complexo de qualidades de que não são muitos os dotados. Observar, orientar, selecionar os possíveis candidatos supõe uma prudência que nem sempre se coaduna com o interesse em exhibir estatísticas triunfais.

Como consolo pode-se argumentar com o “provai de tudo” de São Paulo. Se não fosse a “pesca” incansável do Pe. Gumercindo e do Coad. Batista, talvez muitas vocações nem tivessem desabrochado.

No final de 1946 se passam no Aspirantado alguns fatos não de todo edificantes. O Inspetor reagiu prontamente nomeando catequista do Aspirantado o Pe. Carlos Galli, que saneou o ambiente passando o cargo no ano seguinte, 1948, ao Pe. Miguel D’Aversa. Oficialmente o Pe. D’Aversa tem o título de catequista; na prática, porém, atua quase como diretor. Orienta tão bem o Aspirantado que em 1951 é feito Diretor e Mestre de Noviços em Jaboaão, no lugar do Pe. Visentin, que é transferido para Fortaleza, como Diretor e Pároco.

Neste mesmo ano e até 1953, o Pe. Estevão Domitrovitsch substitui o Pe. Bernardo Bicker como Diretor do Instituto Filosófico de Natal, deixando o lugar de diretor do Seminário de Manaus para o Pe. Ermano Schilp.

O Pe. Luiz Prata é nomeado catequista dos aspirantes, no lugar do Pe. D’Aversa. Possuidor de grandes dotes musicais, animador do teatro, do recreio e dos estudos, o Pe. Luiz Prata fez o Aspirantado viver dias de plácida alegria e são espírito de família, até 1957, quando o Aspirantado foi transferido para Carpina.

INAUGURAÇÃO DO NOVICIADO

Pronto o Santuário de Jaboaão, em 1915, nasceu o pensamento de construir ao lado uma casa. Passaram-se vários anos, até que em 1949, coube ao Pe. Angelo Visentin dar início ao empreendimento.

O Sr. D. Pedro Massa conseguiu do Governo Federal uma subvenção extraordinária, tornando possível então, a 25 de setembro de 1949, abrindo o ano jubilar da Colônia, realizar a cerimônia do lançamento da primeira pedra.

Meio século pode parecer muito tempo. Transforma-se em um piscar de olhos quando em retrospectiva se considera o desenvolvimento e realização de certas idéias.

Os trabalhos se desenvolveram celeremente e em 31 de janeiro de 1953 procedeu-se à bênção e inauguração da nova Casa de Noviciado. A cerimônia,

presidida pelo Pe. Ladislau Paz, contou com a presença de muitos salesianos, formandos e cooperadores.

O edifício amplo e confortável, que consta de 3 andares e mede 40 metros de largura por 15 de frente, foi projetado para abrigar nos seus três pavimentos, uma centena de noviços. Edificado ao lado do Santuário de N. Sra. Auxiliadora, o belo prédio veio realizar o antigo anseio dos veteranos da Inspetoria que sempre imaginaram a construção de uma casa salesiana ao lado da veneranda basílica que o Pe. Vélлар edificou em honra da Virgem de D. Bosco.



Jaboatão - Escadaria e novo prédio do Noviciado

NATAL

Sob a presidência efetiva do Pe. Luiz Santiago, de 13 a 15 de maio de 1953, realiza-se o solene congresso litúrgico-mariano em adesão ao Congresso Eucarístico Nacional de Belém e outras ocorrências. Foi precedido de intensa preparação pela imprensa escrita e falada.

A 26 de abril a bela imagem de N. S. Auxiliadora deixava o Colégio para ir peregrinando, de paróquia em paróquia, a levar por toda parte um convite de engajamento no Congresso.

A 13 de maio realizou-se a primeira das sessões plenárias em que se ouviram diversos oradores. O local das comemorações, que se compunha do pórtico e do pátio, estava sempre repleto pela multidão que acorria aos

festejos. Salientamos a presença do Governador do Estado, Dr. José Augusto Varela, do Prefeito de Natal, Comandantes da Base Naval, do Exército e da Polícia, do representante do Sr. Arcebispo, Mons. Vilar, dos comendadores Dr. Câmara Cascudo e Dr. Otto de Brito Guerra.

Os vários dias do congresso estiveram cheios de realizações como: Assembléia geral das Companhias Religiosas, transmissões radiofônicas e práticas religiosas. Permaneceu sempre aberta ao público uma interessante exposição didática com as seções de Liturgia, Mariologia, Catequética, Leituras Católicas, Publicações Salesianas e Missões.

No dia 17, o Sr. Dom Marcolino Dantas celebrou a Missa Campal, pregando ao Evangelho e distribuindo a primeira comunhão a uma grande coroa de crianças. Com a procissão à tarde, em que desfilaram todos os colégios públicos e particulares, associações religiosas e grande massa de fiéis, encerrou-se o primeiro Congresso Eucarístico-Mariano de Natal.

Em seguida, o Bispo Auxiliar, D. Eugênio Sales, consagrou os jovens à Imaculada Conceição e proclamou São Domingos Sávio padroeiro da juventude de Natal.

VISITADOR EXTRAORDINÁRIO

Em 1º de agosto de 1952 a Assembléia Geral dos Salesianos (Capítulo Geral) elegeu como Reitor Mor e 5º Sucessor de D. Bosco, o Revmo. Sr. Pe. Renato Ziggotti.

O Reitor Mor promete visitar o Brasil no menor espaço de tempo possível. Mas, enquanto resolve outros problemas, envia como Visitador Extraordinário e Representante do Reitor-Mor o Pe. João Resende Costa, já Inspetor no Sul do Brasil e eleito no último Capítulo Geral, Conselheiro do Capítulo Superior.

A visita do Pe. Resende começou pela Bahia, onde chegou a 15 de outubro de 1952 e se prolongou até metade de março de 1953. Quando estava em Manaus, chegou o chamado do Santo Padre que o elegera Bispo de Ilhéus. De qualquer forma, completou a visita da Inspetoria.

AS CASAS QUE NÃO EMPLACARAM

Por volta de 1952, a Companhia Hidro-Elétrica de S. Francisco (CHESF) está em pleno trabalho de desenvolvimento de Paulo Afonso, na Bahia. Os diretores construíram um colégio e procuraram o Pe. Inspetor propondo que os Salesianos estendessem a ação educativa àquela região. Não foi possível

chegar a um resultado positivo porque, além da sempre alegada falta de pessoal, havia um impedimento intransponível. Os salesianos faziam a exigência absoluta de que o colégio fosse exclusivamente masculino. Por sua vez a CHESF não se dispunha a construir dois colégios na localidade. E não se chegou a um acordo.

Hoje os colégios salesianos são mistos e a cidade de Paulo Afonso tem clientela para vários colégios. Foi um problema de defasagem no tempo.



Grupo de Salesianos em retiro - 1954

1ª fila: Pe. Griglio, Fabbri, Bicker, Belchior, Ladislau, Viet, Compagnin, De Lugan, Santiago, Domitrovitsch.

2ª fila: Pe. Falcão, Aurino, Serra, Calasans, Bruno, Marinho, Farias, Pinkowski, Pederzini.

3ª fila: Giacomelli, Celestino, Luiz Mendonça, Arnold, Colosio, Capra, Gallo, Geraldo, Serra.

4ª fila: Tenório, Manoel, Servadio, Ramos, Valdir, Ivo, Mendonça, Pautilo.

5ª fila: De Ponti, Camarão, Tosini, Abelardo, Serrano, Milton, Eugênio, Ilo.

JOÃO PESSOA

A preocupação dominante do Pe. Inspetor é a sistematização das Casas de Formação. Com o Noviciado construído e o Aspirantado de Carpina em construção, chegou a vez do Estudantado Filosófico.

A 5 de junho de 1953 o Ecônomo Inspetorial, Pe. Antônio Viet, em nome do Pe. Inspetor, assinava a escritura de um terreno na cidade de João Pessoa, Paraíba.

O plano é estabelecer ali o Curso de Filosofia e depois uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O bairro escolhido reúne uma grande população pobre, sendo magnífico campo para um Oratório Festivo e outras obras de assistência.

O Arcebispo Metropolitano D. Moisés Coelho e o Governador José Américo de Almeida prometem franco apoio e auxílio. Em circular de 1955 o Inspetor comunica que "em breve se iniciará a Faculdade de Filosofia em João Pessoa, pois os lotes, com a venda dos quais ela será feita, já estão sendo vendidos".

O Arquivo Inspetorial, inexistente ou inacessível, não contribuiu para nenhuma outra notícia.

ASPIRANTADO DOS COADJUTORES

Desde 1946 o Inspetor Guido Barra tratava de fundar um Aspirantado para coadjutores perto da Usina Tiúma, a 25 km do Recife, na estrada que leva a Carpina. A iniciativa é devida ao cooperador e então presidente da União dos Ex-alunos do Recife, Sr. Fileno de Miranda. Mas a idéia não vingou.

Quando o Aspirantado foi para Carpina a preparação dos coadjutores ficou defasada. Em 1959 começou no Recife um aspirantado de coadjutores, que depois sofreu as mudanças para se adaptar aos novos tempos, como diremos em outro capítulo.

C A P Í T U L O X I X

ANOS DE ESPERANÇA

1954 - 1958

GRANDE REFORÇO

Começa o ano de 1954 com a movimentação costumeira. O Pe. Ladislau transborda alegria ao comunicar aos irmãos o progresso do pessoal da Inspetoria, em 2 anos acrescido com a ordenação de 11 padres novos, fora o reforço vindo da Itália.

O Pe. Luiz Cinciripini é nomeado diretor do Colégio S. Joaquim, enquanto o Pe. Luiz Santiago assume a direção da Casa de Natal, cargo que mantém até 1956. Para Juazeiro são indicados os dois baluartes: Pe. Tiago Avico para o Colégio e o Pe. Celestino Capra para a Escola Agrícola.

Deixando o Instituto Filosófico de Natal, o Pe. Estêvão Domitrovitsch recebe o cargo de Diretor e Pároco na Missão de Barcelos.

ARACAJU

O Colégio de Aracaju vem passando por uma fase de retração. Depois do progresso explosivo conferido pelo Pe. Campelo, a índole e a saúde de seus sucessores não permitiram manter o ritmo de crescimento.

É necessário um diretor que imprima maior movimentação à vida colegial e para essa tarefa ninguém mais indicado que o Pe. Natal De Lugan, que já dera boa prova de si nos colégios do Recife e Belém.

Com o Pe. De Lugan (1954-1959) toma grande impulso a Associação dos Ex-alunos e Cooperadores, e o Colégio volta a se povoar de alunos.

RECIFE

Neste mesmo ano assume o directorado do Colégio do Recife, pelo triênio de 1954 a 1956, o Pe. João Batista Costa, enquanto o Pe. Belchior Maia d'Athayde é destinado a diretor do Colégio do Carmo em Belém (1954-1958).

Bondoso e observante, o Pe. João Batista Costa se mostra um pouco titubeante nas decisões, mas se empenha em manter florescente o espírito

salesiano na Comunidade. Felizmente, conta com o apoio do seu vice, o Pe. Bernardo Bicker, o conhecido Padre Prefeito, que praticamente dirige a administração do Colégio, aumentando o número dos alunos, reformando ou construindo com uma visão moderna muitos dos ambientes que servem atualmente ao Colégio.

CHEGAM AS IRMÃS

As primeiras construções desse período do Colégio do Recife começaram por ocupar terras do antigo sítio Meuron. Sob a orientação do arquiteto Antonio Amorim, que também traçara a planta, os trabalhos, iniciados em 6 de fevereiro de 1953, desenvolveram-se com tanto afã, que a 19 de fevereiro de 1955, os salesianos e aprendizes passaram a ocupar os novos refeitórios no andar térreo, o único então construído, do atual prédio do segundo grau. Ao chegarem os estudantes, no mês de março, já encontraram pronto todo o andar térreo.

Por essa ocasião as Irmãs Salesianas vêm ocupar a Casa para elas construída (mais tarde transformada no Curso Pré-Escolar) e começam a administrar a cozinha, assim como a lavandaria e rouparia.

Sob a direção da Irmã Antônia Pinheiro, além das tarefas acima referidas, as Irmãs ainda encontram tempo e disposição para abrir um Oratório Festivo feminino e, tendo as próprias auxiliares como alunas, desenvolvem um animado curso primário e profissional.

NOVO ENCONTRO

Por esta época, perpendicular à Rua Dom Bosco, quase em frente ao portão do Santuário, se abre uma rua que, por proposta dos moradores, muitos dos quais Ex-alunos salesianos, recebe o nome de Domingos Sávio. Assim, mestre e discípulo se encontram mais uma vez unidos para indicar aos jovens o caminho do bem.

A CASA MAIS NOVA: LAJEDO

Em 1950, D. João da Matha Amaral, ex-aluno e cooperador salesiano, doou aos Filhos de Dom Bosco um terreno de sua propriedade, na povoação de Salobro, a uns 6 quilômetros de Lajedo, na diocese de Garanhuns, para que os salesianos fundassem uma obra social e educativa para as crianças pobres e abandonadas daquela zona do agreste pernambucano.

No dia 10 de fevereiro de 1952, com grande solenidade, presentes o Bispo diocesano, D. Juvêncio Brito, Dr. Armando Monteiro, Secretário de Viação e Obras Públicas, representando o Governador do Estado; Dr. Gomes Maranhão, Secretário da Agricultura, Sr. José Nonato, Prefeito de Lajedo, outras autoridades religiosas, civis e militares, e vários jornalistas, foi colocada a pedra fundamental do PATRONATO AGRÍCOLA D. JOÃO DA MATHA.

As obras de construção tiveram início no dia 24 de março de 1954, dirigidas pelo Pe. José Carvalho de Mendonça, que logo mudou o nome da povoação para Vila Imaculada. Pouco depois, foi mandado para auxiliá-lo o Pe. Luiz Mendonça, seu irmão.

A Escola se situa na zona agreste do Estado, na estrada municipal que liga Lajedo a Canhotinho e Jurema. O terreno consta de 44 hectares, todo ele tratorável e de boa fertilidade, servido pela energia elétrica da CHESF.

A irregularidade das chuvas muito dificultou os trabalhos de implantação e funcionamento da Casa, pois, em toda a zona do Patronato não existem fontes perenes de água, o que acarretava uma grande dificuldade para o serviço de água potável. O problema foi resolvido com duas grandes cisternas para captar as águas da chuva, recolhendo as águas do telhado da Igreja. Além disto, o Pe. José Mendonça fez dois grandes barreiros, concluindo o conjunto de reservatórios com um açude, que no inverno é completamente tomado de água doce, servindo para irrigação e para limpeza da casa.

Com pequenos auxílios do governo, de pessoas amigas e das economias dos frutos da agricultura, o Patronato, aos poucos, foi construindo a própria sede. Uma bomba automática leva água para os banheiros e serviços de limpeza da cozinha.

Os salesianos se dedicam ao serviço religioso a favor do povo da redondeza. O povo é dotado de uma religiosidade de profundo sentimento, mas de pouca ou nenhuma instrução religiosa. (Parece que já se disse o mesmo a respeito de algum outro lugar).

Um relatório de 1954 diz que a escola é frequentada por 300 crianças do primeiro grau menor, atendidas por quatro professoras, todas elas pagas pela Prefeitura. Funcionam a Associação do Apostolado da Oração, existente no lugar antes da vinda dos salesianos, e a União dos Cooperadores Salesianos. À festa da Imaculada Conceição, padroeira do lugar, e à de N. S. Auxiliadora, concorrem milhares de devotos.

ABRE E FECHA

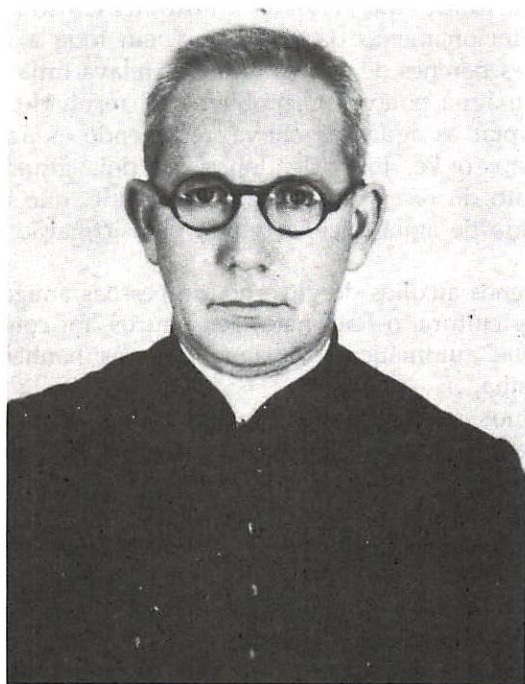
Neste ano de 1955, em Manaus, fecha-se uma Casa e abre-se outra. De pleno acordo com o Sr. Bispo local, os salesianos se retiram da direção do

Seminário Arquidiocesano, mas abrem a Escola Industrial Salesiana São Domingos Sávio, com escola industrial, curso primário, paróquia e o Oratório Festivo, sendo diretor e pároco o Pe. Luiz Venzon.

Em Ananindéua, no Pará, os salesianos recebem a direção da Paróquia, além da Escola Agrícola.

TEMOS PONTÍFICE

Desenvolvia o Pe. Ladislau em paz, seu trabalho de Inspetor, quando foi surpreendido no segundo semestre de 1955 com a eleição para Bispo titular de Amatunte da Palestina e Auxiliar de D. Orlando Chaves, Bispo de Corumbá.



D. Ladislau Paz

No dia 12 de outubro, festa de N. S. Aparecida, padroeira do Brasil, realizou-se no Santuário do Recife a solene sagração episcopal de D. Ladislau Paz. Foi sagrante o Sr. D. Antonio de Almeida Lustosa, e consagrantes D. Orlando Chaves e D. João Rezende Costa. Paraninfaram o ato os Srs. Manoel Caetano de Brito, Fileno de Miranda, João Pessoa Petribu e Leopoldo Paz,

Manoel Caetano de Brito, Fileno de Miranda, João Pessoa Petribu e Leopoldo Paz, irmão do novo bispo. Presentes à cerimônia, honraram a solenidade o Sr. D. Antônio de Almeida Moraes Jr., Arcebispo de Olinda e Recife, e o Bispo Auxiliar de João Pessoa, D. Manoel Pereira da Costa.

Estiveram também presentes os quatro Inspetores Salesianos do Brasil, todos os diretores das Casas Salesianas da inspetoria e uma representação de cada casa.

À tarde houve uma demonstração de ginástica sueca e à noite, em reunião ao ar livre, foi o Sr. D. Ladislau Paz alvo de solenes e sinceras homenagens, fazendo-se ouvir diversos oradores.

Ao se despedir D. Ladislau escreve:

"Oxalá se realizem quanto antes o meu sonho de haver nesta amada inspetoria 400 aspirantes, 40 noviços, 100 estudantes de filosofia e 60 teólogos!"

Ainda não foi possível concretizar tão elevadas aspirações enquanto se celebram as galas desta data jubilar. (*)

O SUCESSOR

Para dirigir a Inspetoria de S. Luiz Gonzaga, o Reitor Mor nomeia o Pe. Miguel D'Aversa, cuja trajetória se desenvolveu sempre nesta Inspetoria. Ordenado sacerdote em 8 de dezembro de 1945, exerceu o cargo de catequista dos alunos do Colégio do Recife (1946-1947) e na mesma casa catequista-encarregado dos aspirantes. Desde 1951 ocupava o cargo de Mestre de Noviços e Diretor da Escola Agrícola, em Jaboatão. Passou ambos os cargos ao Pe. Gino Moratelli.

INÍCIO DO INSPETORADO DO PADRE D'AVERSA

Ao assumir, o Pe. Miguel D'Aversa tem como componentes do Conselho Inspetorial os Pes. Bernardo Bicker, João Batista Costa, Gino Moratelli e Antônio Viet, que é também Ecônomo Inspetorial. Delegado Inspetorial dos Cooperadores é o Pe. Edvaldo Amaral.

(*) Já se achava no prelo este *Centenário* quando divulgou-se a infesta notícia do falecimento de D. Ladislau Paz, a 24 de junho. R. I. P.



Pe. Miguel D'Aversa

FOI MILAGRE ?

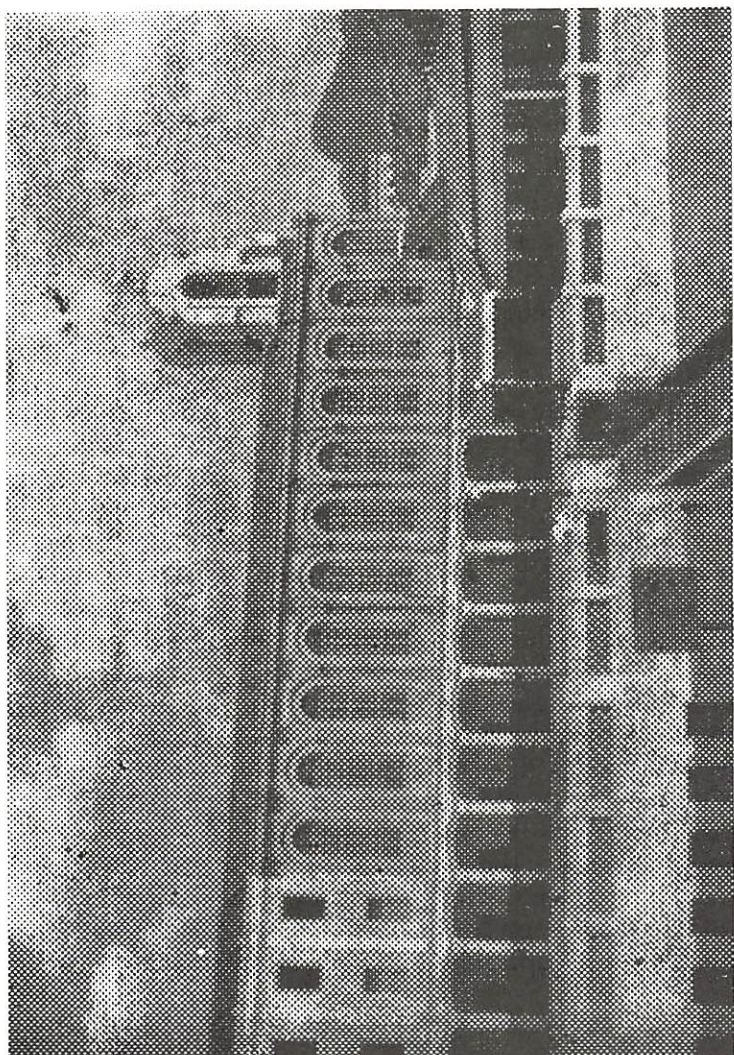
O novo Inspetor partiu para visitar as casas do Norte. Comprou passagem para Manaus num Catalina, com escala em Belém. Nesta cidade, o diretor do Colégio mandou trocar a passagem para o Loide Aéreo. O enviado à agência não conseguiu a permuta, pois no mesmo dia havia um Catalina. Quase encerrado o expediente, outra pessoa se dirigiu à agência e encontrava dificuldade enquanto tentava esclarecer o caso, quando o gerente apareceu e mandou: "Troca o bilhete, pois sou ex-aluno do Carmo". No dia seguinte se espalha a notícia trágica. O Catalina caíra em Parintins e não sobrara ninguém.

É o próprio Pe. D'Aversa quem conta o fato no livro **Recordações**, concluindo: Como fiquei agradecido ao Ex-aluno do Carmo e a N. Senhora, que me protegeu de morte certa!

CASA INSPETORIAL

Recolhamos algumas notas da crônica do Colégio do Recife que, como organismo vivo em desenvolvimento, passa por esta época por várias modificações conservando, nada obstante, a própria identidade.

Em 1º de maio de 1956 celebrou-se o dia do Coadjutor Salesiano, por ocasião da festa de S. José Operário. Foram fixados cartazes alusivos ao



Baturité - Igreja e Colégio

Irmão Coadjutor e houve à noite sessão teatral, precedida de conferência feita pelo Coad. Manoel Marinho Falcão. Esta festa e comemoração reproduziu-se por alguns dos anos seguintes.

A 23 de maio inaugurou-se o pórtico que liga o prédio central ao Santuário e corre ao lado do Santuário em direção à rua.

A 17 de setembro do mesmo ano, é colocada a imagem de Nossa Senhora no pórtico novo junto à Igreja. A partir desse dia se começou a rezar as orações da noite nesse local. A imagem ainda permanece no mesmo lugar, vigiando os alunos que brincam, estudam ou fazem seus deveres no pórtico junto da Igreja.

MANAUS

Em 1948 o Pe. Estélio tinha voltado a dirigir o Colégio D. Bosco de Manaus, mas faleceu no ano seguinte. Foi substituído pelo Pe. José Pereira Neto no sexênio 1950-1955.

Em princípios de 1956 o Pe. Pascoal Filippelli é destinado para diretor do Colégio D. Bosco. Possuindo em alto grau o dom de fazer amigos e influenciar pessoas, o Pe. Pascoal em pouco tempo movimenta a cidade. Projeta e realiza a semana de homenagem a S. Domingos Sávio.

Diariamente, durante toda a "Semana de Sávio", o Pe. Pascoal Filippelli "que foi o animador e propulsor da idéia", mantinha palestras na Rádio, enquanto se faziam conferências em todos os colégios e grupos escolares da cidade. No final foi realizada uma conferência dedicada aos mestres e educadores na Associação Amazonense de Professores. Em consequência, todos os educandários de Manaus, pediram que S. Domingos Sávio fosse declarado "Patrono da Juventude Amazonense".

No dia 29 de setembro, houve a grandiosa concentração da juventude na Praça do Congresso com a presença do episcopado amazonense, autoridades civis, militares e de todos os diretores de colégios. Falaram diversos oradores e foi feita a consagração da juventude ao Menino-Santo, depois do que, o Sr. Arcebispo leu o Decreto do Governo do Estado que estabelece que todos os anos seja celebrado no terceiro sábado de setembro o Dia da Juventude, sob o patrocínio de São Domingos Sávio.

BATURITÉ

No dia 19 de março de 1954, o Colégio de Baturité celebrou o Jubileu de prata. Compareceram às solenidades o Governador do Estado, Dr. Raul

Barbosa, o Prefeito da cidade, o Secretário de Segurança Pública e muitas pessoas de destaque social de Baturité e Fortaleza. Fez a conferência o Dr. Almir Pinto, deputado estadual, que historiou a vida do Colégio.

Nestes últimos anos, sob a direção do Pe. Gino Compagnin, o Colégio tem passado por várias reformas, de modo que se apresenta em um prédio totalmente novo. Dentro do plano de construções novas e de melhoramentos realizados nestes últimos anos, são inaugurados em 1954 a igreja e o pavilhão.

Em 1955 o Pe. Gino Compagnin, nomeado Diretor do Liceu da Bahia, é substituído pelo Pe. Antônio Lourenço, o qual permaneceu no cargo até 1959.

BAHIA

Depois de seis anos como Diretor do Colégio de Baturité, volta em 1955 o Pe. Gino Compagnin para dirigir o Liceu da Bahia, onde é recebido com muita alegria, pois era muito estimado desde o primeiro directorado.

Do ano de 1956, dois fatos se distinguem na vida quotidiana.

Um doloroso. Em 6 de janeiro um grupo de salesianos partiu para uma excursão a Paulo Afonso. Ao menos assim pensavam. Na estrada, um caminhão mal dirigido transtornou os planos, provocando um acidente, saindo feridos o clérigo Orsini Nuvens e o coad. Luiz Alexandre, que perdeu um braço.

Por outro lado, a 3 de maio subiram para a torre do Santuário mais três sinos (são cinco no total) adquiridos na Alemanha pelo Pe. Francisco Fabbri, em 1954.

CENTENÁRIO DE SÃO DOMINGOS SÁVIO

Em 1957, realizou-se no Liceu a festa da Bíblia. Durante todo o mês foi desenvolvido um programa completo de divulgação da Bíblia.

Grandiosa, porém, foi a festa do centenário da morte de São Domingos Sávio. A festa se realizou a 18 de julho, e nela tomaram parte autoridades e a cidade inteira: Arquidiocese, estabelecimentos de ensino e autoridades uniram-se num só coração, para festejar o pequeno aluno de Dom Bosco, modelo para a juventude de todos os tempos.

A propaganda foi intensa. O Pe. Luiz Santiago desdobrou-se no trabalho de espalhar, o mais possível, a devoção ao Santo da Juventude. A Rádio Cultura da Bahia transmitiu a novela **O Santo da Juventude**, nas quartas e sextas-feiras, às 20 horas. A Rádio Excelsior, às 18 horas e a Rádio Sociedade, aos sábados.

SUCESSÃO

O Pe. Gino dirigiu a Casa por um triênio quando, chamado a exercer as funções de Ecônomo Inspetorial, passou o cargo ao Pe. Natal Gríglia.

Diz a crônica que o Pe. Natal Gríglia, "sacrificado até o extremo, não se poupou para manter íntegro o espírito de Dom Bosco e melhorou as condições materiais da casa. Sob sua gestão introduziram-se vários melhoramentos no Santuário e no Colégio, notadamente o novo pavilhão dos refeitórios, da enfermaria e aposentos dos salesianos".

Em 1960 o Pe. Gríglia foi por sua vez substituído pelo Pe. Belchior Maia d'Athayde.



Bahia - O novo Teatro

NA TERRA DE MEU PADIM

O Pe. Carlos Galli dirigiu o Colégio de Juazeiro em 1949. Era muito querido e venerado entre o povo por causa de uns milagres e profecias, há quem acredite, realizadas com precisão. Em 1950, destinado às Missões, teve como sucessor o Pe. Lourenço Gatti. Em 1954 é nomeado diretor o Pe. Tiago Avico, que passa a direção em 1956 ao Pe. Mário Daorizi. Após um triênio, em 1959, assume o Pe. Gino Moratelli que vai ficar no cargo até 1965.

MISSÕES

Houve algumas modificações nas Missões por esta época. O Pe. Luiz Pasinelli substitui em Tapurucuara o Pe. Miguel Ghigo que vai para São Gabriel. Em Taracuí assume o Pe. Badalotti.

RECIFE E NATAL

Em princípios de 1957 o Pe. João Batista Costa é nomeado diretor do Colégio de Cajazeiras e é substituído no Recife pelo Pe. Falcone. Para dirigir a Casa de Natal é nomeado o Pe. Tiago Gallo.

É quando se lê nos documentos uma nota de incontida satisfação.

CARPINA - A INAUGURAÇÃO

Finalmente, a 18 de janeiro de 1957, os aspirantes se mudaram para Carpina. Realizava-se o sonho acalentado por D. Ladislau Paz. Ficaram no Recife apenas os quartanistas que na semana seguinte deviam entrar para o Noviciado.

É diretor na nova Casa de Formação, que recebe o nome de Ginásio Rural Pe. Rinaldi, o Pe. Guido Tonelotto, auxiliado por uma comunidade bastante numerosa, constante de quatro padres, três clérigos e dois coadjutores.

Nesta hora de alegria deve-se recordar que os recursos para a construção do Aspirantado foram fornecidos principalmente pelas benfeitoras, Da. Caritina Costa e sua filha Elvira, falecidas, cuja oferta de um grande terreno em Boa Viagem possibilitou quase dois terços dos gastos da construção. Foram também grandes benfeitores o Sr. João Pessoa Petribu e família e o Sr. José Luiz da Silveira Barros e consorte, que ofertaram o lindo altar de mármore para a capela.

DADOS TÉCNICOS

O esboço do conjunto do Aspirantado Salesiano é do arquiteto salesiano Júlio Valotti. Consta de três andares, distribuídos em três grandes alas: a central, numa extensão de cem metros e duas laterais de quarenta e nove metros cada. A área construída perfaz um total de 5.044 metros quadrados. Uma das alas laterais é ocupada pela capela semi-pública dedicada a São Domingos Sávio, piedosa, ampla e bem acabada.

As condições higiênicas e técnicas dos diversos locais, preparados para comportar 200 aspirantes do curso médio, estão perfeitamente de acordo com as exigências da pedagogia moderna.

AS SOLENIDADES

Pela manhã, houve a bênção solene da Capela e consagração do altar dedicado a S. Domingos Sávio, oficiada pelo Sr. Bispo de Nazaré da Mata, D. João de Lima. Logo após, o Inspetor, Pe. Miguel D'Aversa, cantou missa de ação de graças.

À tarde, procedeu-se a inauguração oficial do estabelecimento com o hasteamento simultâneo das bandeiras nacional, de Pernambuco e do Papa, ao som do hino nacional, presentes o Sr. Bispo e outras autoridades. Falou um aspirante e o Sr. João Petribu, comovido por ver realizado o desejo de seus pais: uma Casa salesiana em Carpina. Falou por último o Pe. Inspetor.

Na ocasião foi lido o telegrama do Santo Padre que se dignava abençoar o novo Estabelecimento.

DESTINATÁRIOS

O Aspirantado começa com 126 aspirantes.

O externato, com o curso de admissão, iniciou-se a 1º de agosto do mesmo ano, o que permitiu que no ano seguinte já funcionasse a primeira série ginásial. Deve-se o rápido despacho dos documentos à infatigável colaboradora Da. Laudelina Câmara, da Inspetoria Seccional do Recife.

Em 1957 fundou-se em Carpina o Centro de Cooperadores, cujo primeiro delegado foi o Pe. Bartolomeu Arnold.

VISITA DO REITOR MOR

Desde que fora eleito Reitor Mor em 1952, o Pe. Renato Ziggiotti tinha prometido visitar o Brasil. Com efeito, era seu propósito visitar não só o Brasil, mas todo o mundo salesiano. Assim, começou uma série de visitas programadas, enquanto o Brasil esperava ansiosamente a sua vez.

Não foi portanto pequena a emoção quando se anunciou que em junho, o 5º Sucessor de Dom Bosco chegaria ao Brasil. Pela primeira vez um Reitor Mor visitaria seus filhos na vastidão sem confins da terra brasileira.

CHEGADA

A expectativa começou a se concretizar quando, no dia 1º de junho de 1957, o Repórter Esso anunciou que o desembarque do Reitor Mor se realizaria às 18 horas.

Na hora marcada, desce o Pe. Ziggiotti no Rio de Janeiro, então Capital Federal. A recepção tem caráter familiar, visto que sua visita ao Rio, determinada pelo itinerário, será feita mais tarde.

Mesmo assim não faltam representantes das autoridades civis, os Inspetores e os Bispos D. Helvécio Gomes de Oliveira e D. Pedro Massa. Um enviado especial do Governo confirma o telegrama anteriormente enviado, em que se declara o Reitor Mor Hóspede Oficial da República.

O roteiro estabelecia que a visita na Inspetoria S. Luiz de Gonzaga se faria a começar pela casa da Bahia, prosseguindo em sentido norte até às Missões, de onde o Reitor Mor passaria para a Inspetoria de Mato Grosso, e de lá, para o Sul.

COMEÇA A VISITA

No dia 2, às dez horas, saíram do Liceu cinco ônibus transportando os alunos ao aeroporto Dois de Julho. Lá se achavam o Governador do Estado, Dr. Antonio Balbino, o Dr. Heitor Dias, Prefeito da cidade em exercício, D. João Resende Costa, salesiano, arcebispo de Belo Horizonte, o Secretário de Educação e Cultura, Dr. Aloísio da Costa Short.

Às onze e meia chega o Constellation da Panair trazendo em seu bojo o Pe. Renato Ziggiotti. Alinha-se imponente cortejo de carros que percorre, à beira mar, os trinta quilômetros que separa o aeroporto da cidade. No colégio, representante do Sr. Prefeito lhe dá as boas vindas em nome da capital baiana.

O Reitor Mor fez, de tarde, uma visita ao Palácio do Governo e ao Sr. Cardeal D. Augusto Alvaro da Silva. Dom Mário Vilas-Boas, arcebispo coadjutor e ex-aluno salesiano, saudou o Reitor Mor. Estava presente também o bispo auxiliar, Dom. José Terceiro.

Às vinte horas houve uma sessão solene no auditório da Universidade Federal. Falaram o Dr. João José do Nascimento Junqueira, ex-aluno do Liceu, Dom Mário Vilas-Boas e Dom João Resende Costa. O Dr. Aloísio Short falou em nome do Governador. O homenageado respondeu em italiano, sendo suas palavras traduzidas pelo Pe. Luiz Santiago. O Pe. Ziggiotti celebrou a missa da comunidade, conferenciou com todos os salesianos e depois viajou, a 4 de junho, para Aracaju. Na sua despedida, registra a crônica, muitos alunos comoveram-se e choraram.

SERGIPE E PERNAMBUCO

Desde o aeroporto até o Colégio, em Aracaju, estão alinhados, juntamente com imensa massa popular, todos os colégios e grupos da capital. Foi uma apoteose raramente vista na cidade.

De Aracaju segue o Pe. Ziggiotti para o Recife, onde é esperado por representantes das autoridades. No colégio o Reitor Mor recebe a homenagem dos salesianos, alunos e amigos. Comparecem as Filhas de Maria Auxiliadora com suas noviças e alunas. A homenagem oficial prestada pelos cooperadores, no Teatro Santa Isabel, foi o ponto alto das manifestações das autoridades, quando o apreço em que é tida a obra salesiana foi ressaltado com rara felicidade e força.

Na tarde do dia 8 de junho segue o Reitor Mor para Jaboatão. Na cidade, o Oratório Festivo lhe presta uma primeira homenagem. Daí vai para a Colônia. Neste oásis de paz, o Reitor Mor transcorre a festa de Pentecostes, circundado pelos aspirantes e noviços.

De Jaboatão, passa o Reitor Mor para Carpina. Entre os que o recebem encontra-se o benemérito Sr. João Petribu, doador daquele terreno.

Volta ao Recife na noite de 11 de junho e, na manhãzinha do dia 12, parte a comitiva para Frei Caneca, em trem especial, posto à sua disposição pelo Governador do Estado, Dr. Cid Sampaio, que também cedeu o bimotor com que a 14 de junho viaja para Cajazeiras, onde é recebido com grande afeto e cordialidade.

PARAÍBA E CEARÁ

Cooperadores, autoridades e povo de Cajazeiras reúnem-se no pátio do Colégio e por todos fala o Prefeito dizendo da estima em que são tidos os Salesianos em Cajazeiras. No dia seguinte, 15 de junho, no teatro do colégio, o Reitor Mor assiste, ao lado do Sr. Bispo e demais autoridades, a uma opereta entremeada de poesias e cantos.

Meia hora de voo e já é Juazeiro do Norte a receber triunfalmente o Reitor Mor. No dia 17, em avião especial, gentileza do Governador do Estado, chega o Reitor Mor a Fortaleza. A Terra de Iracema, com todo o prestígio das autoridades, Governador Flávio Marcílio, Arcebispo D. Antonio de Almeida Lustosa, Bispo Auxiliar D. Expedito Gomes de Oliveira, Prefeito, Secretário da Educação, Comandante da Base Aérea e outras autoridades civis e militares, prestou grandiosa homenagem ao ilustre hóspede. Um desfile

de escolares levou triunfalmente pelas ruas da cidade o quadro do Reitor Mor. O Governo ofereceu-lhe um almoço oficial no Palácio da Luz, com grande afluência de autoridades. Repetiu-se igual cena de simpatia à noite, em jantar íntimo, ao qual compareceram os superiores de todas as congregações implantadas nesta bela capital nordestina.

A chegada do Pe. Ziggiotti a 18 de junho em Baturité reveste-se de esplendor e solenidade à altura do insigne visitante. É esperado por grande multidão de povo, tendo à frente as autoridades. No pátio do colégio foram-lhe dadas as boas vindas pelo Prefeito da cidade.



Recife - O Reitor Mor desce do avião

NA TERRA DO SAL

De Baturité segue o Reitor Mor para Natal a 20 de junho. A capital potiguar mobilizou seus quadros mais salientes para render homenagem ao sucessor de Dom Bosco. No aeroporto foi recebido por grande contingente popular, tendo à frente o Governador do Estado, o Vice-Comandante da Base Aérea, Cônsules do Chile e da Itália, e outras personalidades que o

acompanharam em cortejo até o Colégio. O Reitor Mor visitou gentilmente o Governador Dr. José Augusto Varela e o Sr. Bispo D. Marcolino Dantas. Grande sessão de gala teve lugar no Teatro Carlos Gomes com a presença de altas autoridades.

BELÉM E MANAUS

Após outras manifestações, partiu o Reitor Mor para Belém, ali desembarcando em 22 de junho, acolhido por incontável número de populares e autoridades. Imponente cortejo de carros o conduziu ao Colégio. No dia 23, não obstante a coincidência da recepção do General Craveiro Lopes, Presidente de Portugal, é-lhe oferecido lauto banquete. O Reitor Mor visita o Colégio das Filhas de Maria Auxiliadora e a Escola Agrícola de Ananindéua. Por fim, depois de admirar os encantos da famosa basílica de Nazaré, no dia 25, viaja para Manaus, a bordo de um Constellation, que o leva à capital do Amazonas em menos de três horas.

A recepção que se prestou ao Reitor Mor em Manaus foi espetacular. No aeroporto comparecem o Sr. Arcebispo Metropolitano, o representante do Governador e o Prefeito da cidade, alunos e alunas salesianas, grande número de cooperadores e amigos. Na sede da Assembléia Legislativa o Reitor Mor recebe a homenagem do Governo de Amazonas que o declara Hóspede Oficial do Estado e da Cidade de Manaus.

MISSÕES

Na tarde de 28 de junho, na rápida lancha do Governador do Estado, ex-aluno de Humaitá, a comitiva chega a Barcelos. A recepção é festiva e cordial. O Reitor Mor é saudado por D. José Domitrovitsch e pelas duas comunidades, dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora.

A falta de tempo obriga a prosseguir na mesma tarde a viagem fluvial até Tapuruquara, onde o Reitor Mor sente-se feliz em administrar a primeira comunhão a oito indiozinhos do Rio Caobori, onde o Pe. Antônio Gois está iniciando novo centro de Missão. São necessários sete dias para chegar por via fluvial a esse novo centro.

De Tapuruquara se prossegue em hidro-avião da Panair do Brasil para Taracua, onde o Reitor Mor é recebido por representações das dezoito povoações que integram a paróquia do lugar. Apenas nove horas depois, empreende o Pe. Ziggiotti uma viagem de 47 horas de lancha, para chegar a Pari-Cachoeira. Deixando-se o Rio Uaupés, entra-se no Rio Tiquié, todo

meandros; contam-se 430 desde sua confluência com o Rio Negro até à Missão, e por 18 vezes o rio atravessa a linha equatorial.

A chegada é anunciada por disparos de morteiros e por sinais de imensa alegria por parte dos salesianos, das Filhas de Maria Auxiliadora, dos meninos, meninas e dos índios das cercanias todos postados no declive, junto do lugar do desembarque. Na singela tertúlia que se seguiu, fazem vibrar sua voz de alegria não só os salesianos e alunos, como também bom grupo de ex-alunos e ex-alunas. O Reitor Mor recebe também o presente de uma coleção de borboletas e coleópteros da selva, juntamente com tapetes tecidos pelas meninas com fibras de palmas têxteis.

De Pari-Cachoeira a comitiva embarca para Jauareté que, em linha reta, dista apenas uns sessenta quilômetros de Pari. Há anos pensou-se em ligar as duas residências com uma estrada através da floresta, mas muito cedo esse plano de comunicação tornou-se impraticável em vista das enxurradas que enlameiam o terreno e da vegetação flutuante invadente. Por essa razão se teve que ir pelo rio. Depois de quatro horas de viagem, no ponto onde o rio forma saltos e cachoeiras, o único expediente foi percorrer quatro quilômetros a pé, em plena selva, para embarcar depois na lancha da próxima missão onde já os esperava o Pe. Marchesi, diretor da missão de Jauareté. A viagem estende-se noite a fora, arribando na manhã de 5 de julho, acolhido o Reitor Mor pelas comunidades dos salesianos, das Irmãs, dos dois internatos e centenares de índios. Depois da Missa dirigem-se todos aos pórticos e pátios para assistirem à sessão em honra do Reitor Mor. Fala o Pe. Marchesi e depois os representantes das diversas categorias.

Despedindo-se de Jauareté o Pe. Ziggiotti desce pela terceira vez até Taracúá onde toma o avião até S. Felipe e daí prossegue em viagem de lancha para a missão de Içana. Essa missão está ainda em fase de construção, havendo somente internato para meninas. Está em adiantada construção a nova igreja, muito espaçosa. Os dois salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora já tinham perdido qualquer esperança de uma visita do Reitor Mor, e deixo então ao leitor imaginar com que alegria e emoção, a pequena comunidade, ouvindo o rumor da lancha e os disparos e salvas, foi receber o Sucessor de Dom Bosco!

O pouco tempo de que dispõe o Pe. Ziggiotti faz com que nesta mesma noite parta para São Gabriel, residência mais antiga e o centro de toda a Missão, cujo nome oficial desde algum tempo é Uaupés.

O Reitor Mor apenas desembarcado é saudado por alguns salesianos e pelo Prefeito do lugar. Depois percorre a pé a estrada de ingresso à Missão na qual encontra alinhados os meninos e alunas com estandartes e bandeiras. Celebra a Missa, concluindo com a bênção de Maria Auxiliadora.

Em São Gabriel o Reitor Mor permanece por quase uma semana, gozando dias de paz, serenidade, e... fazendo retiro. Na manhã do dia 14,

saúda a comunidade de São Gabriel e desce de lancha até Mercês, onde um hidro-avião o leva a Manaus, fazendo duas breves paradas em Tapurucuara e em Barcelos. De Manaus o Reitor Mor passou a visitar a Inspetoria de Mato Grosso.

Suas palavras finais em São Gabriel foram: "Quanto se progrediu desde a chegada do Pe. Lasagna até nossos dias! Isto é sinal evidente das bênçãos de Deus, da contínua maternal proteção e assistência da Virgem Auxiliadora."

A FAB E AS MISSÕES

O brigadeiro Eduardo Gomes merece um destaque especial na história das missões. Foi um dos padrinhos da sagração episcopal de D. João Marchesi, que o convidou como preito de gratidão pelo notável apoio por ele prestado às Missões, quando Ministro da Aeronáutica.

O CAN (Correio Aéreo Nacional) dependência da FAB, desde seus inícios, tem prestado inúmeros serviços às Missões e particularmente à Prelazia de Porto Velho. Um Douglas da FAB, cedido por intermédio do Dr. Lucas Garcez, ex-governador de São Paulo, transportou mais de duas toneladas de objetos trazidos de S. Paulo, em 1957.

O diretor do Campo de Marte no Quartel General da 4ª Zona Aérea, e sua oficialidade nos vários setores, são grandes benfeitores. Centenas são as viagens cedidas nos territórios do Acre e Rondônia, perto de cem as viagens até São Paulo ou Rio, muitas a La Paz, na Bolívia.

A FAB poupou muito frete em favor de uma mais vasta beneficência; superou a morosidade de uma viagem fluvial interminável e incerta; venceu os prejuízos de baldeação a que os transportes não aéreos estão sujeitos.

Não se omitam os favores e facilitações das agências PANAIR em Manaus e da CRUZEIRO DO SUL em São Paulo. O aeroclube de Porto Velho é uma benemérita rede de civilização pronta para os socorros mais urgentes, para os transportes de pessoas e gêneros mais necessitados.

INSPETOR FEDERAL

Também em 1957, por ordem do Governo Federal, o Dr. Ivan da Frota Porto inspeciona todos os hospitais da Prelazia do Rio Negro, escrevendo no fim um relatório muito elogioso: "...Somente com a observação in loco se pode avaliar a obra monumental e patriótica realizada por este grupo de religiosos, no seu vasto programa de catequese, educação e assistência hospitalar... Este é um empreendimento de gigantes e exige a admiração, o

respeito e a gratidão de todos os brasileiros... É a única organização naquela imensa região do Território Nacional que trabalha para a organização dos indígenas..."

Com efeito, em 1958 abre-se a residência missionária de Caobori onde o Pe. Antônio Gois e outro padre atendem aos índios e civilizados. Para Içana é indicado o Pe. José Schneider; para Jauareté o Pe. Francisco Liévore; para Pari-Cachoeira o Pe. José Dalla Valle e Pe. Pedro Gerosa, todos padres jovens e animosos, prontos a despender todas as suas energias nesta seara do Senhor.

RACISMO

O preconceito racial é um desses dramas que todo mundo sabe que existem, mas dos quais ninguém trata claramente.

Como não tem justificativa, mesmo aqueles que o praticam - e principalmente estes - se sentem agredidos ao se levantar o tema, quando seria mais sensato aceitar o convite para uma reflexão.

A reação ao agitar-se o problema do racismo é a tradução prática da admoestação bíblica de que "um abismo invoca outro abismo" (Salmo 41,8). De um princípio ilógico só pode brotar consequências irracionais.

Porque sob este aspecto os salesianos não se saem assim tão brilhantemente. A Igreja do Brasil, dirigida por membros das classes detentoras do poder e das chaves do comando político, participantes da secular oligarquia que por séculos dominou o Brasil, se habituou a ver no negro o ser humano nascido unicamente para servi-los.

Portadores do espírito de superioridade europeu, os salesianos requintaram no preconceito. Nas obras assistenciais os salesianos cuidam de jovens de todas as raças e cores, mas têm sempre um pé atrás quando se trata de recrutar vocações.

O Pe. Luiz Della Valle escrevendo ao Pe. Rua em junho de 1901 pede instruções a respeito da aceitação de mulatos e ilegítimos, acrescentando: "Acho conveniente observar que aqui o povo e o clero não fazem observação a respeito da cor (exceto quanto ao negro)".

Não consta o teor da resposta. Por volta de 1940 os recrutadores têm ordem expressa de não trazer negros para o aspirantado. Mesmo assim, alguns conseguem esgueirar-se entre as malhas de uma variação infinitesimal de cor, ou são enviados diretamente por catequistas menos precavidos.

O diretor da Casa de Formação tem ao seu dispor uma arma incontornável: o aspirante indesejado é devolvido sob o pretexto de que "não tem vocação", alegação que se situa acima de qualquer análise ou prova. Há casos mais sutis em que as atitudes do candidato desmentem tão claramente

essa alegação que se recorre a outro artifício: “São ordens superiores”. Assim se evita qualquer insistência ou apelo a um sujeito indeterminado. Pode-se também recorrer a uma evasiva, e num simulacro de respeito à vocação que, segundo a doutrina professada é um dom divino, o candidato pode escolher entre retirar-se para um seminário diocesano, ou permanecer na Congregação como irmão coadjutor. Pode-se dormir de consciência tranquila, pois a liberdade foi preservada. O assaltante que aponta o revólver mandando escolher “ou a bolsa ou a vida” se esqueceu da terceira via “ou siga seu caminho sossegado”. Essa terceira via não é aberta ao negro que se apresenta para ser salesiano.

O assunto daria largas a variadas considerações, o que está fora do propósito deste trabalho. Apenas registramos que confrontado com um caso que não admitia negaças, o Inspetor Miguel D’Aversa, tendo oportunidade de um gesto de grandeza, revelou-se menor que um preconceito mesquinho, estabelecendo em ata do Conselho Inspetorial de 31 de dezembro de 1957 que “um negro não pode ser aceito, pois jamais terá prestígio diante da sociedade para exercer o sacerdócio”.

É uma afirmação e decisão graves, pois segundo D. Armando Lombardi, Núncio Apostólico por esta época, qualquer discriminação racial afronta “a doutrina da Igreja que basta compulsar”.

Um abismo invoca outro abismo...

O preconceito cega e não deixa ver os muitos negros que são brilhantes nas atividades artísticas, intelectuais e esportivas. Mais do que frustrar o candidato negro que se vê lesado no direito de aspirar ao mesmo que o seu colega branco, o preconceito privou a Congregação de tantos elementos que lhe teriam sido úteis como o demonstraram no clero secular ou em outras posições da sociedade.

Depois que Galileu descobriu manchas no Sol, o Astro Rei não brilhou com menor intensidade. Podemos continuar nossa história certos de que as gerações vindouras, mais generosas e de visão mais ampla, saberão dar o devido valor a certas deficiências e pequenezas humanas.

CAPÍTULO INSPETORIAL

Tendo se passado o sexênio regulamentar, o Reitor Mor convoca o 18º Capítulo Geral. Também segundo o mesmo regulamento reúne-se o Capítulo Inspetorial nos dias 11 a 15 de fevereiro de 1958, no Colégio Salesiano do Recife.

A eleição do Delegado Inspetorial recaiu sobre o Pe. Antônio Viet. Nas sessões seguintes foram apresentados e debatidos os temas propostos para o Capítulo Geral.

1º tema - **Vida religiosa e prática dos santos votos**, relatado pelo Pe. Guido Tonelotto, diretor da Casa de Carpina. O relator se referiu "à nossa finalidade ao entrar na Congregação, isto é, salvar nossa alma e a do próximo". Acenou à observância dos votos e do sistema preventivo.

2º tema - **Estudos eclesiais**. Relator: Pe. Tiago Gallo, diretor da Casa de Natal. O relator apresenta brevemente a doutrina da Constituição Apostólica *Sedes Sapientiae*, que depois seguiu fielmente durante a exposição. No fim a discussão foi baseada em três sub-temas: Formação religiosa, Direção espiritual e Formação intelectual.

O 3º tema - **Práticas de Piedade e deveres dos superiores** - foi desenvolvido pelo Pe. Pedro Falcone, diretor do Colégio do Recife, que fez uma exposição seguindo a encíclica de Pio XII, *Mistici corporis Christi*. Referir tudo a Cristo, como cabeça do Corpo Místico, que como tal não despreza nem é diminuído se honramos também os seus membros mais distintos que são sua Mãe Santíssima e os Santos.

4º tema - **Oratório Festivo e Paróquias** - relatado pelo Pe. Belchior Maia, diretor do Colégio de Belém. O relator declarou se apoiar na Circular do Pe. Ricaldone sobre os Oratórios Festivos e na doutrina do Pe. Albera. Falou sobre a necessidade de abrir sempre mais oratórios festivos, para todos os jovens acima dos sete anos. Que os melhores alunos sejam a base do Oratório Festivo. Lembrou a necessidade de se fundar a associação de Pais de Família. Quanto às Paróquias se verificou que na Inspetoria existem apenas duas paróquias, a de Fortaleza e de Manaus. Mas o Inspetor afirma que "aquele artigo das Constituições que se refere às paróquias certamente cairá". No que foi profeta exato.

O 5º tema - **Escolas Profissionais** - foi desenvolvido pelo Coad. Luiz de Oliveira, delegado da Casa do Recife, que fez uma exposição "ampla, clara e documentada" do tema proposto, pondo em foco a figura genial do Coadjutor salesiano segundo a mente de D. Bosco e documentos dos Superiores. Na prática, porém, nem sempre é assim, afirma o relator, e se refere à idéia de alguns que agem segundo o lema não escrito: "Não é apto ao sacerdócio, façamo-lo coadjutor", o que reduz o coadjutor à posição de empregado sem salário.

O 6º tema se referia a **Propostas várias**. O Pe. Pascoal Filippelli, sugere a divisão da Inspetoria em três partes. A primeira abraçará Manaus e as Missões. A segunda se estenderá de Belém a Fortaleza, e a terceira, de Natal a Salvador. A proposta ficou de ser apresentada aos Superiores.

O Inspetor convidou o Pe. Edvaldo Amaral, Delegado inspetorial para os Cooperadores a fazer uma exposição deste tema, o que foi desenvolvido magistralmente: Conceito de Cooperador, inscrição, formação, apostolado, comunicações.

PARÓQUIA EM ARACAJU

O trabalho das paróquias era muito restrito na Inspetoria. Com o advento dos novos tempos, em 18 de agosto de 1958, Dom José Vicente Távora, Bispo de Aracaju, funda a Paróquia N. S. Auxiliadora, confiando-a aos cuidados dos salesianos. Provisoriamente, o Pe. Natal De Lugan acumulou os cargos de Diretor e Pároco, até maio de 1959, quando entrou de posse do cargo o Pe. Aurino Caracciolo.

IDÉIA LATENTE

A idéia da divisão da Inspetoria não era recente.

De fato, é quase impensável o esforço que significa administrar uma Inspetoria de 5.152 quilômetros quadrados, incluindo as Missões.

Em 1929, Mons. Massa propõe essa divisão. A Inspetoria Missionária se estenderia até o Ceará onde se abriria uma Casa de repouso para os missionários doentes ou esgotados por aquele intenso labutar. Do Ceará Monsenhor espera vocações "nacionais, etnicamente dispostos e preparados para clima da Amazônia, como são os habitantes do Ceará, que foram os primeiros a explorar o Amazonas e no qual representam ainda uma grande maioria".

Parecia que a idéia ia se concretizando com a abertura da Casa de Baturité, em uma região de montanha e clima seco. As negociações, porém, apontaram noutra direção. Necessidades consideradas mais prementes tiveram precedência, em vez de uma Casa de repouso abriu-se um Colégio, e a divisão da Inspetoria foi relegada a melhores tempos.

Como é sabido, as idéias precisam de tempo para amadurecer. São muitas as condições que devem ser estudadas e preenchidas até que um dia chegue a sua vez.

DESMEMBRAMENTO DA INSPETORIA

O Capítulo Geral desenvolveu-se em Turim, nos últimos dias de julho e primeiros de agosto de 1958.

No dia 9 de agosto, reuniu-se pela primeira vez o Capítulo Superior com os Conselheiros recentemente eleitos. Uma das primeiras decisões foi desmembrar a Inspetoria do Recife, "a maior da Congregação", surgindo assim a Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia, destacada da do Recife, com sede inspetorial em Manaus, que recebeu o título de São Domingos

Sávio, compreendendo os estados do Maranhão, Pará e Amazonas, com os territórios limitrofes.

Para a Inspetoria desmembrada foi nomeado Inspetor o Pe. Miguel D'Aversa e ao Pe. Agenor Vieira Pontes foi cometida a direção da Inspetoria do Nordeste.

O Pe. Agenor chegou ao Recife no dia 18 de outubro, acolhido com as demonstrações de acatamento peculiares da ocasião. Nos dias 25 e 26 se desenvolveu a Festa do Pe. Inspetor com que a Inspetoria se despede com saudade do Pe. Miguel D'Aversa e recepciona com alegria o Pe. Agenor Vieira Pontes.

Pela madrugada do dia 27 o Pe. D'Aversa viaja para Manaus. Mergulha no trabalho da organização da nova Inspetoria com tanta aplicação, que é elevado à dignidade episcopal. Em 5 de agosto de 1962, na Basílica do N. S. Auxiliadora, em Niterói, é sagrado Bispo Titular de Macri e Prelado de Humaitá, e muito tem trabalhado para o bem de seu rebanho.

Abençoado pela gratidão de todos a quem beneficiou em seu longo curso de catequista, mestre de noviços, diretor, inspetor e bispo, está participando do júbilo desta data centenária.

CAPÍTULO XX

ALBORES DE RENOVAÇÃO

1958 - 1964

VIDA NOVA

Começa o ano de 1959 com o novo Inspetor, Pe. Agenor Vieira Pontes dirigindo a Inspetoria, tendo como assessores o Pe. Gino Compagnin, Ecônomo Inspetorial e o Pe. Edvaldo Gonçalves Amaral, como Secretário Inspetorial e Delegado Inspetorial para os Cooperadores.

Compõem o Conselho Inspetorial os Pes. Antonio José de Carvalho, Pedro Falcone, Antonio Viet e Angelo Visentin.

A Inspetoria consta de 13 Casas, contando as sucursais, localizadas na Bahia, Aracaju, Carpina, Jaboatão (Colônia e Oratório), Frei Caneca, Cajazeiras, Natal, Fortaleza, Juazeiro (Colégio e Escola Agrícola), Baturité e Recife, que é a Casa Inspetorial.

PESSOAL E PRESENÇAS

Um rápido recenseamento nos informa que o pessoal da Inspetoria é constituído de 152 salesianos: 73 sacerdotes, 28 coadjutores e 51 clérigos, dos quais 16 são estudantes de teologia, 22 são tirocinantes e 13 estudantes de filosofia. Em Jaboatão, 8 noviços, sendo 4 da recém-criada Inspetoria de Manaus, se preparam para a vida religiosa.

Em Salvador, os salesianos trabalham com o curso ginásial e primário, em regime de internato e externato. As Escolas Profissionais, em regime de internato gratuito, abrigam mais de uma centena de alunos alfaiates, marceneiros, ebanistas, mecânicos, tipógrafos e encadernadores. Sob a direção do Pe. Natal Griglio, atendem à piedade dos fiéis no Santuário e cuidam de desenvolver o Oratório Festivo e a bem organizada União dos Ex-alunos.

O Pe. Natal De Lugan dirige a Casa de Aracaju com internato e externato para alunos dos cursos primário e ginásial. A recém-criada Paróquia e o Oratório Festivo anexo completam o trabalho dos Filhos de Dom Bosco em Aracaju.

Em Recife se encontra o veterano Colégio Sagrado Coração, onde os salesianos dirigidos pelo Pe. Pedro Falcone labutam com internato para os cursos primário e ginásial e externato para os cursos primário, ginásial e

INSPETORIA

SÃO LUIZ GONZAGA

1958



colégial nos turnos diurno e noturno. Atendem também a um semi-internato e a uma agonizante escola profissional. Continua o atendimento religioso no Santuário. Encontram-se em fase adiantada de construção, aos cuidados do Pe. João Seu, as Escolas D. Bosco do Bongi.

Subindo o planalto encontramos o Colégio Padre Rinaldi, em Carpina, com o aspirantado e um externato. Dirige todo o apostolado o Pe. Guido Tonelotto.

Em Frei Caneca, o vetusto Colégio São Joaquim cuida de seus órfãos, em regime de internato, com escolas profissionais e agrícola, animados pelo mais que valoroso Pe. Luiz Cinciripini.

O noviciado permanece na Colônia de Jaboatão, onde se encontra também um aspirantado para o curso primário e um oratório festivo. Os salesianos atendem aos fiéis no Santuário sob a direção do Pe. Gino Moratelli.

Encarregado do Oratório Dom Bosco da cidade de Jaboatão, é o Pe. Aurino Caracciolo.

Na Paraíba, os salesianos cuidam do Colégio Pe. Rolim, de Cajazeiras, com curso primário e ginásial, internato e externato, escola noturna gratuita e o oratório festivo. O Pe. João Batista Costa é o diretor da Casa, que completa o apostolado com a igreja pública.

Em Natal, trabalha-se no Estudantado Filosófico, no curso primário em regime de externato e no oratório festivo, além do atendimento a duas capelanias. Dirige todo o trabalho o Pe. Tiago Gallo.

No Ceará, os salesianos trabalham em Fortaleza, com um curso primário e profissional, a paróquia e um oratório quotidiano dirigidos pelo Pe. Angelo Visentin.

A Casa de Baturité atende a um curso primário e ginásial para internos e externos, além da escola noturna e um incipiente aspirantado. O Oratório Festivo e a igreja pública completam o campo de apostolado cujo cultivo é dirigido pelo Pe. Antonio Lourenço.

Em Juazeiro do Norte se encontra o Ginásio São João Bosco com um curso primário diurno e noturno e um curso ginásial diurno. Há o Oratório Festivo e se está erigindo um Santuário. Tudo marcha sob os cuidados do Pe. Mário Daorizi.

É encarregado da Escola Agrícola S. José, com o aspirantado para meninos do Curso Primário, o Pe. Celestino Capra.

CASAS DE FORMAÇÃO

Na visão do novo Inspetor, Pe. Agenor, as casas de formação precisam de uma reforma e ele a empreende imediatamente.

É necessário qualificar melhor os professores, dando oportunidade a que os clérigos frequentem a Faculdade, enquanto fazem o curso de filosofia, podendo assim se habilitar a ensinar legalmente nos ginásios.

Para preencher esse requisito, ao terminar o ano letivo de 1958, o Inspetor fecha o Instituto Filosófico de Natal e encaminha os clérigos para Lorena (11) e São João del Rei (2). Foi tal a urgência da mudança que não houve tempo, ou ninguém se lembrou, de comunicar a decisão ao Bispo Diocesano que só veio a tomar conhecimento do fato consumado.

GINÁSIO SÃO JOSÉ

Então o Diretor, Pe. Tiago Gallo, transforma a capela interna em salão de teatro. Mesmo assim, os ambientes desocupados fazem a idéia de abrir um ginásio surgir espontânea. As famílias insistem. Finalmente, em outubro, o Pe. Agenor concorda com o plano. O Dr. Max Azevedo, Inspetor Seccional, após uma visita aos ambientes, autoriza o funcionamento e apadrinha a causa. Para agilizar os trâmites burocráticos põe à disposição do ginásio uma funcionária bem treinada.

Desse modo, o ginásio, autorizado a funcionar em 10 de novembro de 1959, realiza os exames de admissão e no ano seguinte começam as aulas, somente com a 1ª série, já sob a direção do Pe. Natal De Lugan (1960-1962).

NOVICIADO

Prosseguindo as reformas, o Inspetor transfere o Pe. Gino Moratelli para o colégio de Juazeiro do Norte, como Diretor. Separa, então, em Jaboatão, as atribuições do Diretor das do Mestre de Novícios nomeando, em 1959, para aquele cargo o Pe. Angelo Visentin e para este, o Pe. Luiz Santiago. Essa dicotomia durou apenas três anos, pois em 1962, volta a antiga disposição, com o Pe. Luiz Santiago acumulando os dois cargos.

ASPIRANTADO

A direção do aspirantado de Carpina também sofre modificações, assumindo como diretor o Pe. Antônio José de Carvalho.

O Inspetor organiza o aspirantado para irmãos coadjutores, adido ao Colégio do Recife, encarregando do mesmo o Pe. Manoel Alves, substituído em 1959 pelo Pe. Juarez Macedo.

É consolador verificar que os aspirantes já vêm cooperando com o Colégio, prestando grande auxílio não só nas diversas oficinas, como também no Santuário e na banda musical.

Durante o mês de janeiro de 1960 muitos deles foram em gozo de férias para as próprias famílias, em obediência as novas normas emanadas de Roma.

TEOLOGADO

Em 1960 acrescenta-se uma fase à formação dos sacerdotes. É o Curso de Pastoral, uma espécie de pós-graduação, com um ano de duração, para os padres recém-ordenados, os quais se concentram no Colégio do Recife. Essa disposição durou apenas dois anos (1960 e 1961).

Na revoada das modificações das casas de formação, o Inspetor dispersa os clérigos que iniciam os estudos teológicos em 1961, encaminhando-os para a Argentina ou para a Espanha.

VOCAÇÕES

Organizadas as casas de formação, cumpre povoá-las com as vocações que Deus envia, ou que são procuradas.

Com esse fim, a Inspetoria se empenha numa grande Campanha das Vocações Salesianas. Desde que se encerra o ano letivo de 1959, em vez de gozar as merecidas férias, o Pe. Olavo Coimbra começa a percorrer o Ceará, de alto a baixo, organizando centro de vocações nas diversas paróquias com os reverendos vigários e catequistas nos grupos e colégios.

O Pe. Olavo é um organizador nato e sabe como ninguém se fazer auxiliar. Dessa forma, o resultado não se fez esperar e foi bastante consolador. Logo no primeiro ano encaminhou 79 meninos, distribuídos por entre o aspirantado (curso primário) de Juazeiro e Jaboatão, e uns tantos (curso ginasial) para Carpina.

DISTRIBUIÇÃO DO PESSOAL

Para aproveitar melhor os diversos carismas e aptidões, ainda em 1960, o Pe. Inspetor, promove uma intensa movimentação do pessoal. O Pe. Manoel Nazareno de Araujo é indicado para a direção do Colégio de Aracaju. Para dirigir o Liceu da Bahia é nomeado o Pe. Belchior Maia, enquanto o Pe.

Antônio Lourenço assume a Paróquia da Piedade, e o Pe. Joaquim Falcão, a direção da Casa de Baturité, onde só fica um ano, sendo no ano seguinte substituído pelo Pe. Paulo Cabral da Rocha. Volta então a dirigir a Paróquia da Piedade.

COOPERADORES

Vocações e cooperadores formam um binômio inseparável. Enquanto o Pe. Olavo recruta aspirantes, o Pe. Edvaldo Amaral se desdobra na difusão e organização da Pia União dos Cooperadores Salesianos.

Tanto que o Pe. Luiz Vasconcelos registra na crônica do Colégio do Recife a 1ª de janeiro de 1960: "O ano novo raiou esplendente sob os auspícios mais venturosos para a Congregação Salesiana, como ano centenário do nascimento oficial (primeiras profissões) da nossa Família Religiosa e com o 1º Congresso dos cooperadores salesianos da Inspeção do Nordeste aqui em Recife a se celebrar em julho vindouro".

E não é um simples arroubo poético. Sob a direção do Pe. Edvaldo Amaral o movimento dos Cooperadores toma um impulso colossal. O Delegado Inspeccional visita não só as Casas Salesianas, mas as várias Paróquias do interior e dirige o periódico Cooperador Salesiano que mantém o vínculo entre os cooperadores.

Para prestar maior organicidade ao apostolado, o Pe. Edvaldo inicia um programa "Acertando os ponteiros" na Rádio Relógio e posteriormente, no dia 31 de janeiro de 1960, inaugurou mais um programa radiofônico: "Vozes do Céu", do qual ele próprio se encarrega dos papéis de produtor e apresentador, na Rádio Olinda. Na primeira audição, ocupou o microfone o Sr. Arcebispo Metropolitano, D. Antonio Almeida de Moraes Júnior, aprovando e abençoando a iniciativa.

O programa vai ao ar aos sábados, às 17:30hs. Consta de um comentário, de alguns minutos de doutrinação cristã e, na terceira parte, de notícias religiosas, especialmente salesianas, e resposta às consultas dirigidas ao Centro.

E passou também a organizar através de ampla propaganda na imprensa falada e escrita, o Encontro Inspeccional dos Cooperadores Salesianos que veio a se realizar de 21 a 24 de julho de 1960.

O PROGRAMA

O programa do Encontro compreendia duas partes distintas: a parte técnica, de organização e estudo, e a parte das solenidades e comunicações.

Ao estudo foram destinadas as sessões da manhã. Os temas eram confiados a grupos de estudo assim divididos: Dirigentes, homens, senhoras, senhoritas. As sessões da noite eram reservadas para as solenidades. Os temas primários do encontro foram: 1 - Finalidades da Cooperação Salesiana: Formação Espiritual; Vocações; Juventude; Boa Imprensa. 2 - Organização da Cooperação Salesiana: O Centro; Na Paróquia.

O ENCONTRO

Contando com a participação das delegações dos vários Centros da Inspetoria, abriu-se oficialmente o Encontro na tarde do dia 21 de julho, às 17 horas, com a Missa celebrada por D. Antonio Almeida de Moraes.

A sessão solene, realizada em seguida, focalizou "O Cooperador Salesiano, na Congregação e na Igreja" e foi abrilhantada pelo coral São José.

Nas manhãs dos dias 22 e 23, cerca de 500 congressistas inscritos tomavam parte ativa nas discussões, que se faziam num ambiente de entusiasmo e compreensão.

A copiosa chuva não impediu a romaria a Carpina, programada para a tarde do dia 22. Lá puderam os congressistas verificar a pujança da obra salesiana e dedicar-se, em sessão solene, presidida por D. Manuel Pereira, Bispo de Nazaré, ao estudo do apostolado das vocações.

A escola de canto do aspirantado executou nos intervalos escolhidos números de música recreativa, enquanto a Banda do Instituto Orfanológico S. Joaquim emprestava também seu concurso artístico, como aliás em todos os outros atos do encontro.

ENCERRAMENTO

Às 20 horas do dia 23, houve a sessão solene de encerramento do Encontro, presidida por D. Antonio Campelo. Reservou-se para essa sessão a saudação oficial da Pia União ao Santo Padre e à Hieraquia. O tema central, "Dom Bosco, a Igreja e os Cooperadores Salesianos", constituiu as últimas notas do grande concerto que foi, de fato, o Encontro Inspetorial dos Cooperadores Salesianos.

Após a leitura das conclusões, o Pe. Edvaldo Amaral declarou encerrados aqueles dias de encontro que, longe de fechar, abriam caminho para uma imensa messe para o bem das almas.

O mau tempo não permitiu a visita a Jaboatão, como fora programado, pelo que, a missa de encerramento foi celebrada no Santuário. Era um domingo, 24 de julho de 1960.



Os cooperadores vão reverenciar o Sr. Arcebispo

LAJEDO

Em 1959 a situação da casa de Lajedo não era risonha. A opinião do Pe. Inspetor, corroborada por alguns conselheiros, era de que "a construção é grandiosa e bem feita, o terreno vasto, o lugar isolado. Porém, a falta de água e de chuvas regulares, água ruim, zona sujeita a seca, comunicações difíceis. Em suma: impressões negativas".

A Casa esteve na mira para ser fechada, o que felizmente não se consumou.

Mas outras Presenças salesianas da região tiveram menos sorte.

FECHA CAJAZEIRAS

Nos primeiros dias de 1960 o Pe. Inspetor, tendo reunido o Conselho, já com permissão do Capítulo Superior, resolveu fechar de vez a Casa Salesiana de Cajazeiras.

Um conjunto de coisas, circunstâncias e causas levou o Conselho a esta deliberação: o número reduzido de internos (uns vinte em 1959) e de externos (uns setenta com curso primário). Outrossim, nas cidade circunvizinhas abriram-se ginásios, "sendo esta a mania atual das pequenas cidades do interior". Acresce também a inclemência do tempo com a seca tremenda que periodicamente assola a região.

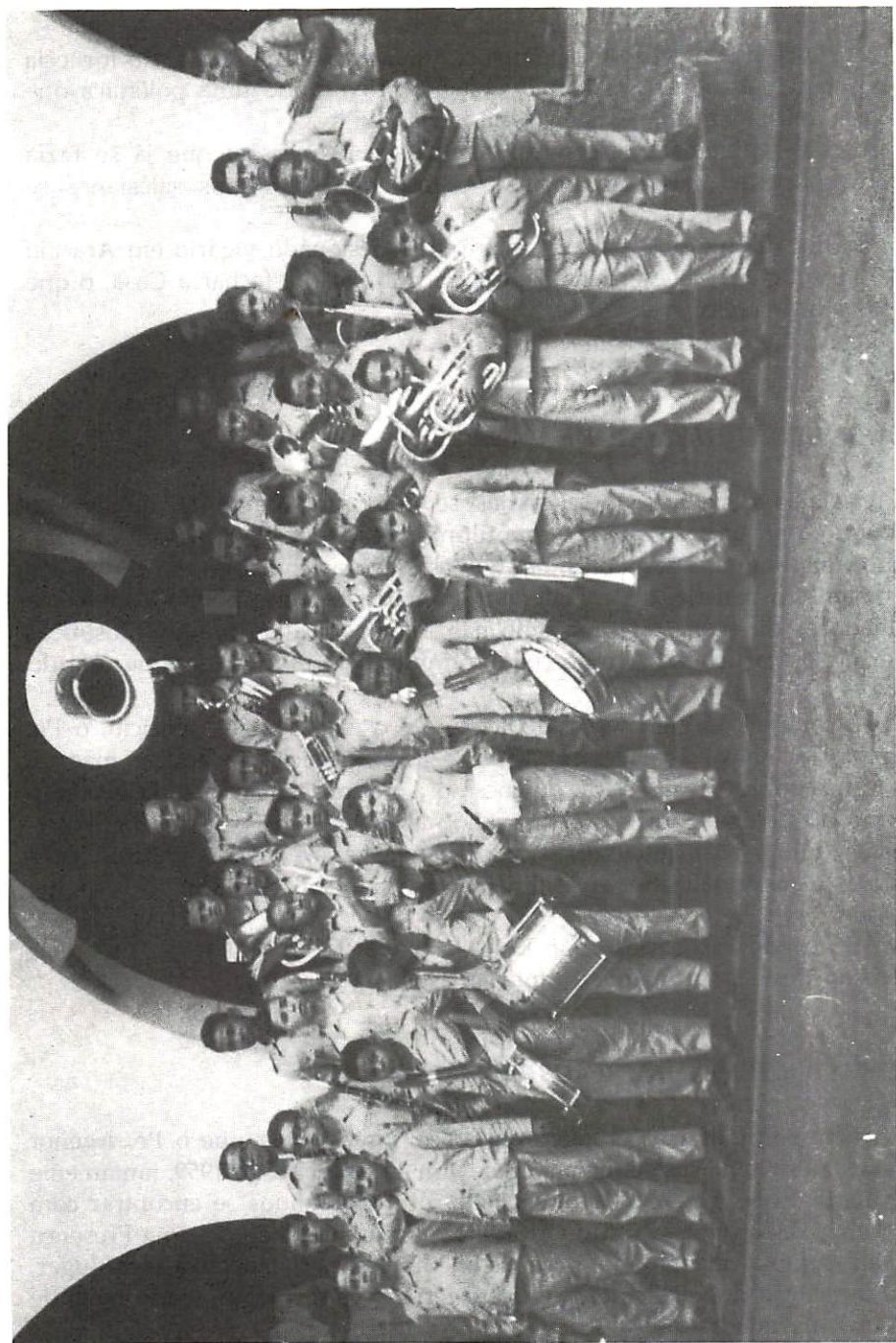
O Pe. João Batista Costa, diretor do Colégio, foi o encarregado de entregar ao Bispo diocesano a carta com a deliberação do Conselho. Dizem que o Sr. Bispo ficou muito sentido com a retirada dos salesianos de Cajazeiras, e não era para menos. Os salesianos o ajudaram muito no ministério sacerdotal e em todas as circunstâncias.

"E assim D. Zacarias Rolim, perdeu o auxílio que há anos os filhos de S. João Bosco vinham prestado à cidade," conclui a crônica original desta nota.

FECHA SÃO JOAQUIM

O Pe. Agenor resolveu enfrentar o problema do Colégio São Joaquim, que desta vez deixou sua posição de calcanhar de Aquiles da Inspetoria.

Com o Pe. Luiz Cinciripini e sua equipe, o Colégio tinha alcançado uma posição destacada no contexto social pernambucano. Chegou mesmo a vir ao Recife participar de algumas festividades, merecendo de todos os mais rasgados elogios pela organização e disciplina. A banda de música, sob a regência do Coad. Pautilo Lira, exibiu-se na televisão, grangeando aplausos calorosos dos entendidos.



Banda de música do Colégio S. Joaquim

Mas o cerne do problema permanecia intacto: a Santa Casa não fornecia os meios necessários para manter o Colégio, provocando uma polêmica que azedava o relacionamento com os salesianos.

A esse problema acrescenta-se a escassez de pessoal que já se fazia sentir. Com pesar, mas com firmeza, o Inspetor resolve: os salesianos se retiram.

No fim do ano, o Pe. Luiz Cinciripini é designado vigário em Aracaju e o Pe. Luiz Prata recebe ordens de assumir a direção e fechar a Casa, o que foi feito em fevereiro de 1961.

Dessa vez, decisivamente.

O MARINHEIRO DO MAR DE CANA

Mas não deixemos os salesianos se irem sem o registro do esforço missionário, por mais do que por esta última década, do Pe. Carlos Pederzini. Falando uma língua estrambótica em que as palavras começam em português e terminam em italiano, o Pe. Pederzini era compreendido por todos aqueles trabalhadores da palha da cana, que não entendem altas tiradas filosóficas em português castiço, mas compreendem muito bem a linguagem da fé e do amor.

De compleição gigantesca, dedicado até o extremo do sacrifício, o Pe. Pederzini marinava sem cessar, acima e abaixo, por todo aquele mar de cana, numa pobre cavalgada, ou mesmo a pé, missionando toda a região em torno do Colégio São Joaquim, levando ao pobre uma palavra de conforto cristão, um pensamento religioso para amenizar as dores daqueles seres sofrendores e marginalizados que afinal, foram também remidos pelo sangue de Cristo.

Abençoado Pe. Carlos: Que Deus te tenha em Sua glória, como estás no coração deste povo a quem tanto amaste!

AS CASAS QUE NÃO EMPLACARAM

Quem compulsar as crônicas da época, virá a saber que o Pe. Agenor tencionava abrir uma casa em Garanhuns. Em 3 de janeiro de 1959, juntamente com o Pe. Falcone e o Pe. Gino Moratelli, foi a Garanhuns se encontrar com o Sr. Bispo, D. Adelino, a fim de estudarem a possibilidade de uma Presença salesiana naquela cidade. Foram ótimas as impressões das pessoas e do lugar. Atraiu a atenção dos visitantes um vasto terreno com colégio, tendo mais de 36.000 metros quadrados.

Amabilíssimo, o Sr. Bispo se mostrou disposto a remover quaisquer obstáculos para implantar a Obra Salesiana em Garanhuns. Para tratar de tudo delegou Mons. Ademar, pois "reservam-se grandes perspectivas de uma vasta Obra naquela cidade."

Mas a idéia murchou no botão, porque depois não se fala mais no assunto.

NA BORBOREMA

Melhor sorte teve Campina Grande.

Apenas saídos os salesianos de Cajazeiras, o Pe. Agenor enviou, em fevereiro de 1960, o Pe. João Batista Costa a Campina Grande, cidade com expressivo comércio e indústria da Paraíba, para, de entendimento com o Bispo e autoridades do lugar, abrir um curso de admissão num edifício provisório, com a intenção de ampliar para um ginásio no ano seguinte.

O ambiente local já estava preparado pois, em dezembro de 1959, o Pe. Pedro Falcone tinha levado àquela cidade uma comitiva de salesianos do Recife. Aí se levou em cena a peça teatral "Alma sertaneja", de Amélia Rodrigues, espetáculo precedido de uma conferência sobre Dom Bosco e sua Obra gigantesca no mundo. Ao mesmo tempo foi uma propaganda para a cidade em prol dos salesianos.

O Sr. Bispo diocesano, D. Otávio de Aguiar, de acordo com o prefeito e vereadores, se propõe doar à Congregação Salesiana um grande terreno em um dos bairros mais importantes da cidade para que, com o tempo, os Salesianos levantem um ginásio e igreja paroquial.

Deste modo, se iniciaram as atividades, tendo como diretor o Pe. João Batista Costa, auxiliado pelo Pe. Adriano Tourinho, com uma escola primária, que funcionava provisoriamente num grupo escolar ao lado da bela Igreja do Rosário, e um Oratório Festivo.

No fim do ano o Pe. João Costa foi substituído pelo Pe. Manoel Soares Caldas que aí trabalhou nos anos de 1961 e 1962.

Mas também essa fundação não se desenvolveu. Após bruxulear por mais dois anos, sob os cuidados do Pe. Osias Teixeira Leite, se apagou em 1965.

ESCOLA AGRÍCOLA SÃO JOSÉ

São poucos os dados disponíveis para avaliar o desenvolvimento da Escola Agrícola São José, de Juazeiro. Esta falta de notícias consolida a idéia

de que as Escolas Agrícolas, ao menos as salesianas, não vingam no Brasil, pois esta teve o mesmo destino das outras.

Já fixamos umas poucas notícias que foi possível obter. Em 1960 foi designado diretor o Pe. Paulo Cabral da Rocha, que no ano seguinte, nomeado diretor do Colégio de Baturité, foi substituído pelo Pe. Paulo Ribeiro de Carvalho. -

A Escola, com o aspirantado, funcionou precariamente ainda durante alguns anos, até 1964, quando o diretor recebeu ordem de fechar a Casa.

VISITADOR EXTRAORDINÁRIO

Em 1960 faz a visita canônica à Inspetoria o Pe. Modesto Bellido, Conselheiro do Capítulo Superior, encarregado das Missões. Vindo de Belém, iniciou a visita chegando a Fortaleza no dia 16 de abril e demorou-se até os fins de maio, percorrendo todas as Casas.

CRESCE A CASA DE CARPINA

O Oratório de Carpina teve início no dia 12 de junho de 1960, com o título de Oratório São Domingos Sávio, sob recomendação do Visitador.

Neste mesmo ano, a 8 de setembro, D. Antonio Campelo fez a bênção da Capela Domingos Sávio, terminando a função com um grandioso Pontifical.

A semente da Obra Salesiana, no Carpina, caiu em terreno fecundo.

Por ocasião da inauguração do aspirantado, o Pe. D'Aversa prometera à cidade abrir também um externato. O externato prosperou tanto que se tornou necessário construir um prédio anexo para os alunos externos. O Pe. Agenor comprou uma área ampla, ao lado do aspirantado e assim, a 19 de março de 1962, foi solenemente inaugurado o novo prédio.

Os melhoramentos não pararam por aí. O Inspetor completou o aspirantado com algumas dependências e a casa para as Irmãs Salesianas, que por longos anos atenderam aos trabalhos da cozinha e lavanderia.

MAIS UMA PARÓQUIA

Os novos tempos exigem de todos uma nova orientação no apostolado. Tudo fazia entrever que em breve os salesianos seriam convidados a aceitar também a Paróquia de São José. De fato, em 28 de setembro de 1962, Mons. Calábria, representando o Sr. Bispo Diocesano, D. Manoel Pereira, empossa

o Pe. Antônio José de Carvalho, diretor, como primeiro vigário salesiano da Paróquia. O Pe. Genário Augusto de Melo é, na mesma ocasião, designado Vigário Cooperador. Posteriormente, a 4 de fevereiro de 1963, o Pe. Genário é empossado como vigário, e o dia 11 de setembro do mesmo ano marca o início da construção da Matriz com Missa Campal. O Pe. Genário exerceu seu cargo até 12 de fevereiro de 1967, quando transmitiu o mandato ao Pe. José Rolim Rodrigues.

CAPELAS E ALTARES

A 29 de março de 1960, no Recife, inaugurou-se a capela particular "das meditações" dos salesianos no novo edifício levantado atrás da sacristia do santuário, onde foi estabelecida a residência do Reitor da Igreja. "Parabéns aos esforços e ao tino administrativo e construtor do Pe. Prefeito, Pe. Bernardo Bicker", anotam. Nos fins da década de 80, com a construção das salas para o 1º ano primário, essa sala foi transformada em sala ambiente para as aulas de catecismo, e assim permanece até este ano centenário.

No Santuário, de maio a setembro de 1960, os dois altares, monumentos artísticos, de Nossa Senhora Auxiliadora e São José, são transferidos da posição inicial, dispostos lateralmente, abaixo dos vitrais, para a atual posição, de frente para a Assembléia.

Certamente houve razões de sobra para tal modificação. Mas não haja dúvida de que a harmonia do conjunto (altar e vitrais) ficou seriamente danificada. O observador atual não pode entender a mensagem dos vitrais que só se completa se se imaginar, e só o fará quem sabe da história, os altares na posição original.

A 15 de setembro de 1962 teve lugar a solene sagração do Santuário e dos altares de Nossa Senhora Auxiliadora e São José, com a reconsagração do altar de N. S. de Lourdes, realizada por D. Miguel D'Aversa, bispo missionário já nosso conhecido.

NA BAHIA

Em 1960 os salesianos aceitam a Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, na Bahia, sendo primeiro vigário o Pe. Jonas Magno Pinto, até 1965.

No dia 15 de agosto de 1961, a inauguração do Cine-Teatro Nazaré, fruto do esforço do Pe. Eduardo da Fonte, assinalou um grande melhoramento para o Liceu. A inauguração solene constou de concerto pela Orquestra sinfônica do Conservatório da Bahia ao qual estiveram presentes, além de

outras altas personagens, o Cardeal Dom Augusto Alvaro e o governador do Estado, General Juraci Magalhães.

Neste ano de 1961, o Liceu teve 323 alunos. Os aprendizes foram poucos e o Oratório Festivo não funcionou. As condições da Casa não permitiram agir diversamente.

UM FATO POLÍTICO

Em agosto de 1961, o Presidente da República, Dr. Jânio Quadros renuncia ao cargo. O fato é pouco expressivo para nossa história, a não ser na Bahia, onde os alunos tiveram uma semana de férias. Alguns acham que é uma grande conscientização política. Outros, que é muita folga mesmo...

MODIFICAÇÕES

Em 1963 o Liceu funciona com as quatro séries do curso ginasial, terceira e quarta séries primárias e curso de admissão, num total de 400 alunos.

O edifício sofreu grandes modificações, principalmente na sala da tesouraria, que passou a funcionar em novo local. Uma nova sala de espera veio ocupar o lugar da livraria que deixou de existir.

Embora com número reduzido de alunos, funcionou também o curso profissional, modalidade de apostolado que também está progredindo no Recife.

GRANDE ESPERANÇA

O dia 22 de julho de 1962 assinala um grande progresso para a Escola D. Bosco do Bongi, com a inauguração solene da capela D. Bosco. Realizou-a o Pe. Inspetor que nela celebrou a primeira missa e deu a primeira bênção solene. Houve grande participação dos oratorianos, povo e amigos da Obra Salesiana.

Essa solenidade representa, sem dúvida, um passo decisivo para o estabelecimento daquela grande obra que há vários anos absorve energias e vultosas somas e se constitui em grande esperança para as escolas profissionais.

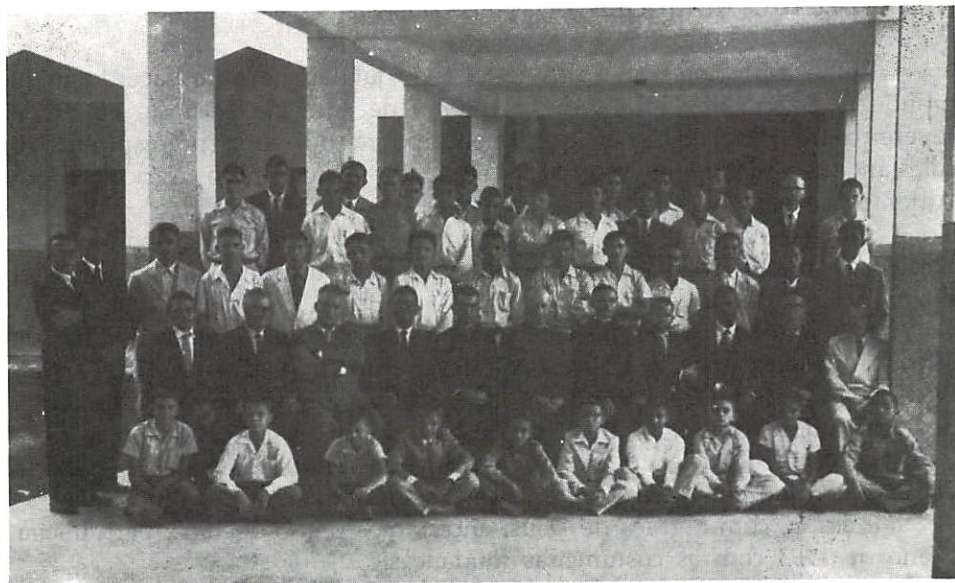
O Pe. Orlando Servadio, incansável construtor das novas Escolas, esmerou-se na preparação do ato.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Relacionado também com as escolas profissionais temos o lançamento, em 7 de outubro de 1962 de O COADJUTOR, órgão dos coadjutores da inspetoria, ótima iniciativa do Pe. Inspetor, levada à frente com a colaboração dos mesmos coadjutores.

O folheto-revista com edição aproximadamente trimestral, tinha circulação nacional, e deve ter tido alguma influência, pois surgiram publicações congêneres em outras partes do Brasil. Poderia ter se tornado um órgão nacional, porém, antes disso, faleceu por volta de 1965.

Na esteira dessas iniciativas destaca-se de 9 a 15 de dezembro de 1962, o retiro dos irmãos coadjutores, no Recife, seguido pelo Primeiro Congressinho. Várias sessões do Congresso foram presididas por Dom Miguel D'Aversa, de passagem pelo Recife, de volta do Concílio Ecumênico.



Congresso dos Coadjutores com os aspirantes que participaram

CONCÍLIO ECUMÊNICO

Em 25 de janeiro de 1959, Sua Santidade o Papa João XXIII anunciou solenemente a realização do Concílio Ecumênico, chamado Vaticano II, que encerraria definitivamente o Vaticano I, suspenso em 1870, por motivo das condições políticas do tempo.

Depois de três anos de intensa preparação, inicia-se o Concílio Ecumênico Vaticano II, com cerca de 2100 bispos de todo o mundo, notando-se com tristeza a ausência dos bispos das terras dominadas pelo comunismo.

Todos consideram uma nova Pentecostes, uma reviviscência dos tempos apostólicos. A palavra de ordem é "atualização". Reconhecendo e proclamando o valor da tradição, o Concílio procura conferir-lhe o devido lugar para que, mais livre e mais ágil, a Igreja possa atender com mais eficiência aos desafios apresentados pela sociedade hodierna.

E para efetuá-lo os salesianos abrem mais uma Casa.

APRENDIZADO AGRÍCOLA DOM LUSTOSA

Como parte integrante dos festejos do jubileu de ouro sacerdotal do grande arcebispo de Fortaleza, D. Antonio de Almeida Lustosa, em 9 de fevereiro de 1962 lançou-se a primeira pedra do novo pré-aspirantado salesiano do Ceará, que recebeu o nome de Aprendizado Agrícola Dom Antonio Lustosa.

Situa-se no município de Maranguape, na região metropolitana de Fortaleza, no local chamado Acaruzinho, que mudou o nome para Vila Dom Bosco.

À solenidade esteve presente elevado número de salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora, o Sr. D. Lustosa, o governador do Estado Dr. Parsifal Barroso, D. Antonio Campelo, Bispo de Petrolina, e outras autoridades, além de cooperadores e amigos de Dom Bosco.

O discurso oficial foi proferido pelo Dr. Mauro Benevides, Secretário do Interior, que enalteceu a obra salesiana de amparo à juventude.

E assim, com a graça de Deus, encerramos o ano de 1962, para iniciar o ano de 1963 com as costumeiras mudanças.

CONGRESSINHO MARIANO

Nos meses de setembro e outubro de 1963, desenvolveu-se um Congressinho Mariano, com os fins de comemorar o 60º aniversário da

Coroação Pontifícia de Maria Auxiliadora, em Turim, propagar a devoção e o culto de Maria Axiliadora, e despertar e angariar vocações.

Nota específica do Congressinho é que foi volante, no sentido de que a equipe promotora dos trabalhos de organização e execução se deslocou pelas Casas de Juazeiro, Baturité, Fortaleza, Natal, Aracaju, Salvador, Recife e Carpina, onde em três noites havia sessões, desenvolvendo-se oportunos temas abrilhantados por diversos números de arte.

Participaram também as Filhas de Maria Auxiliadora de Fortaleza, Baturité, Natal e Capunga, no Recife.

No final do congresso em quase todas as cidades houve uma procissão luminosa e a coroação de Maria Auxiliadora. Concluiu todo o trabalho, uma imponente romaria de mais de 500 pessoas, partindo do Recife para o Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, em Jaboatão.

Há motivo de sobra para agradecer à Virgem sob cujo excelso patrocínio vem se desenvolvendo uma Casa que já se tornou cinquentenária.

CINQUENTENÁRIO EM ARACAJU

Uma semana de festividade, de 24 a 30 de novembro de 1963, encerrou as comemorações do ano cinquentenário da obra salesiana em Aracaju, ou mais precisamente, no local em que se encontra presentemente.

Como cresceu a pequenina semente!

Ao completar 50 anos, o Ginásio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora mantém as duas seções de internato e externato com os cursos primários e ginásial. Tem uma florescente Paróquia e um modelar Oratório, funcionando pela manhã e à tarde, com aulas primárias gratuitas, merenda escolar e outras obras de assistência à juventude pobre da periferia. O Centro dos Cooperadores é dos mais desenvolvidos da Inspetoria.

Para celebrar dignamente a festividade, a opinião pública foi preparada por uma série de palestras radiofônicas e artigos na imprensa local. No noite de 27, nos pátios internos do Ginásio, houve uma vigília bíblico-litúrgica, segundo a intenção da união das Igrejas.

Na quinta-feira, oficiada pelo Pe. Inspetor, e no contexto da renovação litúrgica incentivada pelo Concílio, realizou-se a solene Missa das ofertas, com ritos litúrgicos do século VII e a participação ativa de grande massa de cooperadores e fiéis da paróquia. A cerimônia foi preparada e dirigida pelo Pe. Olavo Coimbra, com a experiência adquirida em outras ocasiões.

Na sexta-feira foi feita a homenagem à cidade e ao governo do Estado com imponente desfile cívico dos alunos. À noite, no Salão Teatro, inteiramente superlotado, teve lugar a sessão dedicada aos cooperadores, com uma conferência do Pe. Edvaldo Amaral, sobre a ação da Terceira Família neste meio século de atividade salesiana em Sergipe.

No sábado, 30, houve a missa de formatura dos concluintes do ginásio, e à noite, realizou-se a sessão solene comemorativa da data jubilar, com discurso do ex-aluno J. Freire Ribeiro. O paraninfo da turma, Governador Seixas Dória, encerrou a sessão.

A SURPRESA

Em fevereiro de 1964 é designado para a Inspetoria do Nordeste um novo inspetor na pessoa do Pe. Geraldo Pompeu de Campos, ecônomo inspetorial da Inspetoria de Belo Horizonte.

Marcado o dia da posse, os diretores das várias Casas reuniram-se no Recife, em 31 de março, para recepcioná-lo. Em vão esperaram e ele não chegou porque, devido à crise política que se instalou no Brasil naquela data, o avião em que viajava o Pe. Pompeu foi detido em Aracaju. A expectativa crescia por falta de notícias quando, por volta das 9 horas da noite do dia 1º de abril, com grande surpresa de todos, chegou o Pe. Inspetor. Os problemas políticos já tinham serenado e as companhias aéreas voltado a funcionar.

Após transmitir o cargo, a 7 de abril viajou o Pe. Agenor para o sul do país.

O PADRE PONTES

O Pe. Agenor Vieira Pontes, antes de ser eleito Inspetor do Nordeste do Brasil, já assumira cargos de responsabilidade no sul e atuara como Inspetor em Portugal, numa Inspetoria que incluía as casas das províncias ultramarinas da África e do Oriente. Trabalhou na recém-criada Inspetoria do Nordeste com orientações práticas. Teve sempre um cuidado especial para com as casas de formação.

Durante seu governo o movimento dos cooperadores foi amplamente dinamizado. Em Recife, Carpina, Aracaju, Juazeiro, Baturité e Natal tem-se feito anualmente o retiro espiritual externo para as cooperadoras. Em Juazeiro, participam também os cooperadores. O número de cooperadores que era de cerca de cinco mil ao assumir o governo da inspetoria o Pe. Agenor Pontes, no final de seu mandato passava de dez mil, com uma bem organizada distribuição do suplemento do Boletim Salesiano.



Pe. Agenor Vieira Pontes

SANTUÁRIO

Em 29 de fevereiro de 1964, D. Antonio de Almeida Lustosa procedeu à consagração do altar de D. Bosco. Durante a função o Pe. Olavo Coimbra ia explicando aos fiéis o significado de cada cerimônia, que ainda foi oficiada em latim. A 23 de julho, se começou a celebrar as missas do Santuário em português.

ATUALIZAÇÃO

O advento dos novos tempos exige uma atualização intensiva de todos os membros da Igreja. Dentro desse espírito, de 11 a 13 de agosto, a Arquidiocese promove um tríduo de preparação de líderes para a renovação litúrgica, no Salão Brasil, com participação de grande número de fiéis. As aulas foram ministradas pelo Pe. Zildo Rocha, do clero diocesano, e pelo Pe. Nimauro Maurício, salesiano, coadjuvados por alguns seminaristas. Concluiu-se o curso com uma paraliturgia, que serviu de amostra dos temas estudados.

Pouco antes, as Casas de Pernambuco tinham tido uma visita ilustre.

VISITA DE TURIM

De passagem para a Argentina, onde se iam realizar grandes manifestações pela chegada dos restos mortais do Cardeal Cagliero,

desembarca no Recife, procedente da Europa, às 4 horas da manhã do dia 26 de abril, o Pe. Modesto Bellido, conselheiro do Capítulo Superior. Pela manhã, juntamente com o Pe. Inspetor, o Pe. Bellido visitou o aspirantado de Carpina e, à tarde, foi a Jaboatão. No dia 27 fez uma conferência à comunidade, seguindo viagem no mesmo dia.



Pe. Geraldo Pompeu de Campos

CAPÍTULO INSPETORIAL

Mais uma vez é convocado o Capítulo Geral. Como etapa preparatória reúne-se o Capítulo Inspetorial, nos dias 16 e 17 de julho de 1964, resultando eleito delegado ao Capítulo Geral o Pe. Luiz Santiago de Araujo.

Como de praxe passou-se a estudar os temas propostos para o Capítulo Geral:

- 1º - Governo da Congregação;
- 2º - As Casas e Obras Salesiana;
- 3º - Formação do pessoal;
- 4º - Práticas de piedade;
- 5º - Apostolado salesiano.

Relator do primeiro tema foi o próprio Pe. Inspetor. Na discussão se tratou da proposta de que um Conselheiro do Capítulo Superior seja constituído supervisor de um grupo de inspetorias. Por outro lado, discutiu-se a conveniência de que a Casa Inspetorial tenha sede separada do Colégio.

O segundo tema teve com relator o Pe. Francisco Colares. Entre as várias intervenções que se seguiram, uma é bastante sugestiva: "os internatos

precisam mudar". Foram feitas também algumas propostas que merecem destaque:

- Promover as associações de Pais e Mestres;
- Promover encontros de catequistas e conselheiros;
- Pensar na orientação educacional, que se acha conveniente seja

exercida pelo próprio diretor.

O terceiro tema foi desenvolvido pelo Pe. Antonio José de Carvalho. Vivamente discutido, concluiu-se pela constatação de que "as profundas transformações que sacodem a sociedade atual atingem também a vida religiosa". Um dos fenômenos que muito preocupa os responsáveis é a diminuição das vocações. Outra conclusão é de que "se verifica que o trabalho de procurar vocações de cidade em cidade tem trazido muitas decepções: para obter melhores resultados, procure-se fazer surgir vocações em nossas Casas".

Relatou o quarto tema o Pe. Luiz Santiago. Nas discussões foi sugerido que a missa diária, obrigatória para a comunidade salesiana, seja optativa para os jovens.

O expositor do quinto tema, Pe. João Batista Costa, fez notar que "enquanto tudo muda, temos um ponto fixo em nossa finalidade: a catequese. Todas as nossas obras: Oratório festivo, colégios, paróquias, têm o mesmo objetivo: catequisar".

Voltou à baila o assunto dos internatos, a respeito do qual foi mantida uma discussão viva e cordial, concluindo-se por admitir que "o internato ainda pode servir".

Essa concessiva mostra a rapidez com que os tempos estão mudando. As estruturas sentem o abalo sísmico das transformações introduzidas nas mentalidades pelas discussões e deliberações do Concílio Vaticano II. A realidade anda mais célere do que as decisões, e os próprios internatos não resistem a mais dois anos de vida.

Tudo muda, tudo se transforma, porém a Igreja se apóia numa rocha inamovível. Firme no que é eterno, renovando-se nos aspectos exteriores e passageiros, prossegue o apostolado salesiano nestas terras nordestinas, conforme será visto na parte seguinte.



Composto e Impresso na
Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios
Av. Gal. San Martin, 1449 - Bongi - Recife-PE
Fone: (081) 228-1444 - Fax: (081) 227-4080

